

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação

Curso de Mestrado em Psicogerontologia Comunitária

“Envelhecer sob um novo olhar”

As Representações Sociais das Crianças face à Pessoa Idosa

Isabel Valente Pereira

Beja

2015

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação

Curso de Mestrado em Psicogerontologia Comunitária

“Envelhecer sob um novo olhar”

As Representações Sociais das Crianças face à Pessoa Idosa

**Dissertação de Mestrado apresentada na Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Beja**

Elaborado por: Isabel Valente Pereira

Orientado por: Prof. Doutor José Pereirinha Ramalho

Beja

2015

RESUMO

O envelhecimento da população é uma realidade e deve ser encarado como um processo do desenvolvimento humano, que ocorre ao longo do ciclo de vida. Numa sociedade proclamada pela ONU de “sociedade para todas as idades”, a verdade, é que as representações sociais existentes face às pessoas idosas, condicionando a forma de nos relacionarmos com a população desta faixa etária, e somos, muitas vezes, levados a comportamentos e atitudes discriminatórias que estão subjacentes a mitos e a estereótipos.

Este estudo foi orientado no sentido de perceber quais as representações sociais construídas pelos alunos do Agrupamento de Escolas de Castro Verde face às pessoas idosas e que contou com a participação de 108 alunos do ensino básico.

Foram aplicados três instrumentos em simultâneo aos sujeitos participantes do estudo. O documento aplicado era constituído por três partes, em que a primeira parte consistia num Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), onde foram fornecidas duas palavras estímulo: Idoso e Velho. Seguidamente foi aplicado um inquérito por questionário (segunda parte), para uma breve caracterização geral dos participantes e por ultimo (terceira parte) foi aplicado uma escala para obter informações acerca das percepções das crianças face à pessoas idosa. A escala aplicada é uma escala ordinal do tipo Likert com quatro alternativas de resposta (de “1” a “4”) entre “discordo bastante” até “concordo bastante”. É constituída por 34 itens, os quais se organizam em duas dimensões. Após recolha da informação foi feita uma análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos, com o objetivo de perceber qual a visão destas crianças face às pessoas idosas. Seguido da análise da informação foi elaborada uma proposta de projeto de intervenção comunitária denominada “Envelhecer sob um novo olhar”, este projeto surge com a Missão de envolver a comunidade civil e escolar através de programas educativos, como agentes promotores de representações positivas em relação às pessoas idosas, contribuindo para uma mudança de paradigma em relação ao envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento, Educação, Sociedade Contemporânea, Pessoa Idosa, Criança, Representações Sociais.

ABSTRACT

Population aging is a reality and must be seen as a process of human development that occurs throughout the life cycle. In a society proclaimed by the UN of "society for all ages", the truth is that the existing social representations against the elderly, affecting the way we relate to the population of this age group, and we are often led to behaviors and discriminatory attitudes that underlie myths and stereotypes.

This study was guided to understand what the social representations constructed by students of the Castro Group of Schools Green face the elderly and with the participation of 108 elementary school students.

They were applied three instruments simultaneously to participants in the study. The document applied consisted of three parts, in which the first part consisted of a Words Free Association Test (TALP), where they were given two words stimulus: Elderly and Old. Then it applied a questionnaire survey (second part), for a brief general description of the participants and finally (third party) was applied a scale to get information about the perceptions of children from the elderly people. The applied scale is an ordinal Likert scale with four response alternatives ("1" through "4") between "rather disagree" to "agree a lot." It consists of 34 items, which are organized in two dimensions. After collecting the information was made a quantitative and qualitative data analysis, in order to understand what the vision of these children face the elderly. Followed by analysis of information a proposal for Community intervention project was elaborated called "Aging under a new look," this project comes up with the mission to involve civil and school community through educational programs, as promoters of positive representations regarding elderly, contributing to a paradigm shift in relation to aging.

Keywords: Aging, Education, Contemporary Society, Senior Adult, Child, Social Representations.

“ A melhor maneira de prever o Futuro, é criá-lo.”

Peter Drucker

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, aos **alunos dos 3º e 4º anos** do Agrupamento de Escolas de Castro Verde e respetivos professores titulares: **Prof.ª Barbara, Prof.ª Glória, Prof.ª Encarnação, Prof.ª Emília e Prof.º Paulo**, pela disponibilidade e colaboração, imprescindíveis para realização e concretização deste trabalho de investigação.

Às **Professoras Mª de Fátima Palma e Mª João Martins**, pela disponibilidade e prontidão na resolução das minhas solicitações.

Ao **Prof.º Dr. José Pereirinha Ramalho**, pela disponibilidade e orientação no percurso deste trabalho.

Ao **Prof.º Cesário Almeida**, pelo apoio em questões relacionadas com o programa SPSS.

Ao **Dr.º Paulo Pereira**, pela colaboração no tratamento estatístico dos dados.

À minha **Família**, pelo apoio e companheirismo neste meu percurso académico.

E a todas as pessoas que de alguma forma deram o seu contributo para a realização deste trabalho de investigação.

Índice Geral

Introdução	8
PARTE I - Enquadramento Teórico	11
1. Envelhecimento	11
1.1. Envelhecimento Humano	12
1.2. Envelhecimento Demográfico	14
2. “SER” numa Sociedade Contemporânea	17
2.1. O lugar da Criança na sociedade contemporânea	18
2.2. O lugar da Pessoa Idosa na sociedade contemporânea	19
3. Representações Sociais na Sociedade Contemporânea	20
3.1. Representações Sociais acerca do Envelhecimento	22
3.2. Representações Sociais das crianças face às pessoas idosas	24
4. O Antagonismo de uma sociedade para todas as idades	26
5. Mudança de perceção face às pessoas idosas	27
6. A Psicogerontologia Comunitária e as relações entre gerações	29
PARTE II – Estudo Empírico	32
1. Caracterização do Local de Estudo	32
1.1. Caracterização do Agrupamento de Escolas de Castro verde	32
2. Metodologia	33
2.1. Tipo de Estudo	34
2.2. Hipóteses do estudo	35
2.3. Amostra	35
2.4. Técnica de Recolha dos Dados	36
2.5. Procedimentos	37
2.6. Técnica de Análise dos Dados	42
2.6.1. Análise Quantitativa	42
2.6.2. Análise Qualitativa	44
3. Apresentação e Análise dos Resultados	45
3.1. Resultados do Inquérito por Questionário	45
3.1.1. Caracterização Geral da Amostra	45
3.2. Resultados do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)	48
3.3. Dimensões do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)	52
3.4. Análise dos Fatores	56
4. Discussão de Resultados	78
PARTE III – Proposta de Projeto de Intervenção Comunitária	91
1. Proposta de Intervenção Comunitária	91
1.1. Missão	97
1.2. Recursos	97
1.3. Objetivos gerais e específicos	98
1.4. Atividades	99
1.5. Cronograma	101
1.6. Resultados	101
1.7. Indicadores	102
1.8. Medidas	102
1.9. Sustentabilidade	102

1.10. Avaliação.....	102
Conclusão.....	104
Apêndices	113
Anexos	128

Índice de Tabelas

Tabela de Frequências I - Identificação do ano e turma dos alunos.....	45
Tabela de Frequências II - Distribuição dos alunos pelos 2 Centros Escolares (CE).....	45
Tabela de Frequências III - Género dos alunos	46
Tabela de Frequências IV - Idade dos alunos	46
Tabela de Frequências V - Localidade onde vivem os alunos	46
Tabela de Frequências VI - Proveniência de Meio Urbano e Rural.....	47
Tabela de Frequências VII - Alunos que vivem com pessoas idosas	47
Tabela de Frequências VIII - Número de idosos que vivem com os alunos	47
Tabela de Frequências IX - Qual o grau de parentesco dos idosos que vivem com o aluno	47
Tabela de Frequências X - Os alunos que convivem com pessoas idosas.....	47
Tabela de Frequências XI - Com que frequência ocorre o convívio com pessoas idosas	48
Tabela de Frequências XII - Quatro palavras associadas a "Idoso"	48
Tabela de Frequências XIII - Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso"	49
Tabela de Frequências XIV - Quatro palavras associadas a "Velho"	50
Tabela de Frequências XV - Duas palavras mais importantes associadas a "Velho"	51
Tabela de Frequências XVI - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso"	53
Tabela de Frequências XVII - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso"	54
Tabela de Frequências XVIII - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho"	55
Tabela de Frequências XIX - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho"	56
Tabela de Frequências XX - Percepções acerca das pessoas idosas	57
Tabela de Frequências XXIII - Idade dos Alunos.....	59
Tabela de médias XXI - Percepções acerca das pessoas idosas	57
Tabela de médias XXII - Escala de Percepções acerca das pessoas idosas.....	58
Tabela I Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	59
Tabela II Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis)	60
Tabela III Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	61
Tabela IV Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	61
Tabela V Relações entre os Fatores das Percepções acerca das pessoas "Idosas" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	62
Tabela VI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e o "Género" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	63
Tabela VII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e "Género" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	63
Tabela VIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e o "Género" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	64
Tabela IX Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e o "Género" (estatística e testes de Kruskall-Wallis)	65

Tabela X Relações entre os Factores das Percepções acerca das pessoas "Idosas" e o "Género" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	65
Tabela XI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	66
Tabela XII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	67
Tabela XIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	67
Tabela XIV Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	68
Tabela XV Relações entre os Factores das Percepções acerca das pessoas "Idosas" e a "Área de Residência" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	68
Tabela XVI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a "Presença de Idosos no agregado familiar" (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	69
Tabela XVII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskall-Wallis) ..	70
Tabela XVIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	70
Tabela XIX Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a presença de idosos no agregado familiar	71
Tabela XX Relações entre os Factores das Percepções acerca das pessoas idosas e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskall-Wallis)	72
Tabela XXI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a frequência de contactos desses alunos com as pessoas idosas	73
Tabela XXII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	74
Tabela XXIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	75
Tabela XXIV Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskall-Wallis).....	76
Tabela XXV Relações entre os Factores das Percepções acerca das pessoas idosas e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskall-Wallis)	77

Índice de Gráficos

Gráfico de Frequências I - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso"	53
Gráfico de Frequências II - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso"	54
Gráfico de Frequências III - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho"	55
Gráfico de Frequências IV - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho"	56
Gráfico de Médias I Escala de Percepções acerca das pessoas idosas.....	58

Introdução

O envelhecimento da população mundial é uma das realidades da atualidade e Portugal não foge à regra. Portugal mantém a tendência de envelhecimento demográfico, com a redução dos efetivos populacionais jovens, como resultado da baixa da natalidade, a par com o acréscimo do número de pessoas idosas, devido ao aumento da esperança de vida. Em resultado destas alterações, o índice de envelhecimento aumentou de 103 para 128 idosos por cada 100 jovens, entre 2001 e 2011 (RED nº48, 2011,p.9).

São de há muito conhecidos os fenómenos do envelhecimento na base e no topo da pirâmide etária. Na base, as baixas taxas de fecundidade e natalidade fazem com que a proporção dos mais novos seja cada vez menor (Nazareth, 1988 cit. in Capucha, 2005). Não apenas aumenta a proporção dos idosos como principalmente aumenta a esperança a esperança de vida e crescem categorias como a dos “grandes idosos”, expressão que resulta da crescente visibilidade do seu peso (Capucha, 2005,p.339)

A questão do envelhecimento demográfico e dos seus efeitos no equilíbrio da sociedade global não foi considerado, durante quase todo o século XX, como suficientemente importante para se criarem as condições necessárias à existência de uma pressão mediática. Sem esta pressão mediática, nos tempos que correm, não é possível a transformação das mentalidades nem emergir uma ação política com objetivos claros e sustentados no tempo por uma estratégia bem estruturada (Nazareth, 2009,p.12).

Os efeitos de um processo de envelhecimento não são necessariamente todos negativos e só são preocupantes quando não foram previstos nem planeadas as suas consequências. Uma mudança de paradigma na sociedade pode proporcionar a emergência de um novo tipo de sociedade. O envelhecimento demográfico é um constrangimento, mas também pode ser um conjunto de oportunidades (Nazareth, 2009,p.20). No entanto, o problema das pessoas idosas é muito mais do que apenas um problema de número: trata-se de um problema que tem uma dimensão social. Por outras palavras, não podemos ficar apenas pelos valores demográficos, por muito problemáticos que sejam (Osório et al, 2007,p. 24).

É conveniente avançar para uma análise das pessoas idosas enquanto fenómeno social entendido não só a partir dos gastos que pode gerar (saúde, assistência, pensões, etc.), como também a partir do problema de reconhecimento do seu papel social. Assim, o objetivo não é uma conceção assistencial dos idosos, mas permitir que todas as pessoas, particularmente as de idade mais avançada, desempenhem um papel próprio na sociedade, assumindo livremente os seus deveres e direitos com cidadãos de todas as idades (Osório et al, 2007,p. 25). Ao tornar-se um problema social, a velhice passou a mobilizar gente, meios, esforços e atenções consideráveis.

Mas se por um lado esta temática vem despertar a atenção de muitos, por outro continua a ser tema central quando se fala de preconceito, discriminação e marginalização, pois é notório o conceito de pessoa idosa surgir subjacente a mitos, atitudes e estereótipos, que conduzem de certa forma a pessoa idosa á exclusão da sociedade que se proclama ser para todas as idades. É fundamental a sociedade criar estruturas que valorizem a inclusão da pessoa idosa, de forma a garantir que estes possam partilhar as suas experiências, conquistar o respeito, liberdade e autonomia, fatores que são muitas vezes negligenciados pela vulnerabilidade do processo de envelhecimento. O processo de envelhecimento não pode apenas ser visto como um processo de degradação, por sermos uma sociedade onde se valoriza o “novo”, o ágil, a beleza, pois é esta a visão face á pessoa idosa que conseqüentemente a leva a acreditar que está desajustada da sociedade, o que certamente pode eclodir em sentimentos de depressão, tristeza e solidão. Neste sentido, o objetivo geral que orienta esta investigação visa compreender e conhecer quais são as representações sociais construídas pelas crianças face às pessoas idosas. Pretendemos ainda responder a alguns objetivos específicos, como quais as representações sociais construídas face à pessoa idosa; se a criança tem maioritariamente representações negativas ou positivas acerca da pessoa idosa; se as questões de género se refletem nas representações sociais construídas; e se o facto de contactar e/ou conviver com idosos influência a construção dessas representações.

Este trabalho está estruturado em três partes, em que na primeira parte será feito um enquadramento teórico, com uma abordagem aos temas relacionados com o envelhecimento humano e demográfico, passando também pelas representações

sociais. Na segunda parte surge referência à metodologia aplicada na realização deste estudo. E por fim, na terceira parte é apresentada uma proposta de intervenção comunitária, de forma a colmatar as necessidades identificadas.

PARTE I - Enquadramento Teórico

1. Envelhecimento

A passagem do século XIX para o século XX, a par das alterações económicas e sociais conhecidas, coincidiu com a transição demográfica, fenómeno que resultou da mudança de um regime com altas taxas de mortalidade e de natalidade para um outro em que estes indicadores se voltaram a equilibrar, mas a níveis muito mais baixos. De facto o declínio da mortalidade, a partir de finais do século XIX, começou por promover um rejuvenescimento, uma vez que afetou todas as classes etárias e, indiretamente, a natalidade. Nesta perspetiva, o declínio da mortalidade, ou a melhoria das condições de vida gerais de vida, não foi o principal fator responsável pela emergência do processo de envelhecimento das populações (RED nº50,2013,p.48).

A população idosa, ou seja, igual ou superior a 65 anos, representava em 2001, cerca de 16,5 %, reforçou essa posição aumentando continuamente até atingir os 19,0% em 2011. A estrutura etária da população portuguesa resulta das diferentes evoluções dos movimentos natural e migratório ao longo do período em observação, traduzida em uma nova distribuição dos grupos etários, com um número de pessoas idosas superior ao número de jovens, refletida nos indicadores demográficos normalmente apresentados para medir o envelhecimento (RED nº50, 2013,p.73).

Mesmo diante do fato do aumento do número de idosos na grande maioria dos países, o envelhecimento ainda não é suficientemente assimilado, pois persistem muitos preconceitos sobre ser idoso (Paratela e Correia, 2011, p.4), pois é um processo de transformação e mudança no desenvolvimento humano. Nesse sentido, o processo de envelhecimento envolve uma série de desafios para o indivíduo, podendo eles ser subjetivos, ao ter que se readaptar a novas situações que a idade traz, ou os desafios físicos, uma vez que as mudanças fisiológicas se acentuam nessa nova fase da vida (Paratela e Correia, 2011, p.4).

Envelhecer envolve, de facto, muitas mudanças no corpo, mas talvez a insistência científica em falar de tantas perdas para o sujeito que envelhece acabe por produzir

um olhar para essa idade do ciclo da vida marcado pelo signo do preconceito, do distanciamento, da piedade e outros olhares estigmatizados (Paratela e Correia, 2011, p.7).

1.1. Envelhecimento Humano

Sequeira e Silva (2002,p.01), referem-se ao processo de envelhecimento como um *“período de grandes mudanças no plano biológico, psicológico e social, bem como no plano das relações pessoa/mundo.”* E para Silva (2011,p.20) citando Costa (1999) *“...envelhecer é um processo de diminuição orgânica e funcional não decorrente de acidente ou doença e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo.”* Envelhecer significa a passagem por várias etapas na vida e em qualquer dessas etapas há no ser humano alterações ao nível físico, ao nível social e ao nível psicológico. Também Zimerman (2000,p.21), entende que *“envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Tais alterações, são naturais e gradativas. É importante salientar que essas transformações são gerais, podem verificar-se em idades mais precoces ou mais avançadas e em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas de qualquer indivíduo e, principalmente com o modo de vida de cada um.”*

Por esse motivo, o envelhecimento é um processo resultante da soma de vários processos de desenvolvimento que se entrelaçam entre si e é produzido a vários níveis, biológico, psicológico e social, desde o nascimento até à morte. Viver mais é importante desde que se consiga agregar qualidade e significado aos anos adicionais de vida (Silva et al.2006, cit in Silva, 2011,p.16).

Do ponto de vista biológico, não foi demonstrada com precisão a linha divisória entre desenvolvimento e envelhecimento. Biologicamente, ambos são processos contínuos, umas vezes sequenciais e outras coincidentes no tempo, dependendo dos órgãos e células do ser vivo que são observados.

No entanto, torna-se evidente que a velhice humana gera redução da capacidade funcional devido ao curso do tempo, tal como em todos os organismos vivos, mas essas limitações não impedem o desenvolvimento de uma vida plena (Osório e Pinto, 2007,p.12).

Paúl (1997) defende que o componente psicológico engloba as alterações cognitivas e os mecanismos de adaptação às alterações provindas do processo de envelhecimento. Ainda do ponto de vista psicológico, numa abordagem da psicologia do envelhecimento, este está relacionado com os «estereótipos» ou imagens erradas, uma vez que o processo de envelhecimento é avaliado pelos seus efeitos negativos (improdutividade, perda de interesses na vida, incapacidade de adaptação a novas situações, etc.) sem fazer distinção entre os conceitos de envelhecimento e de velhice. O psiquismo desenvolve-se, o indivíduo torna-se criativo e capaz de resolver as dificuldades, os desafios, os problemas que lhe aparecem durante a vida, em todas as ordens.

Para além dos componentes biológicos e psicológicos, o envelhecimento é um processo cultural e social. Esses fatores permitem que entre em atividade um potencial da constituição biológica, mental e psicológica do homem.

O envelhecimento não é medido pelo maior número de anos nem pelo coletivo de pessoas que atingem uma maior longevidade. É encarado também como um acontecimento de alteração de atitudes e de mentalidades, resultante das relações que se estabelecem entre os grupos etários e as suas condições de vida (Osório e Pinto, 2007,p.15).

Sendo assim, chegar a ser idoso é ter conseguido passar por toda sorte de obstáculos e desafios e ter encontrado algumas saídas para as diversas situações da vida (Paratela e Correia, 2011, p.2). No entanto, envelhecer não deixa de ser um processo natural, gradativo e contínuo, que se inicia com o nascimento e se estende a todas as fases da vida.

Segundo o olhar de Simone de Beauvoir (2005), podemos dizer que o processo de envelhecimento deve ser visto numa perspetiva biopsicossocial. *“É um fenómeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta consequências psicológicas: determinadas condutas, que são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto seu relacionamento com o mundo e com a sua própria história”* (Beauvoir, 2005, p.156). Deste modo, concorda-se com a

perspetiva biopsicossocial apresentada pela autora, é indispensável ter-se uma visão mais abrangente do conceito de envelhecimento, atendendo às várias dimensões do indivíduo e à pluralidade de fatores que envolvem esta etapa. Deste modo, considera-se que o importante é envelhecer com qualidade mantendo o equilíbrio a nível físico, psíquico e social.

1.2. Envelhecimento Demográfico

Se o envelhecimento é um processo biológico irreversível no ser humano, também o envelhecimento demográfico o é, pois não podemos deixar de nos preocupar por viver numa sociedade em que a esperança de vida continua a aumentar e a taxa de natalidade em declínio. Este é um problema que tem vindo a surgir nas sociedades atuais, fruto da crescente diminuição dos índices de fecundidade, em que não está garantida a renovação das gerações futuras.

Segundo Ferreira (2006), após a segunda metade do século XX, o envelhecimento demográfico surge como um fenómeno novo nas sociedades desenvolvidas. Citando Nazareth (1994), Ferreira et al. (2006) que as suas causas e consequências, a identificação das assimetrias espaciais e a sua ligação ao processo de transição demográfica têm motivado os esforços de muitos investigadores, no objetivo comum de encontrar determinantes para o impacto do envelhecimento, com base no género, na classe social e no estado civil, numa tentativa de encontrar soluções e de prever a sua evolução futura (Ferreira et al., 2006,p.22).

Portugal sofreu, desde o final dos anos 90, alterações da estrutura demográfica semelhantes às de todos os países desenvolvidos e, em especial, às que ocorrem no conjunto dos países da União Europeia: o número de idosos tem vindo a aumentar, quer em termos absolutos quer em termos relativos (Casanova et al., 2001 cit in Ferreira et al., 2006,p.24). Nos estudos existentes em Portugal, consideram-se pessoas idosas os homens e mulheres com idade igual ou superior a 65 anos, idade que, no País, se associa à idade da reforma (INE et al., 1999 cit in Ferreira et al., 2006,p.4).

A Revista de Estudos Demográficos (RED) do Instituto Nacional de Estatística (INE), salienta o facto da estrutura etária da população continuar a acentuar os desequilíbrios já evidenciados na década passada. Diminuiu a base da pirâmide,

correspondente à população mais jovem, e alargou-se o topo, com o aumento da população mais idosa (RED nº50, 2013,p.09). O envelhecimento demográfico da população é uma realidade à escala mundial. A Europa, já designada por continente grisalho, é uma das regiões mais envelhecidas do mundo e Portugal, no contexto europeu, é um dos países que observa um maior envelhecimento demográfico. Este resulta da diminuição da mortalidade e do conseqüente aumento da esperança média de vida, mas também da redução da natalidade, que está bem evidente em Portugal através da diminuição dos níveis de fecundidade. O fenómeno do envelhecimento da população tem marcadamente reflexos de âmbito socioeconómico com impacto no desenho das políticas sociais e de sustentabilidade, bem como através da adoção de novos estilos de vida por parte da sociedade. Os indicadores demográficos, atualizados à luz dos Censos 2011, refletem o ritmo de crescimento da população idosa no total da população (RED nº51-52, 2013,p.10).

Estrutura etária da população, 2001 e 2011

Portugal	2001		2011	
	Nº	%	Nº	%
Estrutura Etária:				
0-14 anos	1 656 602	16,0	1 572 329	14,9
15-24 anos	1 479 587	14,3	1 147 315	10,9
25-64 anos	5 526 435	53,4	5 832 470	55,2
65 ou mais anos	1 693 493	16,4	2 010 064	19,0

Fonte: INE, I.P. Estimativas Provisórias de População Residente.

A dinâmica do crescimento da população residente em Portugal, na primeira década do século XXI caracteriza-se pela redução tanto do saldo natural, que se tornou negativo a partir de 2007, acentuando-se em 2009, depois de no ano anterior ser praticamente nulo devido à queda dos nascimentos com vida, bem como a tendência para regredir do saldo migratório positivo apesar da inversão de sentido estimada em 2009, mas eliminada em 2010. Acresce o progressivo agravamento do envelhecimento demográfico, tanto pela base como pelo topo da pirâmide de idades, resultante da diminuição da proporção da população jovem (com menos de 15 anos) e do aumento

da proporção da população idosa (65 ou mais anos) no total da população, respetivamente.

Em 2011, o índice de envelhecimento da população era de 128, o que significa que por cada 100 jovens (com menos de 15 anos) existiam 128 idosos (com 65 ou mais anos), em que se encontra as regiões do Centro e Alentejo, como as regiões mais envelhecidas, com índices de 163 e 178, respetivamente (RED nº51-52,2013,p.11). Contudo, o envelhecimento da população é um fenómeno que não se circunscreve apenas ao interior do país, mas alastrou-se à generalidade do território. Todavia é nas regiões do interior do país, que se assistiu a um maior agravamento deste fenómeno consequência também da perda de população mais jovem verificada na última década (RED nº51-52, 2013,p.12).

Podemos referir que o envelhecimento demográfico é considerado um fenómeno social, mas também, um fenómeno biológico, tendo a marginalização, a rejeição social, a inatividade e a insegurança papéis marcantes no desenvolvimento do processo biológico do envelhecimento (Serafim, 2007, p.69).

Mas os efeitos do processo de envelhecimento não são necessariamente todos negativos e só são preocupantes porque não foram previstos nem planeadas as suas consequências. Uma mudança de paradigma na sociedade pode proporcionar a emergência de um novo tipo de sociedade. O envelhecimento demográfico é um constrangimento, mas também pode ser um conjunto de oportunidades (Nazareth,2009,p.20).

Os idosos estão a tornar-se na Europa, e também em Portugal, uma população cada vez mais crescente. Este grupo adquire mais espaço, densidade, organização e força. Esta força pode ser considerada em força social, devido ao número de idosos, força cultural, pelos seus conhecimentos e experiência, força económica, pelos seus gastos e consumos, força política, pelo seu peso nas votações, força de intervenção, pela sua disponibilidade e força ética, pelo seus (des) compromissos com determinados grupos étnicos (Serafim, 2007, p.68).

Por isso, o problema das pessoas idosas é muito mais do que apenas um problema de número: trata-se de um problema que tem uma dimensão social. Por outras palavras,

não podemos ficar apenas pelos valores demográficos, por muito problemáticos que sejam (Osório e Pinto, 2007,p.24).

Sendo o envelhecimento populacional uma pretensão natural de todas as sociedades e estando estas sistematicamente a procurar estratégias para prolongar a vida humana, é da máxima importância proporcionar condições adequadas aos nossos idosos, fazendo com que eles se sintam ativos e importantes no meio em que estão inseridos (Serafim, 2007, p.80).

2. “SER” numa Sociedade Contemporânea

Segundo a definição de Thomas Bottomore (1979), a sociedade é uma rede de relações entre indivíduos, entre grupos sociais e entre instituições. Por isso podemos analisar a sociedade tanto ao nível das relações entre indivíduos na sua vida cotidiana como no nível da forma ou estrutura de tais relações, posto que estas aparecem personificadas nos conceitos, norma e regras que regulam a conduta social. Mas tais estruturas experimentam mudanças: portanto, a sociedade deve ser estudada no seu desenvolvimento histórico e não como um simples grupo de pessoas ou um conjunto de instituições existentes num dado momento (Bottomore, 1979, cit in Marques, Mollá e Salcedo, 1979, p.09).

O comportamento humano é complexo e diversificado, cada indivíduo recebe influências do meio em que vive, forma-se de determinada maneira e age no contexto social de acordo com a sua formação. O indivíduo aprende com o meio, mas também o transforma com as suas ações. Assim, o ser humano não é um produto passivo do meio, mas constrói a si mesmo interagindo com o meio e modificando-o (Marques, Mollá e Salcedo, 1979, p.13).

A sociedade contemporânea está envelhecida, e por sua vez o envelhecimento é associado a um processo de degradação do ser humano. Sendo esta uma sociedade onde se valoriza o “novo”, o ágil, a beleza, o idoso acaba por ser alvo de exclusão. Pois a sua imagem não se enquadra nesta visão e conseqüentemente é levado a acreditar que está desajustado da sociedade, o que certamente pode eclodir em situações de exclusão.

Se a sociedade é um constructo onde os indivíduos são produto mas também podem produzir mudança, cabe-nos a nós reverter esta imagem estereotipada de que o processo de envelhecimento acarreta apenas fenómenos negativos no desenvolvimento do ser humano.

2.1. O lugar da Criança na sociedade contemporânea

A representação contemporânea da infância é a consequência das modificações e transformações que se produziram ao longo do tempo acompanhando todas as evoluções e ideologias. Com a democratização das sociedades foi reposicionado o lugar do homem na sociedade bem como o da criança. O percurso passa por varias etapas, desde a criança submissa até à criança-cidadã (Freire, 2011,p.18).

A cidadania das crianças é hoje um desafio à mudança das estruturas políticas e sociais, à transformação das instituições e à renovação da cultura, no sentido de garantir três aspetos que estão intimamente ligados: as condições estruturais para uma inclusão social plena de todas as crianças; a criação de instituições respeitadoras do melhor interesse das crianças e a aceitação da voz das crianças como expressão legítima de participação na cidade (Sarmiento, 1999 cit in Freire, 2011,p.18). A cidadania da criança nem sempre teve o destaque que merecia, ainda hoje e apesar dos progressos nessa área, a própria sociedade tende a desvalorizar a sua voz e a sua mediática intervenção.

De acordo com Jobim e Souza (1994), é necessário uma rutura com a representação desqualificadora, de que a criança é alguém incompleto, alguém que se constitui num vir-a-ser no futuro. Trata-se, antes, de situá-la *"no espaço em que o tempo se entrecruza entre presente, passado e futuro, rompendo, desse modo, com a noção de tempo vazio e linear que flui numa direção única e pré-estabelecida. A criança não se constitui no amanhã: ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura do seu tempo"*. Pensar a criança como um cidadão com direitos e deveres e não um 'vir a ser', implica outro modo de conceber a sociedade e a vida humana (Jobim e Souza, 1994, p.159 cit in Andrade,2010,p.11).

A criança nos surpreende, constantemente, com modos criativos e inesperados de abordar uma série de questões. Entretanto, consideramos modos ingênuos ou primitivos do pensamento, algo diferente dos padrões formais de elaboração de questões e/ou explicações para os acontecimentos. O que esta faz ou diz é, quando muito, interessante, curioso, pois trata-se de um 'ainda não'.

Contudo, apesar de a criança trabalhar para estabelecer contacto com as representações que lhe são apresentadas, a fim de fazer parte do grupo social, não significa que elas apenas repitam aquilo que aprendem no contacto com o mundo. As crianças são atores sociais ativos e criativos. "Quando a criança se apropria da linguagem, revelando seu potencial expressivo e criativo, ela rompe com as formas fossilizadas e cristalizadas de seu uso cotidiano, iniciando um diálogo mais profundo entre os limites do conhecimento e da verdade na compreensão do real"(Jobim e Souza, 1994, p.159 cit in Andrade,2010,p.13).

Existe uma dinâmica entre o meio e o desenvolvimento da criança, pelo que de alguma forma o meio pode modifica-lo. E não se modifica apenas o desenvolvimento da criança, modifica-se também a atitude do meio para com ela. Com o crescimento físico e psicológico, o meio da criança expande-se, ou seja, novos elementos e aspetos desse crescimento ocupam a cena produzindo novos efeitos (Vigotski, 2000, cit in Pino, 2010,p.750).

2.2. O lugar da Pessoa Idosa na sociedade contemporânea

As atitudes em relação aos idosos nem sempre foram as mesmas, tendo variado consoante as representações sociais de cada época, por exemplo nas sociedades Orientais é-lhe atribuído um papel de dirigente pela experiência e sabedoria. Nas sociedades Ocidentais, apesar de já ter sido considerado, até há algum tempo atrás, como um elemento fundamental na sociedade, pelos seus conhecimentos e valores para as populações mais jovens, atualmente tem uma imagem e um papel social quase insignificante, sendo a diminuição das suas capacidades, num contexto de produtividade, um dos fatores mais referenciados (Martins e Santos, 2008, p.01).

O idoso é ainda vulnerável à exclusão social, pela condição de reformado, sem relação com o trabalho e com os colegas, pela dificuldade de comunicação com as gerações mais jovens, pelo isolamento em relação à família, pela perda de autonomia física e

funcional e ainda pelas dificuldades da adaptação às novas tecnologias (Sílvia, 2001 cit in Martins e Santos, 2008, p.01).Reforçando esta ideia, o autor Fernandes (2011) defende que *“a velhice tem sido concebida empiricamente com base em características negativas e numa apreciação estereotipada dos indivíduos com mais de 65 anos de idade”* (Fernandes, 2011,p.40).

Pois numa sociedade em que se dignifica aquilo que é belo, que é novo e jovem, ao se falar da velhice, *“do que é ser velho, estabelece-se a todo momento a comparação com outros estágios, outros elementos que terminam por negar a velhice enquanto realidade experimentada e construída por seus sujeitos”* (Costa e Freitas, 2010,p.24).

A Constituição da República proclama, no seu Artigo 72º, que *“as pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal, e evitem e superem o isolamento ou marginalização social”* (Martins e Santos, 2008, p.03).

Perante esta realidade cabe, portanto, à sociedade, que somos todos nós, assumir a defesa dos direitos das pessoas idosas, *“com base numa solidariedade intergeracional consciente e sem reservas, deixando, assim, a pessoa idosa de ser objeto de olhares pejorativos e passar a ser respeitada, pois, ao fazermo-lo, estamos de certa forma a cuidar de nós próprios e de todos aqueles que um dia atingirão tal condição”* (Martins e Santos, 2008, p.08).

3. Representações Sociais na Sociedade Contemporânea

O idealizador da teoria das representações sociais, Moscovici (1978,p. 28), entende por representação social, *“um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação quotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação”*, ou seja, estas podem ser consideradas como uma versão contemporânea do senso comum.

Noutras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade (Sêga, 2000, p.128).A representação é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. Contudo,

mesmo nas representações sociais mais básicas, é o processo de elaboração cognitiva e simbólica que estabelece os comportamentos. É esse sentido que a noção de representação social inova em relação às outras formas psicológicas, ela relaciona processos simbólicos e procedimentos (Sêga, 2000, p.129).

Para Denise Jodelet (1990 cit in Sêga, 2000,p.132), a representação social tem cinco características fundamentais:

- a) é sempre representação de um objeto;
- b) tem sempre um carácter imagético e a propriedade de deixar intercambiáveis a sensação e a ideia, a percepção e o conceito;
- c) tem um carácter simbólico e significante;
- d) tem um carácter construtivo;
- e) tem um carácter autónomo e criativo.

Na perspectiva de Moscovici (2005), cit in Lopes e Park (2007,p.142), a elaboração das representações sociais compreende dois processos: a *objetivação* e a *ancoragem*.

Em que para Moscovici (2005), *objetivação* significa transformar uma noção abstrata em algo concreto, tornando-a palpável e objetiva, dando uma forma específica ao conhecimento que se tem a seu respeito com a finalidade de reproduzir algo não familiar entre o que pode ser visto, tocado e controlado. É um processo que permite aos indivíduos, materializar um conceito, comparando-o a algo que lhes seja visível e concreto. Nesse sentido a objetivação fornece aos indivíduos o sentimento de que o seu discurso sobre o mundo não é uma construção intelectual, uma visão teórica do real, mas o simples reflexo da realidade circundante (Moliner,2001 cit in Villas Bôas, 2010,p.392).

Sobre a *ancoragem*, Sá (1993) cit in Lopes e Park (2007,p.142) dispõe que esta visa à integração do novo objeto a um sistema de pensamento social preexistente, por meio de classificação e nomeação. É, portanto, por meio do processo de ancoragem que a representação se enraíza nas relações sociais, com base nos quadros de pensamento pré-existentes acessados com o objetivo da familiarizar as experiências novas e

estranhas (Moscovici, Vignaux,1994) e que permitem integrar o objeto da representação no sistema de valores do sujeito (Villas Bôas, 2010,p.394).

Assim, com os processos de *objetivação* e *ancoragem*, a representação vai se “*saturando de realidade*” (Casado, Calonge, 2001) até que num certo momento, o estranho é convertido em familiar e passa a ser percebido como uma realidade objetiva sendo, então, incorporado à linguagem e à memória coletiva. (Villas Bôas, 2010,p.394) Moscovici (2005) cit in Lopes e Park, (2007,p.143) salienta que as representações sociais estão sujeitas a mudanças vertiginosas em consonância com a velocidade da sociedade, na qual surgem, se adaptam e desaparecem.

3.1. Representações Sociais acerca do Envelhecimento

Para Serge Moscovici (1990), não só as nossas imagens do mundo social são um reflexo dos eventos do mundo social, mas os próprios eventos do mundo social podem ser reflexos e produtos das nossas imagens do mundo social (Sêga, 2000,p.132).As representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos. Durante essas metamorfoses, as coisas não apenas se modificam, são também vistas de um ponto mais claro. As pessoas tornam-se recetivas a manifestações que anteriormente lhes haviam escapado. Todas as coisas que nos tocam no mundo à nossa volta são tanto o efeito das nossas representações como as causas dessas representações (Moscovici, 1990, cit in Sêga, 2000,p.132).

A historicidade das representações sociais constitui-se numa zona de confluência entre conteúdos com características mais estáveis, porque oriundos de épocas históricas anteriores e que são reapropriados no senso comum e conteúdos flexíveis, dependentes do contexto imediato, e que são caracterizados pela mobilidade dos seus elementos (Villas Bôas, 2010,p.396). Por outras palavras, a articulação entre permanência e mudança, é um aspeto intrínseco à historicidade das representações sociais e não uma “*medida externa em que a duração depende da distância cronológica que separa dois estados distintos de um fenómeno*” (Suárez Molnar, 2003,p.98 cit in Villas Bôas, 2010,p.396).

Reforçando aqui a ideia de Moscovici (2005) cit in Lopes e Park (2007,p.143) onde salienta que as representações sociais estão sujeitas a mudanças vertiginosas em consonância com a velocidade da sociedade, na qual surgem, se adaptam e desaparecem. Tal facto se reflete no processo de evolução da sociedade em que o modo como é vista a pessoa idosa teve uma alteração profunda. Em tempos ter mais idade era sinónimo de mais conhecimento, mais experiência e como tal, as pessoas idosas eram respeitadas pelos ensinamentos que prestavam aos mais novos. No Antigo Egipto, acreditava-se que o limite de longevidade estava nos 110 anos, aqueles que iam ficando mais «perto» desse rácio em termos de idade, iam sendo mais respeitados e honrados (Cabrilho e Cachafeiro, 1992,p.43).

Numa época em que se começa a valorizar a energia, a vitalidade e todos os aspetos intrínsecas à juventude, os idosos começam a perder valor. Tal como refere Giddens (2010), assistiu-se nos últimos anos a uma mudança de atitudes no que toca à velhice, levando a que, provavelmente, os idosos nunca mais recuperem a autoridade e o prestígio que lhes costumavam ser atribuídos nas comunidades das sociedades antigas (Giddens, 2010,p.168).

Resultado da articulação entre permanência e mudança, é que atualmente, o significado que se atribui ao processo de envelhecimento, sofreu alterações ao longo da história da humanidade sendo que *“o significado da velhice nas sociedades antigas (...) já não é igual ao das nossas sociedades modernas, onde o privilégio da «juvenilização» corre o risco de desvalorizar o papel e função dos mais velhos (...)”* (Osório e Pinto, 2007,p.15).

Segundo Catita (2008), existem diversas formas de conhecimento social, uma das primeiras preposições relativamente à estrutura das representações para Moscovici (1976) configura-se basicamente em três dimensões: a informação, a atitude e a imagem ou campo de representação. De acordo com Pereira de Sá (1996,p.31) citando Moscovici (1976),a informação *“remete à organização dos conhecimentos que um grupo possui acerca de um objeto social”*. O campo de representação *“remete à ideia de imagem, modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de*

um aspeto preciso do objeto da representação". A atitude é mais complexa reveste-se de um carácter mais latente, terminando por *"focalizar a orientação global em relação ao objeto da representação social"* (Pereira de Sá, 1996, cit in Catita,2008,p.43).

Segundo Ribeiro (2007), a imagem *"é um conjunto de conceitos e valores que as pessoas associam a determinada pessoa, objeto, produto ou instituição. Nesta definição, a imagem construída pela pessoa, aliada a um sistema de valores (cultura), exerce inevitavelmente influência na construção da percepção e do pensamento"*. Este autor preconiza ainda, que a imagem resulta de *"um comportamento, estereótipo, representação, ou de um mito"* (Ribeiro, 2007, cit in Neves, 2012, p.19).

Os estereótipos constituem uma imagem mental simplificada de alguma categoria de pessoas, objetos e/ou instituições, em que os acontecimentos são agrupados em características essenciais por um grande número de pessoas. São juízos que se vão desenvolvendo a partir das experiências e informação que se possui de pessoas ou grupos, podendo influenciar os comportamentos que se vão construindo ao longo da nossa vida (Martins e Rodrigues, 2004 cit in Neves, 2012, p.22). Tornam-se numa crença quando são generalizados, combinando a cognição com afetividade, levando à formação de atitudes (imagens sociais) (Castro, Diaz e Veja, 1999, cit in Neves, 2012).

Hoje, apesar da indiscutível participação ativa dos idosos na sociedade (...), o que sobressai é a tendência para reproduzir a imagem do idoso e da velhice atrelada a perdas, ao abandono e à morte. (Freitas e Ferreira,2013,p.2)

Perante o cenário atual torna-se imprescindível o desenvolvimento de mecanismos dentro da comunidade, que conduzam a uma maior participação das pessoas idosas e a desenvolver todo um esforço direcionado à mudança de mentalidade face aos idosos.

3.2. Representações Sociais das crianças face às pessoas idosas

Como já foi referido anteriormente, as representações sociais estão sujeitas a mudanças vertiginosas em consonância com a velocidade da sociedade, na qual surgem, se adaptam e desaparecem. Pelo que podemos subentender que as

representações sociais fazem parte do nosso cotidiano, estão presentes na vida dos indivíduos desde a primeira infância, sendo que a criança inserida num mundo estruturado por elas. Moscovici (2005) cit in Lopes e Park (2007,p.143), defende que a influência destas no desenvolvimento do indivíduo se dá desde muito cedo, estando estampada no modo como este percebe o mundo e se posiciona nele. Duveen e Lloyd (2005) cit in Lopes e Park, (2007,p.143), destacam que desenvolver a competência adequada para participar como ator na sociedade implica compartilhar as representações que lhe são apresentadas. Deste modo, a criança trabalha para estabelecer contato com as representações que lhe são apresentadas, a fim de fazer parte do grupo social. Como ator social em interação com indivíduos e instituições circundantes, a criança apreende as informações e elabora-as, contribuindo para a construção da sociedade com as suas representações sociais (Lopes e Park, 2007,p.143).

A imagem que se construiu da pessoa idosa é formada a partir daquilo que observamos, da nossa experiência e resultante também daquilo que é passado pela nossa família e pela sociedade em que se está inserido (Zimmerman, 2000,p.19). As representações sociais são o resultado de todo esse conjunto de informações o qual recebemos através dos processos de socialização e que nos guiam no modo de pensar e agir. Segundo Costa e Freitas (2010), *“o envelhecimento passou a ser analisado simplesmente em seus aspectos deficitários e decadentes”* (Costa e Freitas, 2010,p.22).

Se, para participar como ator na sociedade implica compartilhar as representações que lhe são apresentadas. E se estas representações forem negativas, dificilmente, a criança que trabalha para estabelecer contato com as representações que lhe são apresentada para fazer parte do grupo social, terá uma visão diferente ou positiva.

Como já foi referido anteriormente, apesar de a criança trabalhar para estabelecer contacto com as representações que lhe são apresentadas, a fim de fazer parte do grupo social, não significa que elas apenas repitam aquilo que aprendem no contacto com o mundo. As crianças são atores sociais ativos e criativos. Elas apreendem do mundo estímulos e elementos para produzirem as suas próprias culturas da infância, num processo que recria constantemente a sociedade na qual estão inseridas (Ramos,2009 p.240).

O autor Corsaro (2007) citado por Ramos (2009 p.240), diz que as crianças elaboram uma espécie de “reprodução interpretativa” da realidade, sendo, por um lado, constituídas pela cultura em que vivem mas, por outro, produtoras dessa mesma cultura.

As crianças como agentes constituídos pela cultura em que vivem, mas também como produtoras dessa mesma cultura, poderão contribuir para novas condutas, expressões e maneiras de pensar a pessoa idosa.

4. O Antagonismo de uma sociedade para todas as idades

Esta é uma sociedade que nos brinda com maior esperança de vida, propondo-nos o convívio entre diferentes gerações por um maior número de anos. Na sociedade contemporânea para além das relações intergeracionais na família é necessário ampliar essas relações á sociedade geral de forma a aumentar a solidariedade entre gerações sem que tenham qualquer laço de parentesco (Ferreira, 2010,p.17).

Segundo Fernandes (2011) *“a Sociedade, no que diz respeito ao processo de envelhecimento, adequa os seus comportamentos e a sua comunicação de acordo com as representações sociais que possui acerca deste processo (...)”* (Fernandes, 2011,p.39) Torna-se então essencial perceber o que são as representações sociais uma vez que estas determinam a forma de agir. De acordo com Simões (2007) citado por Fernandes (2011) *“as representações sociais dizem respeito ao modo como nós, sujeitos sociais, vemos e apreendemos a realidade que nos rodeia”* (Simões 2007, cit in Fernandes, 2011,p.37) o que conduz a um conjunto de explicações originados no quotidiano e decorrentes da comunicação interindividual.

As representações sociais, tornam-se assim numa ferramenta muito útil na compreensão e construção dos modos de agir em relação ao envelhecimento. Contudo e tal como referem Osório e Pinto (2007), *“o comportamento humano, independentemente da idade, não pode ser padronizado ou generalizado”* (Osório e Pinto, 2007, p.116). Todos temos uma imagem da pessoa idosa que é formada a partir daquilo que observamos, da nossa experiência e resultante também daquilo que é passado pela nossa família e pela sociedade em que se está inserido (Zimmerman, 2000,p.19).

“A questão coloca-se quando começamos a envelhecer. Na verdade, todos queremos viver durante muito tempo. No entanto, poderemos ter problemas em assumir o papel de “pessoas idosas”, até porque acreditámos durante tanto tempo na sua inferioridade. Ou seja, “se por um lado os idosos partilham da ideologia geral da sua sociedade sobre a velhice, por outro pessoalmente não se incluem nesse modelo” (Netto,2000,p.76). Isto vai traduzir-se numa crise de identidade que aflui em sentimentos de tristeza e opressão.

De acordo com Costa (1998) *“um dos critérios pelo qual se terá de avaliar o grau de «humanidade» da sociedade é o do lugar e do papel que reserva aos idosos na vida social” (Costa, 1998,p.87). “Quer a sociedade quer o quotidiano das pessoas estão organizados de tal modo que os idosos não têm lugar nem papel na vida social. Nos casos extremos, que infelizmente não são raros entre nós, essa exclusão social pode tomar a forma de total solidão.” (Costa, 1998,p.88).*

Não se pode continuar a olhar os “velhos” como se fossem seres diferentes, *“está a criar-se um gueto. É como se de um lado estivessem as pessoas e do outro uma raça à parte – a dos velhos” (Martins, 2013, p.2).*

É fundamental, *“um novo e compreensivo olhar em relação á pessoa idosa, o qual passa a ser visto como um sujeito de direitos, mas acontece que o processo de envelhecimento está rodeado de uma série de preconceitos e a sociedade precisa ser educada para compreender o envelhecimento sobre esse novo prisma” (Whitaker, 2010, p.179).*

5. Mudança de perceção face às pessoas idosas

Vivemos hoje diante de uma sociedade mais envelhecida, verifica-se um aumento dos recursos improdutivos, e tornam-se mais escassos os recursos promotores de crescimento e desenvolvimento. Uma das formas de contrariar este cenário passa pela integração de todos os indivíduos na sociedade, rentabilizando todas as competências e capacidades de todos os indivíduos (Fonseca, 2005 cit in Nunes, 2009,p.50).

A UNESCO em 2000, considerou todos os programas educativos intergeracionais com objetivos comuns, tanto para as crianças e jovens, bem como para os idosos. Neste sentido, procuram minimizar as perdas do processo de envelhecimento dos idosos,

promover a inclusão e valorização dos idosos, desenvolver competências ao nível da transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos a outras gerações, promover interações diferenciadas entre as crianças e os idosos, promover aquisição de saberes através da educação informal e não formal transmitidas pelos idosos, despertar nas crianças um novo olhar sobre as questões do envelhecimento, estimular e recuperar brincadeiras e jogos tradicionais, desenvolver nas crianças novas aptidões e promover a educação ao longo da vida. A UNESCO, foi a grande impulsionadora da adoção de políticas de promoção do diálogo entre gerações, incentivando os estados a financiar os programas educativos intergeracionais.

A intergeracionalidade tem o potencial de reverter os estereótipos e avaliações negativas que os mais novos têm das pessoas idosas, possibilitando aos mais velhos um contato mais estreito com pessoas de outras gerações, propiciando a troca mútua dos saberes. Essa interação valoriza o saber e a experiência de vida dos mais velhos, resgatando e ressignificando o conhecimento do velho construído ao longo da vida incorporando-o à contemporaneidade (Revista Portal de Divulgação, 2012,p.85).

Os projetos educativos intergeracionais surgem então, como uma resposta à discriminação relativa ao processo de envelhecimento, apresentando-se como uma proposta socioeducativa que viabiliza uma sociedade para todas as idades, evitando a discriminação, exclusão e a formação de guetos geracionais, levando à construção de uma sociedade em que todas as gerações contribuam para uma cultura solidária. A solidariedade no grupo intergeracional é exercida no convívio com o outro e no reconhecimento da pluralidade, resultando em novos papéis, na transformação e na criação de novas imagens (Revista Portal de Divulgação, 2012,p.87). Nesse sentido, a dinamização de programas educativos que promovam as relações entre gerações devem ser entendidos como uma forma de pensar a sociedade e as políticas sociais, visando a interação de atores sociais de diferentes gerações, promovendo assim um outro olhar sobre o envelhecimento.

As práticas intergeracionais procuram maximizar os recursos sociais e comunitários através do intercâmbio de aprendizagens entre pessoas de diferentes idades, de forma a desenvolver competências individuais e sociais de forma adequada à melhoria da

qualidade de vida das pessoas na sociedade atual. Os intercâmbios intergeracionais nas famílias, nas comunidades e ao nível social são indispensáveis para a preservação da sociedade atual (Ferreira, 2010,p.17).

6. A Psicogerontologia Comunitária e as relações entre gerações

A Psicologia Comunitária integra na sua tradição a aspiração de ser fonte inspiradora de movimentos de mudança social; nesta esteira procura documentar-se como desde o final dos anos 80, esforços de implementação de iniciativas na comunidade, têm vindo a ser desenvolvidos em Portugal com base nos seus princípios e valores (Ornelas e Vargas-Moniz, 2010, p.850).

Esses princípios e valores são a promoção do bem-estar individual, do sentimento de comunidade, da justiça social, da participação cívica, as oportunidades de colaboração e o fortalecimento comunitário, bem como o respeito pela diversidade humana e a fundamentação e criação de evidência científica nos seus vários domínios de intervenção. Outro pilar onde se vão ancorar as iniciativas documentadas são os princípios contidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no que concerne o carácter universal, indivisível e inalienável desses mesmos direitos (Ornelas e Vargas-Moniz, 2010, p.850).

Assim a Psicologia Comunitária tem como objetivo central intervir nos processos sociais de modo a alterar a distribuição dos recursos na comunidade ou através da criação e implementação de recursos inovadores. Segundo Kelly (1986), é um percurso que permite a construção de percursos de mudança social implicando o reconhecimento de que os fenómenos sociais são eminentemente interdependentes, pelo que qualquer tentativa de promoção da mudança é influenciada pelo contexto social (Kelly, 1986 cit in Ornelas & Vargas-Moniz, 2010, p.852).

Partindo da premissa de que a qualidade de vida nas comunidades é influenciada pelo funcionamento eficiente e eficaz dos sistemas formais e o funcionamento dos sistemas informais de apoio, é fundamental desenvolver iniciativas através de formas de colaboração multidisciplinar, interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar, reconhecendo-se que o objetivo último da promoção da mudança é a melhoria da qualidade de vida nas comunidades.

A preocupação da Psicologia, enquanto área do saber, prende-se pela melhoria das condições psíquicas da população, aprofundar o conhecimento das peculiaridades na terceira idade, promover intervenções terapêuticas; prevenir sofrimento psíquico; derrubar representações sociais gerontofóbicas (Neri, 2006 cit in Oliveira,2012,p.12).

Já a Gerontologia tem como objetivo prioritário compreender o processo do idoso, nos seus aspetos bio-psico-sociais e os múltiplos problemas que possam envolver o ser humano, ou seja, esta é “uma nova área científica dedicada ao estudo do envelhecimento humano e das pessoas mais velhas.” (Paúl, 2012,p.01).Várias pesquisas em Gerontologia permitiram alterar a crença de que o envelhecimento era sinónimo de deterioração física, passando a ser encarado como um processo que faz parte do ciclo vital, importante como qualquer outro (Lima et al., 2008 cit in Oliveira,2012,p.10).

A conjuntura atual de “retração económica, as restrições começam a ser impostas e receia-se uma diminuição drástica de benefícios e garantias que possam proteger as pessoas mais velhas” (Paúl, 2012,p.08).Daí ser fundamental uma articulação das preocupações destas duas áreas, a Psicologia Comunitária com a Gerontologia, juntas, podem garantir a promoção de bem-estar e qualidade de vida às pessoas idosas.

Viver mais é importante desde que se consiga agregar qualidade e significado aos anos adicionais de vida (Silva et al.2006, cit in Silva, 2011,p.16). Pelo que hoje, envelhecer com qualidade de vida é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea.

O problema que se coloca, então, às políticas relacionadas com o envelhecimento é o de encontrar os mecanismos certos para garantir a solidariedade no presente e no futuro e para responder às necessidades emergentes com o envelhecimento (Capucha, 2005,p.338).

Os efeitos de um processo de envelhecimento não são necessariamente todos negativos e só são preocupantes quando não foram previstos nem planeadas as suas consequências. Uma mudança de paradigma na sociedade pode proporcionar a emergência de um novo tipo de sociedade. O envelhecimento demográfico é um constrangimento, mas também pode ser um conjunto de oportunidades (Nazareth, 2009,p.20). Tal como refere a OMS (2002,p.23) o envelhecimento ativo deve ser visto

como *“o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança visando a melhoria do bem-estar das pessoas à medida que envelhecem”*.

É conveniente avançar para uma análise das pessoas idosas enquanto fenómeno social entendido não só a partir dos gastos que pode gerar (saúde, assistência, pensões, etc.), como também a partir do problema de reconhecimento do seu papel social. Assim, o objetivo não é uma conceção assistencial dos idosos, mas permitir que todas as pessoas, particularmente as de idade mais avançada, desempenhem um papel próprio na sociedade, assumindo livremente os seus deveres e direitos com cidadãos de todas as idades (Osório e Pinto, 2007,p.25). Estas pretensões exigem a proposta e a manutenção de uma política social desenvolvida e configurada no denominado *«Estado de Bem-Estar»*, que aglutina os cidadãos a favor da solidariedade e coesão social, assegurando-lhes uma serie de prestações.

A preocupação em encontrar soluções evidencia-se no aumento de estudos e de investigadores, que centram as suas atenções nas pessoas idosas. E é nesta perspetiva que a intervenção do psicogerontólogo tem um papel de relevância, com a população idosa, sobretudo no que se refere às transformações sociais e ao impacto que estas produzem na realidade quotidiana desta população, estes profissionais podem atuar numa perspetiva multidisciplinar. Na prática, surgirá a necessidade imperativa de se prestar um serviço de qualidade nos serviços de apoio social. Prestar um serviço de qualidade é respeitar a pessoa como tal, promover qualidade de vida, responder à satisfação das necessidades humanas básicas, garantir que o idoso viva com dignidade e bem-estar. Pelo que o trabalho do psicogerontólogo, se *deve “centrar nas necessidades humanas reforçando a convicção de que a natureza fundamental dessas necessidades exige que elas sejam satisfeitas, não por uma questão de opção, mas com um imperativo de justiça básica”* (ONU, Direitos Humanos e Serviço Social, 1999,p.22).

Neste sentido, cabe ao profissional de psicogerontologia, ajudar a estimular comportamentos, atitudes e valores, bem como experiências que permitam à pessoa idosa integrar-se dignamente, na sociedade contemporânea. Surge aqui a pertinência do papel do psicogerontólogo como promotor de programas educativos intergeracionais, que garantam a integração social das pessoas idosas, de forma que

lhes permita trocas de experiências, conquista de respeito, liberdade e autonomia, fatores que são muitas vezes negligenciados pela vulnerabilidade do processo de envelhecimento. O psicogerontólogo, numa perspetiva social, tem um papel predominante na promoção deste tipo de relações, tal como afirma Magalhães (2000,p.153), “aproximar gerações é objetivo de todo o trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações”.

PARTE II – Estudo Empírico

1. Caracterização do Local de Estudo

1.1. Caracterização do Agrupamento de Escolas de Castro verde

O agrupamento insere-se na localidade de Castro Verde, uma localidade que se situa na NUT I, Portugal Continental; NUT II, Alentejo; e na NUT III, Baixo Alentejo. Em termos regionais, a evolução demográfica da última década indica que a região do Alentejo volta a perder população, registando uma diminuição de cerca de 2,5% face a 2001. O concelho de Castro Verde possui uma área de 567,2 Km² e de acordo com os dados do último recenseamento (2011), residem no concelho de Castro Verde 7.295 indivíduos¹, distribuídos por vários aglomerados populacionais de pequena e média dimensão, administrativamente o concelho está dividido em cinco freguesias: Castro Verde, Casével, Entradas, São Marcos da Ataboeira e Santa Bárbara de Padrões. Uma análise retrospectiva permite-nos verificar uma tendência predominante de decréscimo populacional, entre 1991 e 2011.

O agrupamento de Escolas de Castro Verde faz parte de um concelho que sobrevive da agricultura e transformação primária dos produtos agrícolas e pecuários, no entanto, nas freguesias mais urbanas de maior índice populacional este setor deu lugar a modernas indústrias de ramos diversificados, onde se evidencia a atividade extrativa de minério.

Castro Verde é uma freguesia com cerca de 288,6 Km² de área e com uma população de 4820 habitantes, com uma densidade populacional de 16,7 hab/km². Os seus

¹www.ine.pt, acedido em 14/04/2015, 15.12h.

principais aglomerados populacionais são: Aivados, Almeirim, Castro Verde, Estação de Ourique, Geraldos, Monte Serro, Namorados e Piçarras.

Embora o processo de envelhecimento abranja o país como um todo, verificam-se diferenças e especificidades regionais que expressam as variações e características das dinâmicas regionais. Em Castro Verde as problemáticas sociais do concelho apresentam uma forte correlação com a sua dinâmica populacional, da qual se salienta a perda de população, concentração do povoamento na sede de concelho e muito elevado Índice de Envelhecimento. Segundo os últimos dados do INE, o Alentejo aparece no topo com o valor mais elevado de 61 pessoas em idade não ativa, por cada 100 em idade ativa.

Apesar da existência de respostas e equipamentos para idosos, constata-se alguma insuficiência na cobertura geográfica do concelho, e ainda na implementação de respostas diversificadas e integradas que, para além da satisfação das suas necessidades básicas, contribuam para uma integração social plena do idoso.

Castro Verde está inserido no distrito de Beja, que tem registado uma profunda desertificação humana, provocada por fortes movimentos migratórios para os grandes centros urbanos e para o estrangeiro, atingindo a população mais jovem e em idade ativa. Esta evolução populacional não só tem reflexos na quantidade de mão-de-obra disponível atualmente, como põe em causa a capacidade da renovação geracional.

2. Metodologia

Segundo Fortin, *“os métodos de investigação harmonizam-se com os diferentes fundamentos filosóficos que suportam as preocupações e as orientações de uma investigação”* (Fortin, 1999,p.22). Assim a fase da metodologia *“consiste em definir os meios de realizar a investigação. É no decurso da fase metodológica que o investigador determina a sua maneira de proceder para obter as respostas às questões de investigação (...)”* (Fortin,2009,p.53).

A autora ainda refere que *“a cada tipo de estudo corresponde um desenho que especifica as atividades que permitirão obter respostas fiáveis às questões de investigação ou às hipóteses”* (Fortin,1999,p.133).

Em conformidade com Herman (1994), a metodologia é definida como “(...) *um conjunto de diretrizes que orientam a investigação científica.*” (Herman, cit in Lessard-Hérbert, 1994,p.15).

Tal como define Lima (1995,p.18), “*Os métodos devem adaptar-se aos objetivos da investigação e podem ser combinados em função das exigências impostas pela concretização daqueles*”. (Lima, 1995 cit in Lessard-Hérbert, 1994, p.15)., É neste âmbito que se enquadra a realização do presente estudo, pois pretendemos propor a intervenção adequada a uma determinada realidade, sendo para isso necessário conhecê-la, para poder modificá-la. Sendo necessário efetuar um diagnóstico da situação com objetivo de recolher e identificar os problemas, que depois de identificados nos conduzirá à elaboração de um plano de ação direcionado para a sua resolução.

2.1. Tipo de Estudo

Tendo em consideração a problemática em questão, optamos por desenvolver um estudo descritivo (implica estudar, compreender e explicar a situação atual), exploratório (implica o reconhecimento de uma determinada realidade para questionamento da mesma) de abordagem quantitativa e qualitativa, pois “a investigação qualitativa ajuda a explicar, a compreender o quê e o porquê, que a investigação quantitativa ajuda, com a força dos números, a identificar” (Ribeiro, 2007,p.75).

A Investigação para a ação considera o "processo de investigação em espiral", interativo e focado num problema, numa sequencial das ações. Na perspetiva de Fortin (1999,p.134), “*os dados a colher com a ajuda de um instrumento de medida devem ser exatamente os necessários para responder aos objetivos da investigação.*”

De acordo com a abordagem de Guerra (2000) citando Alcides Monteiro, a investigação-ação consubstancia-se num “*processo no qual os investigadores e os atores conjuntamente investigam sistematicamente um dado e põem questões com vista a solucionar um problema imediato vivido pelos atores e a enriquecer o saber cognitivo, o saber-fazer e o saber-ser, num quadro ético mutuamente aceite.*” (Guerra, 2000,p.53).

Este trabalho de investigação tem por base uma metodologia para a ação, uma vez que visa a realização de uma proposta de projeto de intervenção comunitária, que possa responder adequadamente ao levantamento das necessidades identificadas. A investigação em geral caracteriza-se por utilizar os conceitos, as teorias, a linguagem, as técnicas e os instrumentos com a finalidade de dar resposta aos problemas e interrogações que se levantam nos mais diversos âmbitos de trabalho.

2.2. Hipóteses do estudo

A revisão da literatura permitiu considerar a opção mais adequada dos instrumentos para medir as representações sociais da criança face à pessoa idosa. Segundo Bardin (2009,p.92) o objetivo do estudo visa “ (...) a finalidade geral a que nos propomos”. Neste sentido, o objetivo geral desta investigação visa compreender quais as representações sociais que as crianças do ensino básico do Agrupamento de Escolas de Castro Verde, inscritos no ano letivo 2014/2015, nas turmas de 3º e 4º ano, têm face à pessoa idosa.

Com base na revisão da literatura e nos objetivos do presente estudo formulamos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (H1). Existe associação entre a idade e as representações dos alunos face aos idosos.

Hipótese 2 (H2). As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com o género.

Hipótese 3 (H3). As representações dos alunos face aos idosos variam conforme a sua área de residência (urbano/rural).

Hipótese 4 (H4). Existe associação entre a presença de idosos no agregado familiar dos alunos e as suas representações face aos idosos.

Hipótese 5 (H5). As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas.

2.3. Amostra

A técnica de amostragem utilizada foi não probabilística de conveniência. Segundo Costa (1977,p.264) a amostragem não probabilística ocorre quando, embora se tenha a possibilidade de atingir toda a população, retiramos a amostra de uma parte que seja

prontamente acessível. Na amostragem de conveniência utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários. O Agrupamento tem neste ano letivo 2014/2015, 201 alunos inscritos. A dimensão da nossa amostra prendeu-se com os alunos inscritos nas turmas de 3º e 4º anos (5 turmas) do ensino básico do Agrupamento de Escolas de Castro Verde, ou seja, 108 alunos, com idade compreendida entre os 9 e 11 anos.

2.4. Técnica de Recolha dos Dados

Serão aplicados aos sujeitos participantes do estudo (cinco turmas do 3º e 4º anos do ensino básico), um inquérito por questionário, uma escala de perceções e um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP).

O inquérito por questionário *“consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social...as respostas à maior parte das perguntas são normalmente pré-codificadas, de forma que os entrevistados devem obrigatoriamente escolher as suas respostas entre as que lhe são formalmente propostas”* (Quivy e Campenhoudt, 2005,p.188).Na perspetiva do mesmo autor o Inquérito por questionário aplicado é de *“administração direta”*, uma vez que o seu preenchimento será efetuado pelos sujeitos participantes do estudo.

De acordo com Fortin (1999,p.249) *“Um questionário é um método de colheita de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos”*, segundo o mesmo autor *“o método quantitativo visa, sobretudo, explicar e prever um fenómeno pela medida das variáveis e pela análise de dados numéricos”* (Fortin,2009,p.27).

Assim a construção dos instrumentos, fundamentam-se na bibliografia consultada acerca da temática, bem como os estudos de investigação já efetuados nesse âmbito. Os instrumentos estão reunidos num único documento de quatro páginas (Apêndice III), a primeira página consiste num breve esclarecimento ao participante sobre o estudo em causa, na segunda pagina (Parte I) foi inserido o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), trata-se de uma técnica projetiva orientada pela hipótese de que a estrutura psicológica do sujeito se torna palpável através das manifestações de

condutas de reações, evocações, escolhas e criação, constituindo-se em índices reveladores do conjunto da personalidade. Enquanto *“técnica projetiva, deveria atuar sobre a estrutura psicológica do sujeito, tornando-a evidenciada a partir das quatro principais condições de um teste projetivo: estimular, tornar observável, registrar e obter a comunicação verbal”* (Rapaport et al., 1965 cit in Nóbrega e Coutinho, 2003, p.67).

Tal como refere Bardin (1977, p.51) é uma técnica que se aplica “A fim de serem estudados os estereótipos sociais espontaneamente partilhados pelos membros de um grupo, relativos a certas profissões, países ou nomes próprios” Ainda segundo o mesmo autor “a aplicação do teste é simples. Pede-se aos sujeitos que associem livre e rapidamente, a partir da audição das palavras indutoras (estímulos), outras palavras (respostas) ” (Bardin, 1977, cit in Catita, 2008, p.99). Através do TALP foram fornecidas duas palavras estímulos (Idoso e Velho), para que os alunos enunciassem quatro observações (mais relevantes) para cada uma das indutoras.

Na página três do documento (Parte II) elaboramos um pequeno inquérito por questionário com cinco perguntas fechadas, que visam uma caracterização geral dos participantes do estudo. Por fim na página quatro colocamos a escala de perceções acerca das pessoas idosas, para tal foi utilizada uma escala de formato tipo likert a atribuir a 34 itens. A escala original (Anexo I) é constituída por 40 itens dos autores Rodriguez e Postigo (2004), utilizada pelo autor Magalhães (2010), num estudo direcionado a estudantes Universitários. Devido às especificidades dos nossos participantes, houve necessidade de adaptar a linguagem utilizada na escala, para melhor compreensão dos alunos.

2.5. Procedimentos

Após a revisão da literatura, obteve-se informação relevante para definição do enquadramento teórico.

Seguidamente procedeu-se à construção dos instrumentos que foram aplicados em simultâneo num único documento constituído por quatro páginas (Apêndice III). Desse documento consta um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), tal como já tínhamos referido, consiste numa técnica projetiva, que atua sobre a estrutura psicológica do sujeito, de forma a estimular, tornar observável, registrar e obter a

comunicação verbal. Neste trabalho de investigação foi solicitado aos participantes que perante duas palavras estímulo, enunciassem quais as quatro primeiras palavras que lhes ocorresse quando pensassem nas categorias “idoso” e “velho” (palavras estímulo). Em seguida foi solicitado aos participantes que assinalem nas suas observações, as duas palavras que considerassem mais importantes em relação à palavra estímulo que as originou. Pretendemos com os resultados do TALP identificar as representações positivas e/ou negativas numa perspetiva biopsicossocial.

Seguido do TALP e em simultâneo foi aplicado um inquérito por questionário, constituído por cinco questões fechadas, para uma caracterização geral dos participantes. Por fim, foi aplicado o terceiro instrumento, que consiste numa escala ordinal do tipo Likert com quatro alternativas de resposta (de “1” a “4”) entre “discordo bastante” até “concordo bastante”. Tendo em consideração a idade dos sujeitos participantes do estudo, houve necessidade de adequar a formulação das questões da escala de percepções das pessoas idosas original (Anexo I), dos autores por Rodriguez e Postigo (2004) e utilizada pelo autor Magalhães (2010), com uma linguagem simples e clara. Seguidamente procedeu-se à aplicação de um pré-teste (25 alunos), para avaliação da sua consistência interna através do coeficiente Alfa de Cronbach. Este procedimento indicou a eliminação de seis itens, para aumentar o valor de Alfa de Cronbach.

A escala é uma escala ordinal do tipo Likert com quatro alternativas de resposta (de “1” a “4”) entre “discordo bastante” até “concordo bastante”. É constituída por 34itens, os quais se organizam em duas dimensões:

DIMENSÕES	DESCRIÇÃO
Factor 1 – Representações Positivas face ao Idoso	Q04 - As PI são poços de sabedoria. Q11 - As PI podem ser muito uteis à sociedade. Q25 - Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças. Q26 - Ser idoso significa ter maior experiência de vida.
Factor 2 – Representações Negativas face ao Idoso	Q1 - Para ti ser idoso é ser-se doente. Q2 - As PI não são capazes de mudar a adaptar-se a novas situações. Q3 - As PI sofrem mais de solidão que os jovens. Q5 - As PI geralmente são pessoas tristes. Q6 - As PI já não produzem nada. Q7 - As PI já não são capazes de aprender coisas novas. Q8 - Pensar na velhice significa pensar na morte. Q9 - Envelhecer significa perder capacidades físicas. Q10 - As PI já não são capazes de pensar com clareza. Q12 - Os idosos são pessoas deprimidas.

-
- Q13 - As PI temem as novas tecnologias.
 - Q14 - A maioria dos idosos tem demência (doenças mentais).
 - Q15 - Quando vejo rugas da pele lembra-me PI.
 - Q16 - As PI tendem a assemelhar-se em comportamentos.
 - Q17 - Ser idoso significa ter menos capacidades psicológicas.
 - Q18 - Entrar na velhice significa voltar à infância.
 - Q19 - Pensar em velhice significa pensar em abandono.
 - Q20 - Ser idoso significa não ter nada para fazer.
 - Q21 - Ser idoso é sinónimo de exclusão social.
 - Q22 - Ser idoso significa necessidade de maior atenção.
 - Q23 - Ser idoso significa necessidade de maior preocupação.
 - Q24 - Ser idoso significa perder a capacidade de memória.
 - Q27 - Quando penso numa PI recorda-me alguém com óculos e/ou bengala.
 - Q28 - Os idosos não devem desempenhar tarefas que exigem maior habilidade manual.
 - Q29 - Os idosos devem evitar manipular máquinas.
 - Q30 - Envelhecer significa tornar-se menos inteligente.
 - Q31 - Ser-se idoso significa ter cabelos brancos.
 - Q32 - Regra geral as PI são feias.
 - Q33 - A maioria dos idosos não aceita a opinião dos outros.
 - Q34 - A maioria das PI não sabe ler nem escrever.
-

Estatísticas de consistência interna: Fator 1 – Representações Positivas face ao Idoso

Alfa de Cronbach	N de Itens
0,523	4

O valor do Alfa de Cronbach está próximo do valor de 0,60, pelo que podemos considerar que as quatro variáveis medem de forma próxima de aceitável uma única dimensão: o Fator 1 – Representações Positivas face ao Idoso.

Testes adicionais indicam que não existem itens correlacionados de forma negativa com a escala, nem que contribuam para que o valor do Alfa seja mais elevado:

Correlação item-total e efeito da eliminação de cada item: Fator 1 – Representações Positivas face ao Idoso

	Correlação Item- Total Corrigida	Alfa de Cronbach sem o item
Q04 - As PI são poços de sabedoria.	,298	,463
Q11 - As PI podem ser muito uteis à sociedade.	,319	,447
Q25 - Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças.	,271	,490
Q26 - Ser idoso significa ter maior experiência de vida.	,364	,403

Estatística de consistência interna: Fator 2 – Representações Negativas face ao Idoso

Alfa de Cronbach	N de Itens
0,790	30

O valor do Alfa de Cronbach é superior ao valor de 0,70, estando próximo de 0,80, pelo que podemos considerar que as 30 variáveis medem de forma adequada uma única dimensão: o Fator 2 – Representações Negativas face ao Idoso.

Correlação item-total e efeito da eliminação de cada item: Fator 2 – Representações Negativas face ao Idoso

	Correlação Item- Total Corrigida	Alfa de Cronbach sem o item
Q01 - Para ti ser idoso é ser-se doente.	,368	,781
Q02 - As PI não são capazes de mudar a adaptar-se a novas situações.	,252	,786
Q03 - As PI sofrem mais de solidão que os jovens.	,316	,783
Q05 - As PI geralmente são pessoas tristes.	,266	,785
Q06 - As PI já não produzem nada.	,476	,776
Q07 - As PI já não são capazes de aprender coisas novas.	,484	,775
Q08 - Pensar na velhice significa pensar na morte.	,390	,780
Q09 - Envelhecer significa perder capacidades físicas.	,239	,786
Q10 - As PI já não são capazes de pensar com clareza.	,305	,783
Q12 - Os idosos são pessoas deprimidas.	,432	,777
Q13 - As PI temem as novas tecnologias.	,120	,792
Q14 - A maioria dos idosos têm demência (doenças mentais).	,529	,773
Q15 - Quando vejo rugas da pele lembra-me PI.	,407	,778
Q16 - As PI tendem a assemelhar-se em comportamentos.	,148	,790
Q17 - Ser idoso significa ter menos capacidades psicológicas.	,428	,777
Q18 - Entrar na velhice significa voltar à infância.	-,098	,802
Q19 - Pensar em velhice significa pensar em abandono.	,393	,779
Q20 - Ser idoso significa não ter nada para fazer.	,318	,783
Q21 - Ser idoso é sinónimo de exclusão social.	,413	,778
Q22 - Ser idoso significa necessidade de maior atenção.	,045	,794
Q23 - Ser idoso significa necessidade de maior preocupação.	-,001	,795
Q24 - Ser idoso significa perder a capacidade de memória.	,403	,779
Q27 - Quando penso numa PI recorda-me alguém com óculos e/ou bengala.	,202	,788
Q28 - Os idosos não devem desempenhar tarefas que exigem maior habilidade manual.	,362	,781
Q29 - Os idosos devem evitar manipular máquinas.	,177	,790
Q30 - Envelhecer significa tornar-se menos inteligente.	,343	,782
Q31 - Ser-se idoso significa ter cabelos brancos.	,349	,781
Q32 - Regra geral as PI são feias.	,423	,779
Q33 - A maioria dos idosos não aceita a opinião dos outros.	,168	,790
Q34 - A maioria das PI não sabe ler nem escrever.	,224	,787

Para a realização da análise seguinte, as escalas das questões do Fator 2 – Representações Negativas face ao Idoso são recodificadas de forma inversa.

Correlação item-total e efeito da eliminação de cada item: Escala Global de Perceções acerca das pessoas idosas

	Correlação Item- Total Corrigida	Alfa de Cronbach sem o item
Q01r - Para ti ser idoso não é ser doente.	,395	,808
Q02r - As PI são capazes de mudar a adaptar-se a novas situações.	,238	,813
Q03r - As PI não sofrem mais de solidão que os jovens.	,308	,811
Q04 - As PI são poços de sabedoria.	,359	,809
Q05r - As PI geralmente não são pessoas tristes.	,267	,812
Q06r - As PI ainda produzem.	,499	,804
Q07r - As PI ainda são capazes de aprender coisas novas.	,496	,804
Q08r - Pensar na velhice não significa pensar na morte.	,387	,808
Q09r - Envelhecer não significa perder capacidades físicas.	,230	,813
Q10r - As PI ainda são capazes de pensar com clareza.	,290	,811
Q11 - As PI podem ser muito uteis à sociedade.	,309	,810
Q12r - Os idosos não são pessoas deprimidas.	,427	,806

Q13r - As PI não temem as novas tecnologias.	,142	,816
Q14r - A maioria dos idosos não têm demência (doenças mentais).	,552	,802
Q15r - Quando vejo rugas da pele não me lembra as PI.	,393	,807
Q16r - As PI não tendem a assemelhar-se em comportamentos.	,176	,815
Q17r - Ser idoso não significa ter menos capacidades psicológicas.	,463	,804
Q18r - Entrar na velhice não significa voltar à infância.	-,112	,825
Q19r - Pensar em velhice não significa pensar em abandono.	,390	,808
Q20r - Ser idoso não significa não ter nada para fazer.	,319	,810
Q21r - Ser idoso não é sinonimo de exclusão social.	,426	,806
Q22r - Ser idoso não significa necessidade de maior atenção.	,044	,819
Q23r - Ser idoso não significa necessidade de maior preocupação.	,005	,819
Q24r - Ser idoso não significa perder a capacidade de memória.	,403	,807
Q25 - Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças.	,371	,808
Q26 - Ser idoso significa ter maior experiência de vida.	,364	,808
Q27r - Quando penso numa PI não me recorda alguém com óculos e/ou bengala.	,173	,815
Q28r - Os idosos podem desempenhar tarefas que exigem maior habilidade manual.	,353	,809
Q29r - Os idosos não devem evitar manipular máquinas.	,170	,816
Q30r - Envelhecer não significa tornar-se menos inteligente.	,377	,808
Q31r - Ser idoso não significa ter cabelos brancos.	,361	,808
Q32r - Regra geral as PI não são feias.	,429	,807
Q33r - A maioria dos idosos aceita a opinião dos outros.	,156	,816
Q34r - A maioria das PI sabe ler e escrever.	,226	,813

Apesar dos resultados agora obtidos, em virtude da validação anterior, para a amostra de pré-teste, serão construídas variáveis para representar os dois fatores, de acordo com o agrupamento de itens em fatores apresentado na primeira tabela deste ponto.

Estatísticas de consistência interna: Escala Global de Perceções acerca das pessoas idosas

Alfa de Cronbach	N de Itens
0,815	34

Após a aplicação do pré-teste, apuramos que o valor do Alfa de Cronbach é superior ao valor de 0,80, pelo que podemos considerar que as 34 variáveis medem de forma adequada uma única dimensão: as Perceções acerca das pessoas idosas. Quanto à fiabilidade da escala de estereótipos, esta revelou uma boa consistência interna (alfa de 0,815).

O local para aplicação dos instrumentos foi em contexto de sala de aula e os dados foram recolhidos durante o mês de janeiro de 2015. Nesta investigação foram consideradas e respeitadas as questões éticas, tais como: o anonimato dos participantes; com base no consentimento informado quanto aos objetivos a pesquisar. Assim, antes da aplicação dos instrumentos de recolha de dados foi solicitada a respetiva autorização (Apêndice I) para aplicação dos mesmos à entidade responsável, o Agrupamento de Escolas de Castro Verde. Neste caso, como a

população alvo do estudo foram alunos do ensino básico, houve necessidade de solicitar autorização aos respectivos encarregados de educação (Apêndice II), para participação voluntária dos seus educandos.

Após a recolha dos dados, procedeu-se à sua análise. Essa análise vai permitir *“produzir resultados que podem ser interpretados pelo investigador”* Fortin (1999,p.42), e segundo Quivy e Campenhoudt (2005, p.239) a análise é *“a etapa que trata a informação obtida (...), para a apresentar de forma a poder comparar os resultados observados com os esperados a partir da hipótese”*.

2.6. Técnica de Análise dos Dados

2.6.1. Análise Quantitativa

Relativamente aos dados estatísticos obtidos através da aplicação dos instrumentos, aos sujeitos participantes do estudo, foram tratados a partir do Programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 22 para o Windows, através do qual se recorreu a alguns métodos estatísticos.

Em termos de estatística descritiva, para as variáveis de caracterização, apresentar-se-á tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas. As variáveis medidas em escala de Likert serão analisadas através das categorias apresentadas, enquanto as variáveis quantitativas serão analisadas a partir dos valores medidos.

A análise de consistência interna permite estudar as propriedades de escalas de medida e as questões que as compõem, de acordo com Anastasis (1990) e DeVellis (1991). O procedimento utilizado calcula medidas de consistência interna da escala e também fornece informação sobre as relações entre itens individuais numa escala.

O Alfa de Cronbach (Cronbach, 1951) é um modelo de consistência interna, baseado na correlação inter-item, sendo o modelo mais utilizado nas ciências sociais para verificação de consistência interna e validade de escalas.

O Alfa de Cronbach mede a fidelidade ou consistência interna de respostas a um conjunto de variáveis correlacionadas entre si, ou seja, como um conjunto de variáveis

representam uma determinada dimensão (Hill & Hill, 2002). Note-se que um coeficiente de consistência interna de 0.80 ou mais é considerado como "bom" na maioria das aplicações de Ciências Sociais e um coeficiente de consistência interna entre 0.70 e 0.80 é considerado como aceitável. Em alguns estudos admitem-se valores de consistência interna de 0,60 a 0,70, o que segundo a literatura é "fraco". Estes valores são referidos, por exemplo, por Muñiz (2003), Muñiz et al. (2005) e Nunnaly (1978). Quando existem missing values, os elementos da amostra correspondentes são excluídos dos cálculos efetuados para o Alfa de Cronbach.

A utilização do teste paramétrico t de Student é abordada por Maroco (2011,p. 199) e do teste não paramétrico de Mann-Whitney encontra-se também em Maroco (2011,p. 307). A análise dos pressupostos que permitem escolher entre a utilização de testes paramétricos ou não paramétricos pode ainda ser encontrada em Maroco (2011,p. 185). Os testes estatísticos servem para averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população. O valor que importa analisar é o valor de prova. Quando este valor é inferior ao valor de referência de 5%, rejeita-se a hipótese nula, ou seja, existem diferenças entre os dois grupos. Quando é superior ao valor de referência de 5%, aceita-se a hipótese nula.

A utilização do teste paramétrico ANOVA é abordada por Maroco (2011,p. 205) e do teste não paramétrico de Kruskall-Wallis encontra-se também em Maroco (2011, p. 317). Para realizar o estudo da relação entre uma variável qualitativa e variáveis quantitativas, estas podem ser determinadas pelos valores médios obtidos para cada classe da variável qualitativa, sendo o teste de hipóteses adequado a ANOVA, quando se cumpre o pressuposto da normalidade ou para amostras de grande dimensão. Quando o valor de prova da ANOVA é inferior a 5%, rejeita-se a hipótese de que as médias das variáveis quantitativas sejam iguais para as várias categorias das variáveis qualitativas. Quando é superior a 5%, não se rejeita a hipótese nula.

Por fim todos os dados serão transformados em quadros e gráficos para uma melhor visualização e compreensão dos mesmos.

2.6.2. Análise Qualitativa

Em relação ao instrumento do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) foi utilizado como método de tratamento de dados a análise de conteúdo, que possibilitará a obtenção da informação necessária e útil para a investigação, permitirá aprofundar o conhecimento sobre as representações destas crianças face à pessoa idosa. Em relação a este tipo de instrumento Bardin (1977,p.51) refere que “A fim de serem estudados os estereótipos sociais espontaneamente partilhados pelos membros de um grupo, relativos a certas profissões, países ou nomes próprios aplica-se um teste de associação de palavras a uma amostra de indivíduos”. Ainda segundo o mesmo autor “a aplicação do teste é simples. Pede-se aos sujeitos que associem livre e rapidamente, a partir da audição das palavras indutoras (estímulos), outras palavras (respostas) ”. (Bardin, 1977 cit in Catita,2008,p.99)

Citando Bardin (2009), Catita (2008) refere que, a análise de conteúdo visa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (Catita,2008,p.98).

A conceitualização da análise de conteúdo pode ser concebida de diferentes formas, tendo em vista a vertente teórica e a intencionalidade do pesquisador que a desenvolve, seja adotando conceitos relacionados à semântica estatística do discurso, ou ainda, visando à inferência por meio da identificação objetiva de características das mensagens (Weber, 1985; Bardin, 1977 cit in Silva e Fossá, 2013,p.02). Salienta-se o caráter social da análise de conteúdo, uma vez que é uma técnica com intuito de produzir inferências de um texto para seu contexto social de forma objetiva (Gaskell, 2002, cit in Silva e Fossá, 2013,p.02). Bardin (1977) ressalta a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo, a necessidade de ultrapassar as incertezas, e descobrir o que é questionado (Bardin, 1977 cit in Silva e Fossá, 2013,p.02).

Bardin (1977,p.19), considera que “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação”. A nossa análise de dados assentará também na proposta de Vérge (2005) cit in Santos (2010), “que leva em consideração as dimensões individual (ordem de evocação) e coletiva (frequência), envolvidas no processo de evocação (Santos, 2010,p.34).

3. Apresentação e Análise dos Resultados

Feita a recolha dos dados, iniciou-se o tratamento da informação obtida. A apresentação e a análise dos resultados apresentada foram elaboradas tendo em conta o conteúdo do enquadramento teórico deste estudo, bem como a opção metodológica que constituiu a orientação para esta investigação.

Como já foi referido, o tratamento estatístico dos dados foi realizado através da aplicação informática, SPSS (Statistical Package for the Social Science – versão 22), tendo para tal sido codificadas as respostas dos questionários e a sua numeração sequencial, criando-se as respetivas variáveis em SPSS.

Os dados que se apresentam a seguir, resultam de um tratamento estatístico das informações obtidas através dos instrumentos aplicados aos participantes do estudo.

3.1. Resultados do Inquérito por Questionário

Os dados obtidos através do Inquérito por Questionário foram tratados com o programa SPSS (versão 22).

3.1.1. Caracterização Geral da Amostra

Procedemos à caracterização geral da amostra com base nos dados obtidos através da aplicação do inquérito por questionário.

Tabela de Frequências I - Identificação do ano e turma dos alunos

	Frequência	Percentagem
3ºA	25	23,1
3ºB	26	24,1
3ºC	12	11,1
4ºA	19	17,6
4ºB	26	24,1
Total	108	100,0

A amostra é constituída por alunos de cinco turmas, 23% dos alunos são do 3.º A, 24% são do 3.º B, 11% são do 3.º C, 18% são do 4.º A e 24% são do 4.º B.

Tabela de Frequências II - Distribuição dos alunos pelos 2 Centros Escolares (CE)

	Frequência	Percentagem
CE1	56	51,9
CE2	52	48,1
Total	108	100,0

Na amostra, 52% dos alunos são do Centro Escolar CE1 e os restantes 48% são do Centro Escolar CE2. As turmas 3.º A, 3.º C e 4.º A são do CE1 e as turmas 3.º B e 4.º B são do CE2.

Tabela de Frequências III - Género dos alunos

	Frequência	Percentagem
Masculino	58	53,7
Feminino	50	46,3
Total	108	100,0

Na amostra, 54% dos alunos são do género masculino e os restantes 46% são do género feminino.

Tabela de Frequências IV - Idade dos alunos

	Frequência	Percentagem
7 anos	1	,9
8 anos	39	36,1
9 anos	58	53,7
10 anos	7	6,5
11 anos	3	2,8
Total	108	100,0

A maioria dos alunos (54%), têm 9 anos, seguidos de 36% com 8 anos, verificando-se ainda 6% com 10 anos e 3% com 11 anos, bem como 1% (um aluno) com 7 anos.

Tabela de Frequências V - Localidade onde vivem os alunos

	Frequência	Percentagem
Castro Verde	97	89,8
Entradas	4	3,7
Casevél	2	1,9
Geraldos	1	,9
São Marcos Atabueira	1	,9
Aivados	2	1,9
Monte Serro	1	,9
Total	108	100,0

Na amostra, 90% dos alunos vivem em Castro Verde e 4% vivem em Entradas, 2% vivem em Casevél, também 2% vivem em Aivados, verificando-se ainda um alunos de Geraldos, outro de São Marcos Atabueira e outro de Monte Serro.

Tabela de Frequências VI - Proveniência de Meio Urbano e Rural

	Frequência	Porcentagem
Urbano	97	89,8
Rural	11	10,2
Total	108	100,0

Na amostra, 90% dos alunos são de meio urbano e os restantes 10% são de meio rural.

Tabela de Frequências VII - Alunos que vivem com pessoas idosas

	Frequência	Porcentagem
sim	14	13,0
não	94	87,0
Total	108	100,0

Na amostra, 13% dos alunos vivem com pessoas idosas.

Tabela de Frequências VIII - Número de idosos que vivem com os alunos

	Frequência	Porcentagem
0	94	87,0
1	8	7,4
2	6	5,6
Total	108	100,0

Tabela de Frequências IX - Qual o grau de parentesco dos idosos que vivem com o aluno

	Frequência	Porcentagem
nenhum	94	87,0
avô	4	3,7
avó	4	3,7
avós	6	5,6
Total	108	100,0

Na amostra, dos alunos que vivem com pessoas idosas, 7% dos alunos vivem com uma pessoa idosa e 6% vivem com duas pessoas idosas. Os alunos que vivem com uma pessoa idosa referem ser o avô ou a avó e os alunos que vivem com duas pessoas idosas referem ser os avós.

Tabela de Frequências X - Os alunos que convivem com pessoas idosas

	Frequência	Porcentagem
sim	101	93,5
não	7	6,5
Total	108	100,0

A maioria dos alunos convive com pessoas idosas (94%), apenas 7% dos alunos afirmam não ter convivência com idosos.

Tabela de Frequências XI - Com que frequência ocorre o convívio com pessoas idosas

	Frequência	Porcentagem
Nunca	7	6,5
todos os dias	41	38,0
Semanalmente	35	32,4
Mensalmente	12	11,1
anualmente (nas férias)	13	12,0
Total	108	100,0

Na amostra, 38% dos alunos convive todos os dias com pessoas idosas, 32% convive semanalmente, 11% convive mensalmente, 12% convive anualmente e verifica-se que 7 alunos nunca convivem com pessoas idosas.

3.2. Resultados do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)

Como já referimos anteriormente, aquando da aplicação do TALP, foi solicitado aos alunos (108) participantes, que referissem as quatro primeiras palavras que lhes ocorresse em relação às palavras estímulo fornecidas: “Idoso” e “Velho”. E seguidamente foi-lhes solicitado que evidenciassem as duas palavras mais relevantes das quatro por eles referidas.

Para as quatro palavras associadas a “Idoso”, uma vez que cada elemento indica quatro palavras, obtivemos 432 palavras para os 108 elementos da amostra.

Tabela de Frequências XII - Quatro palavras associadas a "Idoso"

	Frequência	Porcentagem		Frequência	Porcentagem
Velho	54	50,0	Idoso	2	1,9
Bengala	39	36,1	Incrível	2	1,9
Idade	29	26,9	Irritante	2	1,9
Avó/Avô	27	25,0	Trabalhador	2	1,9
Necessitado	19	17,6	Velhice	2	1,9
Velhote	19	17,6	Abandono	1	0,9
Doente	18	16,7	Acamado	1	0,9
Lar	18	16,7	Amor	1	0,9
Ajuda	13	12,0	Asseado	1	0,9
Amigo	12	11,1	Calmo	1	0,9
Coxo	11	10,2	Carenciado	1	0,9
Problemas/ Dificuldades	10	9,3	Chato	1	0,9
Carinhoso	8	7,4	Conhecimento	1	0,9
Simpático	8	7,4	Contador	1	0,9

Velhinho	7	6,5	Convencido	1	0,9
Senhor	6	5,6	Corcunda	1	0,9
Dores	5	4,6	Descuidado	1	0,9
Visão reduzida	5	4,6	Giro	1	0,9
Cuidadoso	4	3,7	Grande	1	0,9
Pessoa	4	3,7	Importante	1	0,9
Sábio	4	3,7	Inocente	1	0,9
Antigo	3	2,8	Leal	1	0,9
Bonito	3	2,8	Malcriado	1	0,9
Brincalhão	3	2,8	Maravilhoso	1	0,9
Conversador	3	2,8	Memória reduzida	1	0,9
Esperto	3	2,8	Paciente	1	0,9
Experiente	3	2,8	Perguntador	1	0,9
Fraco	3	2,8	Pessoa velha	1	0,9
Lento	3	2,8	Pobre	1	0,9
Numeroso	3	2,8	Protetor	1	0,9
Resmungão	3	2,8	Querido	1	0,9
Respeito	3	2,8	Reforma	1	0,9
Rugas	3	2,8	Responsável	1	0,9
Alegre	2	1,9	Saúde	1	0,9
Audição reduzida	2	1,9	Sozinho	1	0,9
Bondoso	2	1,9	Torto	1	0,9
Descanso	2	1,9	Tradição	1	0,9
Divertido	2	1,9	Tristonho	1	0,9
Educado	2	1,9	Vaidoso	1	0,9
Engraçado	2	1,9	Vida	1	0,9
Família	2	1,9	<i>Sem informação</i>	13	12,0
Honesto	2	1,9	Total	108	100,0

As percentagens são calculadas em função da dimensão da amostra, por exemplo, para a palavra mais frequente, 50% da amostra (54 elementos) referem a palavra “velho”. Portanto, a palavra mais referida é “Velho” por 50%, seguida de “Bengala” por 36% e de “Idade” por 27% e “Avó/Avô” por 25%, depois seguem-se ainda “Necessitado”, “Velhote”, “Doente” e “Lar”, cada referida por cerca de 17%, depois “Ajuda” por 12%, “Amigo” por 11%, “Coxo” por 10% e “Problemas/ Dificuldades” referida por 9%, verificando-se ainda todas as restantes palavras listadas. Note-se ainda que se verificam 13 não respostas (sem informação).

Para as duas palavras mais importantes associadas a “Idoso”, uma vez que cada elemento indica duas das quatro palavras inicialmente referidas, verificam-se 216 palavras para os 108 elementos da amostra.

Tabela de Frequências XIII - Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso"

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Bengala	17	15,7	Rugas	2	1,9
Necessitado	17	15,7	Visão reduzida	2	1,9
Velho	17	15,7	Abandono	1	0,9
Avó/Avô	12	11,1	Alegre	1	0,9

Idade	12	11,1	Amor	1	0,9
Lar	12	11,1	Antigo	1	0,9
Doente	11	10,2	Asseado	1	0,9
Ajuda	9	8,3	Bonito	1	0,9
Amigo	8	7,4	Calmo	1	0,9
Problemas/ Dificuldades	7	6,5	Contador	1	0,9
Velhote	7	6,5	Corcunda	1	0,9
Simpático	6	5,6	Descanso	1	0,9
Carinhoso	5	4,6	Engraçado	1	0,9
Coxo	4	3,7	Família	1	0,9
Sábio	4	3,7	Fraco	1	0,9
Senhor	4	3,7	Giro	1	0,9
Dores	3	2,8	Idoso	1	0,9
Resmungão	3	2,8	Importante	1	0,9
Respeito	3	2,8	Maravilhoso	1	0,9
Audição reduzida	2	1,9	Paciente	1	0,9
Bondoso	2	1,9	Protetor	1	0,9
Brincalhão	2	1,9	Querido	1	0,9
Conversador	2	1,9	Sozinho	1	0,9
Cuidadoso	2	1,9	Trabalhador	1	0,9
Educado	2	1,9	Tradição	1	0,9
Esperto	2	1,9	Tristonho	1	0,9
Experiente	2	1,9	Vaidoso	1	0,9
Irritante	2	1,9	Velhinho	1	0,9
Numeroso	2	1,9	Vida	1	0,9
Pessoa	2	1,9	<i>Sem informação</i>	2	1,9
			Total	108	100,0

As percentagens são calculadas em função da dimensão da amostra, por exemplo, para uma das palavras mais frequentes, 15,7% da amostra (17 elementos) referem a palavra “Bengala”. As palavras mais referidas são “Bengala”, “Necessitado” e “Velho”, com 17 Observações cada (16%), seguidas de “Avó/Avô”, “Idade” e “Lar”, cada por 11%, depois de “Doente” por 10%, de “Ajuda” por 8%, de “Amigo” por 7% e de “Problemas/ Dificuldades” e “Velhote”, cada por 6,5%, verificando-se ainda todas as restantes palavras listadas. Note-se ainda que se verificam duas não respostas (sem informação).

Para as quatro palavras associadas a “Velho”, uma vez que cada elemento indica quatro palavras, verificam-se 432 palavras para os 108 elementos da amostra.

Tabela de Frequências XIV - Quatro palavras associadas a "Velho"

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Idoso	50	46,3	Inquieto/ Impaciente	2	1,9
Bengala	47	43,5	Malcriado	2	1,9
Doente	23	21,3	Morte	2	1,9
Idade	20	18,5	Pessoa velha	2	1,9
Lar	18	16,7	Simpático	2	1,9
Avó/Avô	14	13,0	Trabalhador	2	1,9
Rugas	12	11,1	Velhice	2	1,9
Ajuda	11	10,2	Velhinho	2	1,9
Velho	10	9,3	Vida	2	1,9
Velhote	10	9,3	Amor	1	0,9
Amigo	9	8,3	Atenção	1	0,9

Coxo	9	8,3	Baixo	1	0,9
Necessitado	9	8,3	Branco	1	0,9
Resmungão	8	7,4	Brincalhão	1	0,9
Lento	6	5,6	Caixão	1	0,9
Problemas/ Dificuldades	6	5,6	Carenciado	1	0,9
Respeito	6	5,6	Carinhoso	1	0,9
Triste	6	5,6	Convencido	1	0,9
Visão reduzida	6	5,6	Conversador	1	0,9
Bondoso	5	4,6	Curioso	1	0,9
Chato	5	4,6	Desabituaado	1	0,9
Família	5	4,6	Desanimado	1	0,9
Dores	4	3,7	Descuidado	1	0,9
Sábio	4	3,7	Divertido	1	0,9
Cuidadoso	3	2,8	Educado	1	0,9
Descanso	3	2,8	Egoísta	1	0,9
Fraco	3	2,8	Gênio	1	0,9
Pessoa	3	2,8	Gordo	1	0,9
Pobre	3	2,8	Irritante	1	0,9
Rabugento	3	2,8	Lendas	1	0,9
Responsável	3	2,8	Lindo	1	0,9
Senhor	3	2,8	Maluco	1	0,9
Abandono	2	1,9	Muletas	1	0,9
Alegre	2	1,9	Paciente	1	0,9
Amável	2	1,9	Pedinte	1	0,9
Antigo	2	1,9	Preguiçoso	1	0,9
Audição reduzida	2	1,9	Raro	1	0,9
Bonito	2	1,9	Religioso	1	0,9
Campo	2	1,9	Sem graça	1	0,9
Cemitério	2	1,9	Sozinho	1	0,9
Dorminhoco	2	1,9	Tempo	1	0,9
Envelhecer	2	1,9	Torto	1	0,9
Experiente	2	1,9	Tristonho	1	0,9
Feio	2	1,9	Velhaco	1	0,9
Grande	2	1,9	<i>Sem informação</i>	24	22,2
Inocente	2	1,9	Total	108	100,0

As percentagens são calculadas em função da dimensão da amostra, as palavras mais referidas são “Idoso” por 46% e “Bengala” por 43%, depois surgem “Doente” por 21%, “Idade” por 19%, “Lar” por 17%, “Avó/Avô” por 13%, “Rugas” por 11% e “Ajuda” por 10%, as palavras “Velho” e “Velhote” são referidas por 9% cada, “Amigo”, “Coxo” e “Necessitado” são referidas por 8% cada e “Resmungão” por 7%, verificando-se ainda todas as restantes palavras listadas. Note-se ainda que se verificam 24 não respostas (sem informação).

Para as duas palavras mais importantes associadas a “Velho”, uma vez que cada elemento indica duas das quatro palavras inicialmente referidas, verificam-se 216 palavras para os 108 elementos da amostra.

Tabela de Frequências XV - Duas palavras mais importantes associadas a "Velho"

	Frequência	Percentagem		Frequência	Percentagem
Idoso	29	26,9	Abandono	1	0,9
Bengala	19	17,6	Amável	1	0,9
Doente	15	13,9	Amor	1	0,9

Idade	13	12,0	Antigo	1	0,9
Lar	13	12,0	Atenção	1	0,9
Avó/Avô	9	8,3	Campo	1	0,9
Necessitado	8	7,4	Carinhoso	1	0,9
Ajuda	6	5,6	Cemitério	1	0,9
Rugas	5	4,6	Coxo	1	0,9
Velho	5	4,6	Curioso	1	0,9
Dores	4	3,7	Desanimado	1	0,9
Família	4	3,7	Descuidado	1	0,9
Lento	4	3,7	Educado	1	0,9
Resmungão	4	3,7	Feio	1	0,9
Respeito	4	3,7	Gênio	1	0,9
Triste	4	3,7	Lendas	1	0,9
Amigo	3	2,8	Lindo	1	0,9
Sábio	3	2,8	Malcriado	1	0,9
Velhote	3	2,8	Paciente	1	0,9
Alegre	2	1,9	Pedinte	1	0,9
Bondoso	2	1,9	Pessoa	1	0,9
Chato	2	1,9	Pessoa velha	1	0,9
Cuidadoso	2	1,9	Pobre	1	0,9
Descanso	2	1,9	Religioso	1	0,9
Dorminhoco	2	1,9	Simpático	1	0,9
Experiente	2	1,9	Sozinho	1	0,9
Inquieto/ Impaciente	2	1,9	Tempo	1	0,9
Problemas/ Dificuldades	2	1,9	Trabalhador	1	0,9
Rabugento	2	1,9	Tristonho	1	0,9
Responsável	2	1,9	Velhaco	1	0,9
Senhor	2	1,9	Velhice	1	0,9
Velhinho	2	1,9	Visão reduzida	1	0,9
Vida	2	1,9	<i>Sem informação</i>	1	0,9
			Total	50	100,0

A palavra mais referida é “Idoso” por 27%, seguida de “Bengala” por 18%, depois de “Doente” por 14%, e de “Idade” e “Lar” por 12% cada, seguem-se “Avó/Avô” por 8%, “Necessitado” por 7%, “Ajuda” por 6% e “Rugas” e “Velho” por 5% cada, verificando-se ainda todas as restantes palavras listadas. Note-se ainda que se verifica uma não resposta (sem informação).

3.3. Dimensões do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)

As Observações (palavras) evocadas pelos alunos foram distribuídas por três dimensões (Física, Psicológica e Social) e duas sub dimensões (Positiva e Negativa). A partir das dimensões associadas a cada palavra referida, foi determinada a frequência de cada dimensão para cada palavra de associação a “Idoso” e “Velho”, e para as quatro palavras referidas e as duas mais relevantes.

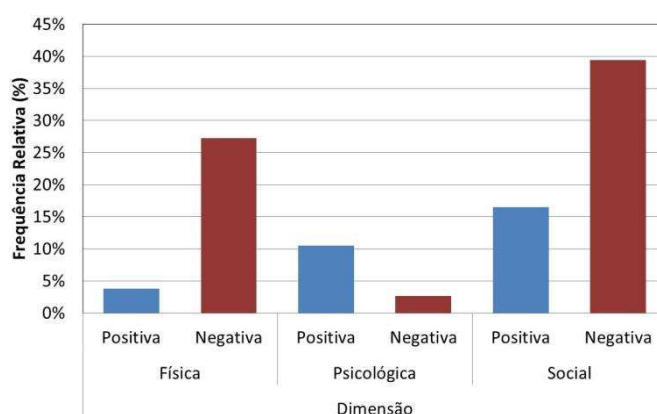
Para as quatro palavras associadas a “Idoso”, verificam-se 419 Observações para as dimensões (cada um dos 108 elementos refere 4 palavras, mas verificam-se 13 não respostas: $108 \times 4 = 432$; $432 - 13 = 419$), cada uma associada a cada uma das 419 palavras

referidas pelos 108 elementos da amostra, de acordo com as associações apresentadas em Anexo.

Tabela de Frequências XVI - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso"

	Frequência	Porcentagem
Dimensão Física Positiva	16	3,8
Dimensão Física Negativa	114	27,2
Dimensão Psicológica Positiva	44	10,5
Dimensão Psicológica Negativa	11	2,6
Dimensão Social Positiva	69	16,5
Dimensão Social Negativa	165	39,4
Total	419	100,0

Gráfico de Frequências I - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso"



Na amostra, quando são contabilizadas todas as palavras referidas por cada elemento, a dimensão mais verificada associada à palavra “Idoso” é a dimensão social negativa com 39,4%, seguindo-se a dimensão física negativa com 27,2%, depois a dimensão social positiva com 16,5%, seguida da dimensão psicológica positiva com 10,5%, verificando-se ainda a dimensão física positiva com 3,8% e a dimensão psicológica negativa com 2,6%.

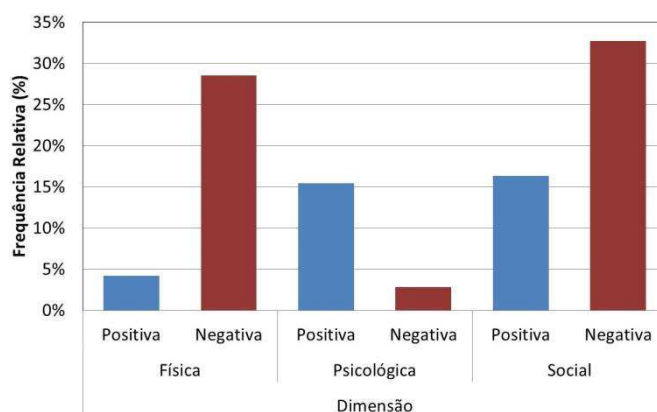
Para as duas palavras mais importantes associadas a “Idoso”, verificam-se 214 observações para as dimensões (cada um dos 108 elementos refere 2 palavras, mas verificam-se 2 não respostas: $108 \times 2 = 216$; $216 - 2 = 214$), cada uma associada a cada uma

das 214 palavras referidas pelos 108 elementos da amostra, de acordo com as associações apresentadas em Anexo.

Tabela de Frequências XVII - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso"

	Frequência	Porcentagem
Dimensão Física Positiva	9	4,2
Dimensão Física Negativa	61	28,5
Dimensão Psicológica Positiva	33	15,4
Dimensão Psicológica Negativa	6	2,8
Dimensão Social Positiva	35	16,4
Dimensão Social Negativa	70	32,7
Total	214	100,0

Gráfico de Frequências II - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso"



Na amostra, quando são contabilizadas apenas as duas palavras mais importantes referidas por cada elemento, a dimensão mais verificada associada à palavra "Idoso" é a dimensão social negativa com 32,7%, seguindo-se a dimensão física negativa com 28,5%, depois a dimensão social positiva com 16,4%, logo seguida da dimensão psicológica positiva com 15,4%, verificando-se ainda a dimensão física positiva com 4,2% e a dimensão psicológica negativa com 2,8%.

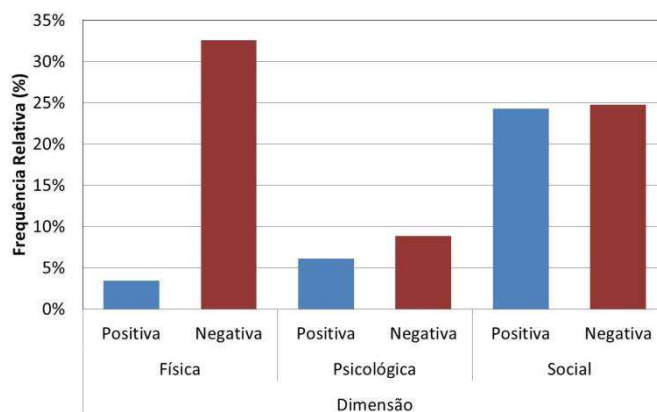
Para as quatro palavras associadas a "Velho", verificam-se 408 observações para as dimensões (cada um dos 108 elementos refere 4 palavras, mas verificam-se 24 não respostas: $108 \times 4 = 432$; $432 - 24 = 408$), cada uma associada a cada uma das 408 palavras

referidas pelos 108 elementos da amostra, de acordo com as associações apresentadas em Anexo.

Tabela de Frequências XVIII - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho"

	Frequência	Porcentagem
Dimensão Física Positiva	14	3,4
Dimensão Física Negativa	133	32,6
Dimensão Psicológica Positiva	25	6,1
Dimensão Psicológica Negativa	36	8,8
Dimensão Social Positiva	99	24,3
Dimensão Social Negativa	101	24,8
Total	408	100,0

Gráfico de Frequências III - Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho"



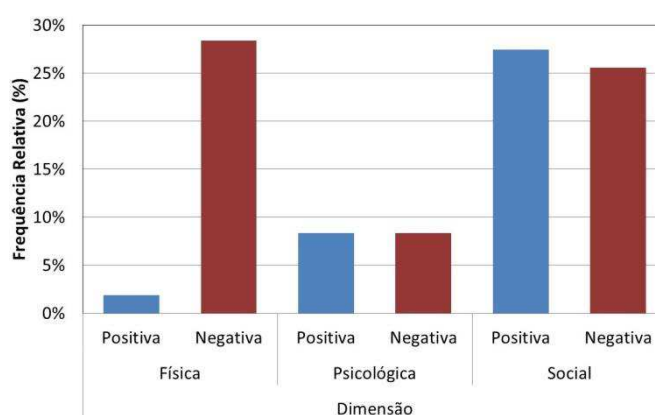
Na amostra, quando são contabilizadas todas as quatro palavras referidas por cada elemento, a dimensão mais verificada associada à palavra “Velho” é a dimensão física negativa com 32,6%, seguindo-se a dimensão social negativa com 24,8% e a dimensão social positiva com 24,3%, depois surge a dimensão psicológica negativa com 8,8% e a dimensão psicológica positiva com 6,1%, verificando-se finalmente a dimensão física positiva com 3,4%.

Para as duas palavras mais importantes associadas a “Velho”, verificam-se 215 observações para as dimensões (cada um dos 108 elementos refere 2 palavras, mas verifica-se 1 não resposta: $108 \times 2 = 216$; $216 - 1 = 215$), cada uma associada a cada uma das 215 palavras referidas pelos 108 elementos da amostra, de acordo com as associações apresentadas em Anexo.

Tabela de Frequências XIX - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho"

	Frequência	Porcentagem
Dimensão Física Positiva	4	1,9
Dimensão Física Negativa	61	28,4
Dimensão Psicológica Positiva	18	8,4
Dimensão Psicológica Negativa	18	8,4
Dimensão Social Positiva	59	27,4
Dimensão Social Negativa	55	25,6
Total	215	100,0

Gráfico de Frequências IV - Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho"



Na amostra, quando são contabilizadas apenas as duas palavras mais importantes referidas por cada elemento, a dimensão mais verificada associada à palavra “Velho” é a dimensão física negativa com 28,4%, seguindo-se a dimensão social positiva com 27,4% e a dimensão social negativa com 25,6%, depois surgem a dimensão psicológica positiva e a dimensão psicológica negativa com 8,4% cada, verificando-se finalmente a dimensão física positiva com 1,9%.

3.4. Análise dos Fatores

Dada a natureza e o número de variáveis implicadas no nosso estudo como já referimos anteriormente, foram efetuados agrupamentos de dados em tabelas, tendo sido realizada intuitivamente uma divisão das afirmações obtidas. Assim, a análise dos dados obtidos, foi elaborada de acordo com os fatores encontrados na análise fatorial, como se segue.

Tabela de Frequências XX - Percepções acerca das pessoas idosas

	1		2		3		4	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Q01 - Para ti ser idoso é ser-se doente.	51	47,2%	33	30,6%	18	16,7%	6	5,6%
Q02 - As PI não são capazes de mudar a adaptar-se a novas situações.	19	17,6%	48	44,4%	33	30,6%	8	7,4%
Q03 - As PI sofrem mais de solidão que os jovens.	10	9,3%	15	13,9%	57	52,8%	26	24,1%
Q04 - As PI são poços de sabedoria.	6	5,6%	23	21,3%	35	32,4%	44	40,7%
Q05 - As PI geralmente são pessoas tristes.	23	21,3%	52	48,1%	23	21,3%	10	9,3%
Q06 - As PI já não produzem nada.	46	43,0%	35	32,7%	18	16,8%	8	7,5%
Q07 - As PI já não são capazes de aprender coisas novas.	42	38,9%	34	31,5%	23	21,3%	9	8,3%
Q08 - Pensar na velhice significa pensar na morte.	49	45,4%	34	31,5%	17	15,7%	8	7,4%
Q09 - Envelhecer significa perder capacidades físicas.	6	5,6%	18	16,7%	50	46,3%	34	31,5%
Q10 - As PI já não são capazes de pensar com clareza.	16	14,8%	39	36,1%	40	37,0%	13	12,0%
Q11 - As PI podem ser muito uteis à sociedade.	7	6,5%	22	20,4%	41	38,0%	38	35,2%
Q12 - Os idosos são pessoas deprimidas.	33	30,6%	39	36,1%	24	22,2%	12	11,1%
Q13 - As PI temem as novas tecnologias.	22	20,4%	33	30,6%	37	34,3%	16	14,8%
Q14 - A maioria dos idosos têm demência (doenças mentais).	21	19,4%	33	30,6%	40	37,0%	14	13,0%
Q15 - Quando vejo rugas da pele lembra-me PI.	19	17,6%	31	28,7%	36	33,3%	22	20,4%
Q16 - As PI tendem a assemelhar-se em comportamentos.	26	24,1%	36	33,3%	35	32,4%	11	10,2%
Q17 - Ser idoso significa ter menos capacidades psicológicas.	26	24,1%	27	25,0%	34	31,5%	21	19,4%
Q18 - Entrar na velhice significa voltar à infância.	53	49,1%	24	22,2%	23	21,3%	8	7,4%
Q19 - Pensar em velhice significa pensar em abandono.	55	50,9%	33	30,6%	12	11,1%	8	7,4%
Q20 - Ser idoso significa não ter nada para fazer.	52	48,1%	35	32,4%	16	14,8%	5	4,6%
Q21 - Ser idoso é sinonimo de exclusão social.	61	56,5%	28	25,9%	10	9,3%	9	8,3%
Q22 - Ser idoso significa necessidade de maior atenção.	6	5,6%	12	11,1%	42	38,9%	48	44,4%
Q23 - Ser idoso significa necessidade de maior preocupação.	3	2,8%	11	10,2%	40	37,0%	54	50,0%
Q24 - Ser idoso significa perder a capacidade de memória.	14	13,0%	41	38,0%	35	32,4%	18	16,7%
Q25 - Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças.	11	10,2%	18	16,7%	30	27,8%	49	45,4%
Q26 - Ser idoso significa ter maior experiência de vida.	13	12,0%	11	10,2%	40	37,0%	44	40,7%
Q27 - Quando penso numa PI recorda-me alguém com óculos e/ou bengala.	11	10,2%	24	22,2%	40	37,0%	33	30,6%
Q28 - Os idosos não devem desempenhar tarefas que exigem maior habilidade manual.	27	25,0%	29	26,9%	28	25,9%	24	22,2%
Q29 - Os idosos devem evitar manipular máquinas.	18	16,7%	15	13,9%	43	39,8%	32	29,6%
Q30 - Envelhecer significa tornar-se menos inteligente.	43	39,8%	39	36,1%	18	16,7%	8	7,4%
Q31 - Ser-se idoso significa ter cabelos brancos.	32	29,6%	35	32,4%	17	15,7%	24	22,2%
Q32 - Regra geral as PI são feias.	63	58,3%	35	32,4%	4	3,7%	6	5,6%
Q33 - A maioria dos idosos não aceita a opinião dos outros.	36	33,3%	39	36,1%	20	18,5%	13	12,0%
Q34 - A maioria das PI não sabe ler nem escrever.	29	26,9%	44	40,7%	22	20,4%	13	12,0%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- Discordo bastante; 2- Discordo; 3- Concordo; 4- Concordo bastante.

Tabela de médias XXI - Percepções acerca das pessoas idosas

	N	Média	Desvio Padrão	Coef.
				Varição
Q01 - Para ti ser idoso é ser-se doente.	108	1,81	0,91	50%
Q02 - As PI não são capazes de mudar a adaptar-se a novas situações.	108	2,28	0,84	37%
Q03 - As PI sofrem mais de solidão que os jovens.	108	2,92	0,87	30%
Q04 - As PI são poços de sabedoria.	108	3,08	0,92	30%
Q05 - As PI geralmente são pessoas tristes.	108	2,19	0,88	40%
Q06 - As PI já não produzem nada.	107	1,89	0,94	50%
Q07 - As PI já não são capazes de aprender coisas novas.	108	1,99	0,97	49%
Q08 - Pensar na velhice significa pensar na morte.	108	1,85	0,95	51%
Q09 - Envelhecer significa perder capacidades físicas.	108	3,04	0,84	28%
Q10 - As PI já não são capazes de pensar com clareza.	108	2,46	0,89	36%
Q11 - As PI podem ser muito uteis à sociedade.	108	3,02	0,91	30%
Q12 - Os idosos são pessoas deprimidas.	108	2,14	0,98	46%
Q13 - As PI temem as novas tecnologias.	108	2,44	0,98	40%
Q14 - A maioria dos idosos têm demência (doenças mentais).	108	2,44	0,95	39%
Q15 - Quando vejo rugas da pele lembra-me PI.	108	2,56	1,01	39%
Q16 - As PI tendem a assemelhar-se em comportamentos.	108	2,29	0,95	41%
Q17 - Ser idoso significa ter menos capacidades psicológicas.	108	2,46	1,06	43%
Q18 - Entrar na velhice significa voltar à infância.	108	1,87	1,00	53%
Q19 - Pensar em velhice significa pensar em abandono.	108	1,75	0,93	53%
Q20 - Ser idoso significa não ter nada para fazer.	108	1,76	0,87	50%
Q21 - Ser idoso é sinonimo de exclusão social.	108	1,69	0,95	56%
Q22 - Ser idoso significa necessidade de maior atenção.	108	3,22	0,86	27%
Q23 - Ser idoso significa necessidade de maior preocupação.	108	3,34	0,78	23%
Q24 - Ser idoso significa perder a capacidade de memória.	108	2,53	0,92	36%

Q25 - Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças.	108	3,08	1,02	33%
Q26 - Ser idoso significa ter maior experiência de vida.	108	3,06	1,00	33%
Q27 - Quando penso numa PI recorda-me alguém com óculos e/ou bengala.	108	2,88	0,96	33%
Q28 - Os idosos não devem desempenhar tarefas que exigem maior habilidade manual.	108	2,45	1,10	45%
Q29 - Os idosos devem evitar manipular máquinas.	108	2,82	1,04	37%
Q30 - Envelhecer significa tornar-se menos inteligente.	108	1,92	0,93	48%
Q31 - Ser-se idoso significa ter cabelos brancos.	108	2,31	1,12	49%
Q32 - Regra geral as PI são feias.	108	1,56	0,81	52%
Q33 - A maioria dos idosos não aceita a opinião dos outros.	108	2,09	1,00	48%
Q34 - A maioria das PI não sabe ler nem escrever.	108	2,18	0,97	44%

Os valores indicados reportam-se à escala de medida:

1- Discordo bastante; 2- Discordo; 3- Concordo; 4- Concordo bastante.

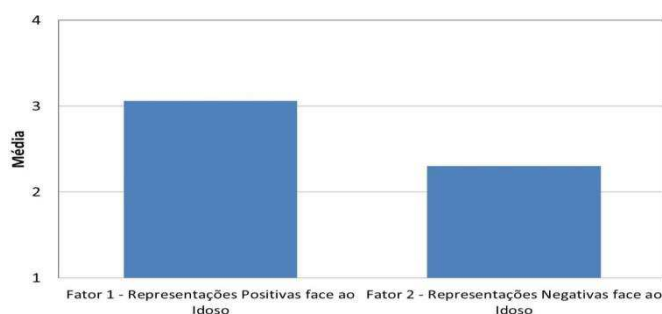
Os valores médios observados apresentam as variações ilustradas, em média: a concordância é superior com o item Q23, seguido de Q22 e depois de Q4, Q25, Q26, Q09 e Q11, sendo inferior para o item Q32, seguido do item Q21 e de Q19 e Q20, e depois de Q01, Q08, Q18 e Q06. Os itens que apresentam um valor médio superior a 2,5 apresentam uma concordância superior ao ponto intermédio da escala de medida e os itens que apresentam um valor médio inferior a 2,5 apresentam uma concordância inferior ao ponto intermédio da escala de medida.

Para cada uma das dimensões da escala, os seus valores foram determinados a partir do cálculo da média dos itens que as constituem.

Tabela de médias XXII - Escala de Perceções acerca das pessoas idosas

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mín.	Máx.
Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso	108	3,06	0,62	20%	1,25	4,00
Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso	108	2,30	0,35	15%	1,43	3,23

Gráfico de Médias I Escala de Perceções acerca das pessoas idosas



O Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso apresenta um valor médio superior ao ponto intermédio da escala, enquanto o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso apresenta um valor médio inferior ao ponto intermédio da escala, pelo que

podemos concluir que as Representações Positivas face ao Idoso são superiores às Representações Negativas face ao Idoso.

Hipótese 1 (H1). Existe associação entre a idade e as representações dos alunos face aos idosos

Uma vez que as categorias extremas da idade apresentam poucas observações, são agregadas às categorias adjacentes, para permitir a análise inferencial, de acordo com a seguinte tabela.

Tabela de Frequências XXI - Idade dos Alunos

	Frequência	Percentagem
7 ou 8 anos	40	37,0
9 anos	58	53,7
10 ou 11 anos	10	9,3
Total	108	100,0

Tabela I Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a Idade (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₂ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	7 ou 8 anos	40	5,0%	14,1%	1,69	0,429
	9 anos	58	3,4%	9,9%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	7 ou 8 anos	40	32,5%	29,0%	3,30	0,192
	9 anos	58	22,0%	23,9%		
	10 ou 11 anos	10	27,5%	24,9%		
Dimensão Psicológica Positiva	7 ou 8 anos	40	10,0%	17,7%	0,15	0,927
	9 anos	58	10,8%	17,6%		
	10 ou 11 anos	10	7,5%	12,1%		
Dimensão Psicológica Negativa	7 ou 8 anos	40	3,8%	10,7%	1,94	0,379
	9 anos	58	2,2%	8,5%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Social Positiva	7 ou 8 anos	40	13,1%	25,3%	3,00	0,223
	9 anos	58	18,1%	23,8%		
	10 ou 11 anos	10	15,0%	26,9%		
Dimensão Social Negativa	7 ou 8 anos	40	32,5%	21,3%	4,03	0,133
	9 anos	58	40,1%	23,9%		
	10 ou 11 anos	10	50,0%	26,4%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva diminui com o aumento da idade, a Dimensão Física Negativa é inferior para 9 anos, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para 9 anos e inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Psicológica Negativa diminui com o aumento da idade, a Dimensão Social Positiva é superior para 9 anos e inferior para 7 ou 8 anos, a Dimensão Social Negativa aumenta com o aumento da idade; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela II Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a Idade (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₂ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	7 ou 8 anos	40	6,3%	20,2%	1,24	0,539
	9 anos	58	3,4%	12,8%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	7 ou 8 anos	40	37,5%	37,1%	4,49	0,106
	9 anos	58	23,3%	29,9%		
	10 ou 11 anos	10	20,0%	35,0%		
Dimensão Psicológica Positiva	7 ou 8 anos	40	15,0%	28,2%	0,07	0,964
	9 anos	58	15,5%	26,8%		
	10 ou 11 anos	10	15,0%	24,2%		
Dimensão Psicológica Negativa	7 ou 8 anos	40	2,5%	11,0%	0,53	0,766
	9 anos	58	3,4%	15,8%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Social Positiva	7 ou 8 anos	40	11,3%	26,5%	2,63	0,269
	9 anos	58	19,8%	31,0%		
	10 ou 11 anos	10	15,0%	24,2%		
Dimensão Social Negativa	7 ou 8 anos	40	27,5%	29,9%	3,04	0,219
	9 anos	58	32,8%	31,8%		
	10 ou 11 anos	10	50,0%	40,8%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva diminui com o aumento da idade, a Dimensão Física Negativa diminui com o aumento da idade, a Dimensão Psicológica Positiva é ligeiramente superior para 9 anos, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para 9 anos e inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Social Positiva é superior para 9 anos e inferior para 7 ou 8 anos, a Dimensão Social Negativa aumenta com o aumento da idade; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela III Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₂ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	7 ou 8 anos	40	3,1%	10,1%	0,69	0,708
	9 anos	58	3,0%	8,2%		
	10 ou 11 anos	10	5,0%	10,5%		
Dimensão Física Negativa	7 ou 8 anos	40	30,6%	26,2%	4,89	0,087
	9 anos	58	27,6%	30,2%		
	10 ou 11 anos	10	50,0%	31,2%		
Dimensão Psicológica Positiva	7 ou 8 anos	40	4,4%	11,2%	2,40	0,302
	9 anos	58	7,8%	18,9%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Psicológica Negativa	7 ou 8 anos	40	5,6%	13,3%	1,01	0,605
	9 anos	58	10,3%	21,0%		
	10 ou 11 anos	10	7,5%	12,1%		
Dimensão Social Positiva	7 ou 8 anos	40	22,5%	18,6%	4,84	0,089
	9 anos	58	25,0%	20,4%		
	10 ou 11 anos	10	12,5%	24,3%		
Dimensão Social Negativa	7 ou 8 anos	40	27,5%	21,0%	2,60	0,273
	9 anos	58	20,7%	18,8%		
	10 ou 11 anos	10	22,5%	18,4%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva é superior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Física Negativa é superior para 10 ou 11 anos e inferior para 9 anos, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para 9 anos e inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para 9 anos e inferior para 7 ou 8 anos, a Dimensão Social Positiva é superior para 9 anos e inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Social Negativa é superior para 7 ou 8 anos; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela IV Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a Idade (estatística e testes de Kruskall-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₂ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	7 ou 8 anos	40	1,3%	7,9%	0,89	0,641
	9 anos	58	2,6%	11,2%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	7 ou 8 anos	40	28,8%	31,8%	3,09	0,213
	9 anos	58	25,0%	31,4%		
	10 ou 11 anos	10	45,0%	36,9%		
Dimensão Psicológica Positiva	7 ou 8 anos	40	7,5%	21,3%	1,84	0,399
	9 anos	58	10,3%	26,1%		
	10 ou 11 anos	10	0,0%	0,0%		
Dimensão Psicológica Negativa	7 ou 8 anos	40	5,0%	18,9%	1,54	0,463
	9 anos	58	11,2%	28,2%		

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₂ (KW)	p
	10 ou 11 anos	10	5,0%	15,8%		
Dimensão Social Positiva	7 ou 8 anos	40	28,8%	31,8%	1,68	0,432
	9 anos	58	28,4%	31,2%		
	10 ou 11 anos	10	15,0%	24,2%		
Dimensão Social Negativa	7 ou 8 anos	40	28,8%	29,7%	2,18	0,336
	9 anos	58	21,6%	25,0%		
	10 ou 11 anos	10	35,0%	33,7%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva é superior para 9 anos e inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Física Negativa é superior para 10 ou 11 anos e inferior para 9 anos, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para 9 anos e inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para 9 anos, a Dimensão Social Positiva é inferior para 10 ou 11 anos, a Dimensão Social Negativa é superior para 10 ou 11 anos e inferior para 9 anos; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela V Relações entre os Fatores das Perceções acerca das pessoas "Idosas" e a Idade (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₂ (KW)	p
Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso	7 ou 8 anos	40	2,70	0,61	22,89	** 0,000
	9 anos	58	3,25	0,54		
	10 ou 11 anos	10	3,40	0,39		
Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso	7 ou 8 anos	40	2,44	0,35	8,57	* 0,014
	9 anos	58	2,23	0,35		
	10 ou 11 anos	10	2,19	0,22		

** diferença significativa para p < 0,01

* diferença significativa para p < 0,05

O valor de prova é inferior a 5% para ambos os fatores, verificam-se diferenças significativas.

O Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso aumenta com o aumento da idade, o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso diminui com o aumento da idade, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas.

Em conclusão, verifica-se a "Hipótese 1 (H1). Existe associação entre a idade e as representações dos alunos face aos idosos" para o "Fator 1 - Representações Positivas

face ao Idoso”, que aumenta com o aumento da idade; e para o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso”, que diminui com o aumento da idade; não se verificando para nenhuma das dimensões do teste TALP.

Hipótese 2 (H2). As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com o género

Tabela VI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e o "Género" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Masculino	58	3,4%	11,9%	1398	0,570
	Feminino	50	4,0%	10,5%		
Dimensão Física Negativa	Masculino	58	30,2%	26,4%	1179,5	0,080
	Feminino	50	22,0%	25,6%		
Dimensão Psicológica Positiva	Masculino	58	7,3%	13,3%	1246	0,123
	Feminino	50	13,5%	20,3%		
Dimensão Psicológica Negativa	Masculino	58	3,0%	10,6%	1437	0,867
	Feminino	50	2,0%	6,9%		
Dimensão Social Positiva	Masculino	58	13,4%	24,9%	1183	0,059
	Feminino	50	19,0%	24,0%		
Dimensão Social Negativa	Masculino	58	41,4%	24,6%	1184	0,082
	Feminino	50	34,5%	22,0%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Psicológica Positiva e a Dimensão Social Positiva são superiores para o género feminino; a Dimensão Física Negativa, a Dimensão Psicológica Negativa e a Dimensão Social Negativa são superiores para o género masculino; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela VII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e "Género" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Masculino	58	3,4%	15,8%	1382,5	0,359
	Feminino	50	5,0%	15,2%		
Dimensão Física Negativa	Masculino	58	34,5%	35,3%	1148	* 0,037
	Feminino	50	21,0%	30,5%		
Dimensão Psicológica Positiva	Masculino	58	12,9%	24,0%	1351,5	0,432
	Feminino	50	18,0%	29,9%		
Dimensão Psicológica Negativa	Masculino	58	4,3%	17,0%	1378,5	0,226
	Feminino	50	1,0%	7,1%		
Dimensão Social	Masculino	58	12,9%	27,4%	1264,5	0,140

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Positiva	Feminino	50	20,0%	30,3%		
Dimensão Social	Masculino	58	31,9%	32,0%	1428	0,880
Negativa	Feminino	50	33,0%	32,9%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

O valor de prova é inferior a 5% para a Dimensão Física Negativa, verificam-se diferenças significativas.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

A Dimensão Física Negativa é superior para o género masculino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Psicológica Positiva, a Dimensão Social Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para o género feminino, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para o género masculino; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela VIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e o "Género" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Masculino	58	2,2%	7,1%	1340,5	0,232
	Feminino	50	4,5%	10,9%		
Dimensão Física Negativa	Masculino	58	32,8%	31,5%	1365,5	0,588
	Feminino	50	28,5%	26,7%		
Dimensão Psicológica Positiva	Masculino	58	5,6%	14,1%	1411,5	0,708
	Feminino	50	6,0%	17,2%		
Dimensão Psicológica Negativa	Masculino	58	6,9%	14,7%	1390	0,610
	Feminino	50	10,0%	20,8%		
Dimensão Social Positiva	Masculino	58	23,7%	20,1%	1387	0,676
	Feminino	50	22,0%	20,6%		
Dimensão Social Negativa	Masculino	58	23,7%	20,6%	1420	0,842
	Feminino	50	23,0%	18,8%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Psicológica Positiva e a Dimensão Psicológica Negativa são superiores para o género feminino; a Dimensão Física Negativa, a Dimensão Social Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para

o género masculino; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela IX Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e o "Género" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Masculino	58	0,9%	6,6%	1388	0,243
	Feminino	50	3,0%	12,0%		
Dimensão Física Negativa	Masculino	58	32,8%	35,7%	1265	0,202
	Feminino	50	23,0%	27,1%		
Dimensão Psicológica Positiva	Masculino	58	7,8%	20,5%	1433	0,857
	Feminino	50	9,0%	26,1%		
Dimensão Psicológica Negativa	Masculino	58	6,0%	18,9%	1388,5	0,502
	Feminino	50	11,0%	29,1%		
Dimensão Social Positiva	Masculino	58	25,9%	31,4%	1359	0,528
	Feminino	50	29,0%	30,5%		
Dimensão Social Negativa	Masculino	58	26,7%	28,4%	1383,5	0,640
	Feminino	50	24,0%	27,2%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Psicológica Positiva, a Dimensão Psicológica Negativa e a Dimensão Social Positiva são superiores para o género feminino, a Dimensão Física Negativa e a Dimensão Social Negativa são superiores para o género masculino; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela X Relações entre os Factores das Perceções acerca das pessoas "Idosas" e o "Género" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso	Masculino	58	3,07	0,58	1425	0,877
	Feminino	50	3,05	0,66		
Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso	Masculino	58	2,32	0,33	1407	0,791
	Feminino	50	2,29	0,38		

O valor de prova é superior a 5% para ambos os fatores, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, o Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso e o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso são ligeiramente superiores para o género

masculino; no entanto, estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Em conclusão, verifica-se a “Hipótese 2 (H2). As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com o género” apenas para a Dimensão Física Negativa das Duas palavras mais importantes associadas a “Idoso”, que é superior para o género masculino; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas.

Hipótese 3 (H3). As representações dos alunos face aos idosos variam conforme a sua área de residência (urbano/rural)

Tabela XI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a “Área de residência” (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Urbano	97	4,1%	11,8%	462	0,198
	Rural	11	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	Urbano	97	27,3%	26,8%	443	0,334
	Rural	11	18,2%	19,7%		
Dimensão Psicológica Positiva	Urbano	97	10,3%	17,2%	512,5	0,794
	Rural	11	9,1%	16,9%		
Dimensão Psicológica Negativa	Urbano	97	2,6%	9,2%	530	0,941
	Rural	11	2,3%	7,5%		
Dimensão Social Positiva	Urbano	97	14,4%	23,3%	391,5	0,098
	Rural	11	29,5%	31,3%		
Dimensão Social Negativa	Urbano	97	38,7%	23,9%	479	0,557
	Rural	11	34,1%	20,2%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Física Negativa, a Dimensão Psicológica Positiva, a Dimensão Psicológica Negativa e a Dimensão Social Negativa são superiores para o meio urbano; a Dimensão Social Positiva é superior para o meio rural; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Urbano	97	4,6%	16,3%	489,5	0,325
	Rural	11	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	Urbano	97	29,4%	34,4%	452,5	0,357
	Rural	11	18,2%	25,2%		
Dimensão Psicológica Positiva	Urbano	97	14,9%	26,2%	522,5	0,885
	Rural	11	18,2%	33,7%		
Dimensão Psicológica Negativa	Urbano	97	2,6%	13,3%	507,5	0,468
	Rural	11	4,5%	15,1%		
Dimensão Social Positiva	Urbano	97	14,4%	27,0%	409	0,102
	Rural	11	31,8%	40,5%		
Dimensão Social Negativa	Urbano	97	33,5%	32,9%	448,5	0,338
	Rural	11	22,7%	26,1%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Física Negativa e a Dimensão Social Negativa são superiores para o meio urbano; a Dimensão Psicológica Positiva, a Dimensão Psicológica Negativa e a Dimensão Social Positiva são superiores para o meio rural; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Urbano	97	3,6%	9,5%	462	0,198
	Rural	11	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	Urbano	97	32,0%	28,8%	392	0,135
	Rural	11	20,5%	33,2%		
Dimensão Psicológica Positiva	Urbano	97	5,9%	16,0%	524	0,879
	Rural	11	4,5%	10,1%		
Dimensão Psicológica Negativa	Urbano	97	8,8%	18,1%	461,5	0,314
	Rural	11	4,5%	15,1%		
Dimensão Social Positiva	Urbano	97	21,4%	19,8%	323	* 0,021
	Rural	11	36,4%	20,5%		
Dimensão Social Negativa	Urbano	97	23,2%	19,8%	498	0,698
	Rural	11	25,0%	19,4%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

O valor de prova é inferior a 5% para a Dimensão Social Positiva, verificam-se diferenças significativas.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

A Dimensão Social Positiva é superior para o meio rural, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Física Negativa, a Dimensão Psicológica Positiva e a Dimensão Psicológica Negativa são superiores para o meio urbano; a Dimensão Social Negativa é superior para o meio rural; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XIV Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a "Área de residência" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	Urbano	97	2,1%	10,0%	511,5	0,495
	Rural	11	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	Urbano	97	29,9%	32,0%	372,5	0,067
	Rural	11	13,6%	32,3%		
Dimensão Psicológica Positiva	Urbano	97	8,8%	23,9%	508,5	0,663
	Rural	11	4,5%	15,1%		
Dimensão Psicológica Negativa	Urbano	97	8,8%	25,0%	513,5	0,719
	Rural	11	4,5%	15,1%		
Dimensão Social Positiva	Urbano	97	26,3%	30,7%	440	0,285
	Rural	11	36,4%	32,3%		
Dimensão Social Negativa	Urbano	97	24,2%	26,1%	452,5	0,348
	Rural	11	36,4%	39,3%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Física Negativa, a Dimensão Psicológica Positiva e a Dimensão Psicológica Negativa são superiores para o meio urbano; a Dimensão Social Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para o meio rural; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XV Relações entre os Factores das Perceções acerca das pessoas "Idosas" e a "Área de Residência" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso	Urbano	97	3,06	0,63	532,5	0,992
	Rural	11	3,07	0,51		
Fator 2 - Representações	Urbano	97	2,31	0,35	482	0,601

		N	Média	Desvio padrão	U	p
Negativas face ao Idoso	Rural	11	2,22	0,35		

O valor de prova é superior a 5% para ambos os fatores, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, o Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso é idêntico para ambos os meios, o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso é ligeiramente superior para o meio urbano; no entanto, estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Em conclusão, verifica-se a Hipótese 3 (H3). As representações dos alunos face aos idosos variam conforme a sua área de residência (urbano/rural) apenas para a Dimensão Social Positiva das Quatro palavras associadas a “Velho”, que é superior para o meio rural; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas.

Hipótese 4 (H4). Existe associação entre a presença de idosos no agregado familiar dos alunos e as suas representações face aos idosos.

Tabela XVI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a "Presença de Idosos no agregado familiar" (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

	Vives com pessoas idosas?	N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	sim	14	7,1%	15,3%	584	0,230
	não	94	3,2%	10,5%		
Dimensão Física Negativa	sim	14	23,2%	26,8%	604	0,604
	não	94	26,9%	26,2%		
Dimensão Psicológica Positiva	sim	14	14,3%	18,9%	564	0,291
	não	94	9,6%	16,8%		
Dimensão Psicológica Negativa	sim	14	0,0%	0,0%	595	0,229
	não	94	2,9%	9,6%		
Dimensão Social Positiva	sim	14	12,5%	19,0%	625,5	0,733
	não	94	16,5%	25,3%		
Dimensão Social Negativa	sim	14	37,5%	16,3%	633	0,808
	não	94	38,3%	24,5%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva e a Dimensão Psicológica Positiva são superiores para quem vive com pessoas idosas; a Dimensão Física Negativa, a Dimensão Psicológica Negativa, a Dimensão Social Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para quem não vive com pessoas idosas; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XVII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

	Vives com pessoas idosas?	N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	sim	14	7,1%	18,2%	607	0,304
	não	94	3,7%	15,1%		
Dimensão Física Negativa	sim	14	21,4%	25,7%	599	0,546
	não	94	29,3%	34,7%		
Dimensão Psicológica Positiva	sim	14	21,4%	25,7%	549	0,197
	não	94	14,4%	27,1%		
Dimensão Psicológica Negativa	sim	14	0,0%	0,0%	623	0,379
	não	94	3,2%	14,3%		
Dimensão Social Positiva	sim	14	3,6%	13,4%	506	0,072
	não	94	18,1%	30,1%		
Dimensão Social Negativa	sim	14	42,9%	18,2%	490	0,088
	não	94	30,9%	33,7%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Psicológica Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para quem vive com pessoas idosas; a Dimensão Física Negativa a Dimensão Psicológica Negativa e a Dimensão Social Positiva são superiores para quem não vive com pessoas idosas; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XVIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

	Vives com pessoas idosas?	N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	sim	14	5,4%	10,6%	588,5	0,260
	não	94	2,9%	8,9%		
Dimensão Física Negativa	sim	14	30,4%	28,0%	656,5	0,989
	não	94	30,9%	29,7%		
Dimensão Psicológica Positiva	sim	14	7,1%	15,3%	615,5	0,539
	não	94	5,6%	15,6%		
Dimensão Psicológica Negativa	sim	14	0,0%	0,0%	490	* 0,034
	não	94	9,6%	18,7%		

	Vives com pessoas idosas?	N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Social Positiva	sim	14	23,2%	20,7%	643,5	0,887
	não	94	22,9%	20,3%		
Dimensão Social Negativa	sim	14	25,0%	21,9%	637,5	0,840
	não	94	23,1%	19,5%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

O valor de prova é inferior a 5% para a Dimensão Psicológica Negativa, verificam-se diferenças significativas.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

A Dimensão Psicológica Negativa é superior para quem não vive com pessoas idosas, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Psicológica Positiva, a Dimensão Social Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para quem vive com pessoas idosas; a Dimensão Física Negativa é superior para quem não vive com pessoas idosas; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XIX Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

	Vives com pessoas idosas?	N	Média	Desvio padrão	U	p
Dimensão Física Positiva	sim	14	0,0%	0,0%	630	0,434
	não	94	2,1%	10,1%		
Dimensão Física Negativa	sim	14	21,4%	25,7%	591	0,492
	não	94	29,3%	33,1%		
Dimensão Psicológica Positiva	sim	14	10,7%	21,3%	600	0,363
	não	94	8,0%	23,5%		
Dimensão Psicológica Negativa	sim	14	0,0%	0,0%	567	0,141
	não	94	9,6%	25,7%		
Dimensão Social Positiva	sim	14	32,1%	24,9%	567,5	0,351
	não	94	26,6%	31,7%		
Dimensão Social Negativa	sim	14	32,1%	24,9%	549,5	0,257
	não	94	24,5%	28,2%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Psicológica Positiva, a Dimensão Social Positiva e a Dimensão Social Negativa são superiores para quem vive com pessoas idosas; a Dimensão Física Positiva, a Dimensão Física Negativa e a Dimensão Psicológica Negativa são superiores para quem não vive com pessoas idosas; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XX Relações entre os Factores das Perceções acerca das pessoas idosas e a presença de idosos no agregado familiar (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

	Vives com pessoas idosas?	N	Média	Desvio padrão	U	p
Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso	sim	14	3,21	0,45	559,5	0,364
	não	94	3,04	0,64		
Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso	sim	14	2,32	0,37	643,5	0,894
	não	94	2,30	0,35		

O valor de prova é superior a 5% para ambos os fatores, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, o Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso é superior para quem vive com pessoas idosas, o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso é idêntico para ambas as situações; no entanto, estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Em conclusão, verifica-se a “Hipótese 4 (H4). Existe associação entre a presença de idosos no agregado familiar dos alunos e as suas representações face aos idosos” apenas para a Dimensão Psicológica Negativa das Quatro palavras associadas a “Velho”, que é superior para quem não vive com pessoas idosas; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas.

Hipótese 5 (H5). As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas.

Tabela XXI Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Idoso" e a frequência de contactos desses alunos com as pessoas idosas (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₄ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	todos os dias	41	3,7%	10,5%	5,62	0,229
	semanalmente	35	1,4%	5,9%		
	mensalmente	12	2,1%	7,2%		
	anualmente (férias)	13	7,7%	12,0%		
	nunca	7	10,7%	28,3%		
Dimensão Física Negativa	todos os dias	41	28,7%	28,8%	2,81	0,591
	semanalmente	35	23,6%	23,4%		
	mensalmente	12	35,4%	27,1%		
	anualmente (férias)	13	23,1%	29,7%		
	nunca	7	17,9%	12,2%		
Dimensão Psicológica Positiva	todos os dias	41	9,8%	15,7%	4,72	0,318
	semanalmente	35	7,9%	16,9%		
	mensalmente	12	8,3%	16,3%		
	anualmente (férias)	13	19,2%	23,2%		
	nunca	7	10,7%	13,4%		
Dimensão Psicológica Negativa	todos os dias	41	0,6%	3,9%	6,90	0,141
	semanalmente	35	5,7%	13,7%		
	mensalmente	12	0,0%	0,0%		
	anualmente (férias)	13	1,9%	6,9%		
	nunca	7	3,6%	9,4%		
Dimensão Social Positiva	todos os dias	41	17,7%	25,2%	2,59	0,628
	semanalmente	35	18,6%	28,0%		
	mensalmente	12	8,3%	16,3%		
	anualmente (férias)	13	7,7%	12,0%		
	nunca	7	21,4%	30,4%		
Dimensão Social Negativa	todos os dias	41	37,8%	21,0%	1,03	0,905
	semanalmente	35	40,0%	25,9%		
	mensalmente	12	35,4%	19,8%		
	anualmente (férias)	13	40,4%	26,1%		
	nunca	7	32,1%	31,3%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva aumenta com a diminuição da frequência de contactos, a Dimensão Física Negativa é superior para mensalmente e inferior para nunca, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para anualmente, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para semanalmente, a Dimensão Social Positiva é inferior para mensalmente e anualmente, a Dimensão Social Negativa é inferior para

nunca, seguido de semanalmente; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XXII Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Idoso" e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₄ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	todos os dias	41	3,7%	13,2%	2,87	0,579
	semanalmente	35	2,9%	11,8%		
	mensalmente	12	0,0%	0,0%		
	anualmente (férias)	13	7,7%	18,8%		
	nunca	7	14,3%	37,8%		
Dimensão Física Negativa	todos os dias	41	29,3%	33,5%	8,58	0,073
	semanalmente	35	21,4%	30,4%		
	mensalmente	12	54,2%	39,6%		
	anualmente (férias)	13	19,2%	32,5%		
	nunca	7	28,6%	26,7%		
Dimensão Psicológica Positiva	todos os dias	41	15,9%	26,1%	4,79	0,310
	semanalmente	35	10,0%	23,6%		
	mensalmente	12	12,5%	22,6%		
	anualmente (férias)	13	30,8%	38,4%		
	nunca	7	14,3%	24,4%		
Dimensão Psicológica Negativa	todos os dias	41	0,0%	0,0%	6,80	0,147
	semanalmente	35	7,1%	21,5%		
	mensalmente	12	0,0%	0,0%		
	anualmente (férias)	13	3,8%	13,9%		
	nunca	7	0,0%	0,0%		
Dimensão Social Positiva	todos os dias	41	14,6%	25,6%	1,01	0,908
	semanalmente	35	20,0%	34,7%		
	mensalmente	12	8,3%	19,5%		
	anualmente (férias)	13	15,4%	24,0%		
	nunca	7	21,4%	39,3%		
Dimensão Social Negativa	todos os dias	41	35,4%	27,9%	4,79	0,309
	semanalmente	35	38,6%	38,5%		
	mensalmente	12	20,8%	25,7%		
	anualmente (férias)	13	23,1%	33,0%		
	nunca	7	21,4%	26,7%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva aumenta com a diminuição da frequência de contactos, a Dimensão Física Negativa é superior para mensalmente, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para anualmente, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para semanalmente, a Dimensão Social Positiva é inferior para semanalmente e nunca, a Dimensão Social Negativa é superior para todos os dias e semanalmente; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XXIII Relações entre as Dimensões das Quatro palavras associadas a "Velho" e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₄ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	todos os dias	41	4,3%	11,0%	4,22	0,377
	semanalmente	35	1,4%	5,9%		
	mensalmente	12	4,2%	9,7%		
	anualmente (férias)	13	5,8%	11,0%		
	nunca	7	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	todos os dias	41	34,8%	29,0%	9,99	* 0,041
	semanalmente	35	25,0%	29,1%		
	mensalmente	12	43,8%	28,5%		
	anualmente (férias)	13	34,6%	31,5%		
	nunca	7	7,1%	12,2%		
Dimensão Psicológica Positiva	todos os dias	41	4,3%	11,0%	0,81	0,937
	semanalmente	35	6,4%	18,5%		
	mensalmente	12	8,3%	22,2%		
	anualmente (férias)	13	5,8%	15,0%		
	nunca	7	7,1%	12,2%		
Dimensão Psicológica Negativa	todos os dias	41	6,1%	12,2%	0,68	0,954
	semanalmente	35	10,7%	21,3%		
	mensalmente	12	6,3%	11,3%		
	anualmente (férias)	13	7,7%	21,4%		
	nunca	7	14,3%	28,3%		
Dimensão Social Positiva	todos os dias	41	22,6%	20,0%	1,89	0,756
	semanalmente	35	24,3%	22,3%		
	mensalmente	12	16,7%	16,3%		
	anualmente (férias)	13	23,1%	21,6%		
	nunca	7	28,6%	17,3%		
Dimensão Social Negativa	todos os dias	41	25,0%	19,4%	7,77	0,100
	semanalmente	35	24,3%	20,5%		
	mensalmente	12	12,5%	16,9%		
	anualmente (férias)	13	19,2%	18,1%		
	nunca	7	35,7%	19,7%		

* diferença significativa para $p < 0,05$

O valor de prova é inferior a 5% para a Dimensão Física Negativa, verificam-se diferenças significativas.

O valor de prova é superior a 5% para as restantes dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

A Dimensão Física Negativa é superior para mensalmente e inferior para nunca, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva é inferior para nunca, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para mensalmente, a Dimensão Psicológica Negativa é superior para semanalmente, a Dimensão Social Positiva é superior para nunca e inferior para mensalmente, a Dimensão Social Negativa é superior para nunca e inferior para

mensalmente; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XXIV Relações entre as Dimensões das Duas palavras mais importantes associadas a "Velho" e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₄ (KW)	p
Dimensão Física Positiva	todos os dias	41	2,4%	10,9%	1,70	0,790
	semanalmente	35	1,4%	8,5%		
	mensalmente	12	4,2%	14,4%		
	anualmente (férias)	13	0,0%	0,0%		
	nunca	7	0,0%	0,0%		
Dimensão Física Negativa	todos os dias	41	26,8%	27,6%	7,90	0,095
	semanalmente	35	21,4%	30,4%		
	mensalmente	12	50,0%	42,6%		
	anualmente (férias)	13	38,5%	36,3%		
	nunca	7	14,3%	24,4%		
Dimensão Psicológica Positiva	todos os dias	41	6,1%	16,6%	0,38	0,984
	semanalmente	35	8,6%	25,7%		
	mensalmente	12	12,5%	31,1%		
	anualmente (férias)	13	11,5%	30,0%		
	nunca	7	7,1%	18,9%		
Dimensão Psicológica Negativa	todos os dias	41	7,3%	21,1%	0,60	0,963
	semanalmente	35	10,0%	26,6%		
	mensalmente	12	4,2%	14,4%		
	anualmente (férias)	13	7,7%	27,7%		
	nunca	7	14,3%	37,8%		
Dimensão Social Positiva	todos os dias	41	30,5%	31,4%	1,99	0,738
	semanalmente	35	28,6%	32,7%		
	mensalmente	12	16,7%	24,6%		
	anualmente (férias)	13	26,9%	33,0%		
	nunca	7	21,4%	26,7%		
Dimensão Social Negativa	todos os dias	41	25,6%	25,3%	7,25	0,123
	semanalmente	35	30,0%	30,2%		
	mensalmente	12	12,5%	22,6%		
	anualmente (férias)	13	15,4%	24,0%		
	nunca	7	42,9%	34,5%		

O valor de prova é superior a 5% para todas as dimensões em estudo, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, a Dimensão Física Positiva é inferior para anualmente e nunca, a Dimensão Física Negativa é superior para mensalmente e inferior para nunca, a Dimensão Psicológica Positiva é superior para mensalmente e anualmente, a Dimensão Psicológica Negativa é inferior para mensalmente, a Dimensão Social Positiva é inferior para mensalmente, a Dimensão Social Negativa é inferior para anualmente e

mensalmente; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Tabela XXV Relações entre os Factores das Perceções acerca das pessoas idosas e a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas (estatística e testes de Kruskal-Wallis)

		N	Média	Desvio padrão	Qui ² ₄ (KW)	p
Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso	todos os dias	41	3,08	0,67	7,88	0,096
	semanalmente	35	3,25	0,45		
	mensalmente	12	2,83	0,66		
	anualmente (férias)	13	2,90	0,75		
	nunca	7	2,71	0,47		
Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso	todos os dias	41	2,26	0,38	4,88	0,300
	semanalmente	35	2,26	0,31		
	mensalmente	12	2,37	0,39		
	anualmente (férias)	13	2,44	0,37		
	nunca	7	2,41	0,34		

O valor de prova é superior a 5% para ambos os fatores, não se verificam diferenças significativas.

Na amostra, o Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso é superior para semanalmente e inferior para nunca, o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso aumenta com a diminuição dos contatos; no entanto, todas estas diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

Em conclusão, verifica-se a Hipótese 5 (H5). As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas” apenas para a Dimensão Física Negativa das Quatro palavras associadas a “Velho”, que é superior para mensalmente e inferior para nunca; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas.

4. Discussão de Resultados

Tal como já foi referido, atualmente, vivemos diante de uma sociedade mais envelhecida, verifica-se um aumento dos recursos improdutivos, e tornam-se mais escassos os recursos promotores de crescimento e desenvolvimento. Uma das formas de contrariar este cenário passa pela integração de todos os indivíduos na sociedade, rentabilizando todas as competências e capacidades de todos os indivíduos (Fonseca, 2005 cit in Nunes, 2009,p.50).

Trabalhar na área da Psicogerontologia Comunitária torna fundamental, que os profissionais possuam e avaliem os seus conhecimentos sobre a problemática do envelhecimento e sobre o fenómeno das representações sociais face às pessoas idosas. Pois é muito frequente, no relacionamento com esta faixa etária, sermos influenciados pelas representações sociais, mitos e estereótipos, existentes e que acabam por condicionar o nosso comportamento e a nossa visão acerca do envelhecimento e da pessoa idosa.

Pretendemos, nesta fase de discussão de resultados, proceder a uma reflexão crítica dos mesmos, bem como destacar os resultados mais relevantes e confrontá-los com o enquadramento teórico que dá fundamentação a esta investigação. Atendendo aos objetivos e hipóteses inicialmente propostos, procede-se à discussão dos resultados de acordo com a mesma sequência da sua apresentação.

Esta fase vai permitir-nos responder à questão de partida inicialmente formulada: “Quais as representações sociais das crianças face à pessoa idosa”. Bem como também permitirá a verificação das hipóteses de investigação definidas.

Como já referimos anteriormente, a informação recolhida, foi obtida através da utilização de um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), onde fornecemos duas palavras estímulo, solicitando aos alunos inquiridos que associassem a cada palavra estímulo, as primeiras quatro palavras que lhes ocorresse e que referissem ainda dessas quatro palavras, duas que considerassem mais importantes. Para a análise do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) recorreu-se à análise de conteúdo, o que nos levou a criar duas categorias para as respostas dadas. As duas categorias

consideradas foram coincidentes com as duas palavras estímulo, sendo estas: Velho e Idoso. Em cada categoria foi necessário proceder à discussão dos dados relativamente a cada dimensão (Física, Psicológica e Social) e sub dimensão (Negativa e Positiva). Seguiu-se a aplicação de um inquérito por questionário para caracterização geral dos participantes no nosso estudo. Aplicamos ainda uma escala ordinal do tipo Likert com quatro alternativas de resposta (de “1” a “4”) entre “discordo bastante” até “concordo bastante”, constituída por 34 itens, os quais se organizam em dois fatores: Fator 1 – Representações Positivas face ao Idoso e Fator 2 – Representações Negativas face ao Idoso.

Segue-se então a discussão dos resultados obtidos a partir destes três instrumentos.

A nossa amostra é constituída por alunos de cinco turmas, 23% dos alunos são do 3.º A, 24% são do 3.º B, 11% são do 3.º C, 18% são do 4.º A e 24% são do 4.º B. Provenientes de dois centros escolares, 52% dos alunos são do Centro Escolar CE1 e os restantes 48% são do Centro Escolar CE2. As turmas 3.º A, 3.º C e 4.º A são do CE1 e as turmas 3.º B e 4.º B são do CE2. Dos 108 alunos da amostra 54% dos alunos são do género masculino e os restantes 46% são do género feminino.

Quanto à idade, 54% dos alunos têm 9 anos e 36% têm 8 anos, verificando-se ainda 6% com 10 anos e 3% com 11 anos, bem como 1% (um aluno) com 7 anos. No que concerne à área de residência 90% dos alunos vivem em Castro Verde e 4% vivem em Entradas, 2% vivem em Casevél, também 2% vivem em Aivados, verificando-se ainda um alunos de Geraldos, outro de São Marcos Atabueira e outro de Monte Serro, pelo que 90% dos alunos são de meio urbano e os restantes 10% são de meio rural.

Na nossa amostra, 13% dos alunos vivem com pessoas idosas, 7% dos alunos vivem com uma pessoa idosa e 6% vivem com duas pessoas idosas. Os que vivem com uma pessoa idosa referem ser o avô ou a avó e os alunos que vivem com duas pessoas idosas referem ser os avós. Estes alunos têm contactos regulares com pessoas idosas, pois 94% dos alunos convivem com pessoas idosas, em que 38% dos alunos convive todos os dias com pessoas idosas, 32% convive semanalmente, 11% convive mensalmente e 12% convive anualmente. Há apenas 7 alunos que referem nunca terem convivido com pessoas idosas.

Na perspectiva de Zimerman (2000, p.19), a imagem que se construiu da pessoa idosa é formada a partir daquilo que observamos, da nossa experiência e resultante também daquilo que é passado pela nossa família e pela sociedade em que se está inserido. As representações sociais são o resultado de todo esse conjunto de informações que recebemos através dos processos de socialização e que nos guiam no modo de pensar e agir. E no que se refere à velhice, esta “tem sido concebida empiricamente com base em características negativas e numa apreciação estereotipada dos indivíduos com mais de 65 anos de idade.” (Fernandes, 2011,p.40).

Esta visão fundamenta os resultados do nosso Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), quando analisado na sua totalidade verifica-se que obtivemos maioritariamente referências a representações negativas para ambas as palavras estímulo “Idoso” e “Velho”. Para as quatro palavras evocadas para cada palavra estímulo, obtivemos no total para “Idoso” (69,21%) e para a palavra “Velho” (66,17%), quanto a representações positivas, obtivemos para a palavra estímulo “Idoso” (30,78%) e para a palavra “Velho” (33,82%). O mesmo sucede quando analisamos as duas palavras mais relevantes indicadas pelos alunos para cada palavra estímulo, verificamos que para “Idoso” (64%) e para a palavra “Velho” (66,17%) a maioria das observações evocadas são negativas, quanto a representações positivas, obtivemos para a palavra estímulo “Idoso” (36%) e para a palavra “Velho” (37,70%). Para ambas as análises, as referências a representações negativas recaem sobretudo nas dimensões Social e Física.

No entanto esta ideia não corrobora com os resultados obtidos na análise global dos fatores, uma vez que obtivemos para o Fator 1: Representações positivas face ao idoso, uma maior concordância com as afirmações ligadas a uma representação positiva do idoso. Para o Fator 2: Representações negativas face ao idoso, uma maior discordância dos alunos para afirmações baseadas numa representação mais negativa do idoso.

Os resultados da escala corroboram com um estudo referido por Magalhães (2010), dos autores Rodriguez e Postigo (2004), autores também da escala aplicada aos alunos

participantes deste estudo. Os resultados desse estudo sobre estereótipos juvenis referentes ao envelhecimento, numa amostra de 530 jovens universitários, verificaram que não existia um predomínio de estereótipos negativos, mas sim uma tendência para uma imagem mais positiva acerca dos idosos, por parte dos jovens, constatando-se que os estereótipos positivos eram os mais unanimemente compartilhados (Magalhães,2010,p.10).

Em relação ao TALP, se olharmos para as dimensões criadas (Física, Psicológica e Social), verificamos que a dimensão Psicológica é claramente positiva. Para as quatro palavras evocadas para ambas as palavras estímulo “Idoso” e “Velho”, obtivemos na sub dimensão positiva 10,5% e na sub dimensão negativa 2,6% das observações feitas para esta dimensão psicológica. Quando analisadas as duas palavras assinalados pelos alunos como mais relevantes, para “Idoso” mantém-se claramente uma visão positiva quanto à dimensão psicológica, com 15,40% na sub dimensão positiva e 2,80% para a sub dimensão negativa. Já para a palavra estímulo “Velho” quanto às duas palavras evocadas e assinaladas pelos alunos como mais relevantes, verificamos uma posição neutra, ambas as sub dimensões (positiva e negativa) apresentam 8,40% das observações direcionadas a esta dimensão.

Podemos concluir que a dimensão psicológica está associada maioritariamente a aspetos positivos, por parte dos alunos inquiridos no estudo. Nesta dimensão (Psicológica), sub dimensão Positiva obtivemos como respostas dos alunos inquiridos, palavras como: Simpático, Cuidadoso e Sábio, Esperto, Experiente, Alegre, Bondoso, Educado e Engraçado, Honesto. Com menor número de Observações surgem ainda palavras como: Calmo, Conhecimento, Maravilhoso, Paciente, Responsável. Estas palavras mostram uma imagem bastante positiva da pessoa idosa, quanto à dimensão psicológica. Corroborando com a perspetiva de Paúl (1997), a componente psicológica engloba as alterações cognitivas e os mecanismos de adaptação às alterações provindas do processo de envelhecimento. Estes resultados corroboram com os resultados de um estudo de avaliação de necessidades, desenvolvido no âmbito do projeto SIforAGE, designadamente, o Centro de Investigação e Intervenção Social do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e a Santa Casa da Misericórdia de

Lisboa (SCML), que se intitula “imAGES: A Idade somos todos Nós, programa de intervenção de promoção de imagens positivas de envelhecimento em crianças e adolescentes”, em que os resultados indicaram que as pessoas idosas são percecionadas como “afetuosas” mas “incompetentes”.²

Muito embora nesta dimensão (Psicológica) haja uma prevalência significativa de Observações positivas, a verdade é que, “em termos gerais, parece existir uma representação mista das pessoas idosas que incorpora tanto os traços negativos como positivos. Na dimensão Psicológica, sub dimensão Negativa obtivemos palavras como: Resmungão, Irritante, Convencido, Inocente, Perguntador, Tristonho, Torto e Tristonho. Corroborando com o autor Marques (2011, p.49), verificamos um misto de observações, se *“por um lado, além da ideia da “incompetência”, são referidos outros atributos negativos como “doentes”, “coitados”, “velhos”, “incapazes”, “esquecidos”, “lentos”, e “sós”. Por outro lado, associada à ideia de que as pessoas idosas são “afetuosas”, surgem outros traços positivos como “sábios”, “maduros”, “sociáveis”, “sagazes” e “avós”.*” Esta perspetiva reforça os resultados do estudo atrás referido “imAGES: A Idade somos todos Nós” (programa de intervenção de promoção de imagens positivas de envelhecimento em crianças e adolescentes).

A análise inferencial dos dados, vai nos permitir verificar se existe associação entre algumas variáveis independentes e as representações construídas pelos alunos acerca das pessoas idosas. A variável idade e as representações construídas pelos alunos, mostra que para a Hipótese 1 **(H1)** “Existe associação entre a idade e as representações dos alunos face aos idosos”, o “Fator 1 - Representações Positivas face ao Idoso”, aumenta com o aumento da idade; e para o Fator 2 - Representações Negativas face ao Idoso”, diminui com o aumento da idade. Quanto ao TALP, a variável idade não se verifica em nenhuma das dimensões do teste.

Estes resultados evidenciam o facto de que “crescer é compreender”, pois à medida que a criança cresce melhor compreende o mundo e as suas transformações. Existe

²<http://www.levaonline.com/pt/livros/ciencias-sociais-e-humanas/antropologia-e-sociologia/images-ebook/>, acedido em 14 de abril, às 17:00h.

uma dinâmica entre o meio e o desenvolvimento da criança, pelo que de alguma forma o meio pode modifica-lo. E não se modifica apenas o desenvolvimento da criança, modifica-se também a atitude do meio para com ela. Com o crescimento físico e psicológico, o meio da criança expande-se, ou seja, novos elementos e aspetos desse crescimento ocupam a cena produzindo novos efeitos (Vigotski, 2000, cit in Pino, 2010, p.750).

Os resultados obtidos estão subjacentes à revisão da literatura feita neste estudo, quanto à importância de promover a interação entre crianças e idosos, pois esta tem o poder de reverter os estereótipos e avaliações negativas que os mais novos têm das pessoas idosas.

Verificamos também que as representações das crianças em função do género, a pontam resultados negativos quanto à Hipótese 2 **(H2)** “As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com o género” apenas para a Dimensão Física Negativa das duas palavras mais importantes associadas a “Idoso”, que é superior para o género masculino; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas. Contudo se analisarmos isoladamente a Q09 da escala “Envelhecer significa perder capacidades físicas”, verificámos que 84 (77,8%) alunos, (46,3% - concordam e 31,5% concordam bastante), consideram que envelhecer é um processo fortemente marcado pelo declínio físico.

No TALP, constatamos na categoria Idoso, na sua dimensão física Negativa, a associação da palavra “Bengala” à palavra “Idoso” com 39 Observações, sendo que o termo «bengala» remete-nos para dependência física, o que confirma o que já referimos anteriormente, no enquadramento teórico, este tipo de observações evidenciam seu carácter estereotipado de que ser idoso é sinónimo de incapacidade física. Os estereótipos constituem uma imagem mental simplificada de alguma categoria de pessoas, objetos e/ou instituições, em que os acontecimentos são agrupados em características essenciais por um grande número de pessoas. São juízos que se vão desenvolvendo a partir das experiências e informação que se possui de

peças ou grupos, podendo influenciar os comportamentos que se vão construindo ao longo da nossa vida (Martins e Rodrigues, 2004 cit in Neves, 2012, p.22).

Pelas observações obtidas nesta dimensão, fica subjacente que os alunos têm a ideia de as pessoas idosas são fisicamente frágeis. É certo que envelhecer envolve, de facto, muitas mudanças no corpo, mas talvez a insistência científica em falar de tantas perdas para o sujeito que envelhece acabe por produzir um olhar para essa idade do ciclo da vida marcado pelo signo do preconceito, do distanciamento, da piedade e outros olhares estigmatizados (Paratela e Correia, 2011, p.7). Tal Como já referimos, o processo de envelhecimento não pode apenas ser visto como um processo de degradação, por sermos uma sociedade onde se valoriza o “novo”, o ágil, a beleza, pois é esta a visão face à pessoa idosa que conseqüentemente a leva a acreditar que está desajustada da sociedade.

Homens e mulheres envelhecem de forma diferente, até porque ao longo da sua vida tiveram experiências, emocionais, relacionais e profissionais diferentes (Freixas, Luke e Reina, 2012,p.48).

Como é sabido as mulheres têm uma maior longevidade em relação aos homens, a esperança média de vida das mulheres, superior à média da população, tem vindo a aumentar sistematicamente ao longo da última década. A longevidade dos homens portugueses passou de 71 para 77 anos e das mulheres de 78 para 84 anos.³ Talvez esta perspectiva de longevidade contribua para que as mulheres se posicionem de forma diferente dos homens, perante o facto de envelhecer. Outra explicação para essa ocorrência deve-se ao fato de que as mulheres idosas procuram com maior frequência programas e projetos que tenham como objetivo promover seu bem-estar e uma melhor qualidade de vida do que os homens (Brito, 2008 cit in Freitas et al., 2012,p.26). Esta ideia mostra que as mulheres aceitam a fase do envelhecimento com naturalidade e fazem por tirar maior proveito dessa fase.

Verifica-se a Hipótese 3 (**H3**). “As representações dos alunos face aos idosos variam conforme a sua área de residência (urbano/rural)” apenas para a Dimensão Social

³Fonte: INE, Recenseamentos Gerais da População 2001 e 2011, acedido em 24-4-2015, às 14:07H.

Positiva das Quatro palavras associadas a “Velho”, que é superior para o meio rural; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas.

Na categoria Velho (dimensão social) e sub dimensão Positiva obtivemos 99 Observações, com palavras como: Idoso (50 Observações), Avó/Avô (14 Observações), Amigo (9 Observações), Respeito (6 Observações), Família (5 Observações), Descanso e Pessoa (3 Observações cada), Trabalhador e Vida (2 Observações cada).

Com base nestas observações podemos afirmar que o idoso ainda é sinónimo de sabedoria que se pode transmitir às gerações mais novas. Nos séculos passados os velhos não eram tantos e eram socialmente valorizados, (...) a sua experiência colocava-os numa posição de respeito no grupo social (Martinez, 2007,p.44). A palavra “Idoso” surge fortemente relacionada com a palavra “Velho”, na dimensão social positiva. Segundo o enquadramento teórico que suporta este trabalho, considera-se como um aspeto positivo. Na verdade, hoje, quando se quer fazer referência às pessoas mais velhas, deparamo-nos com um múltiplo conjunto de conceitos: «velhos», «pessoas de idade»; «reformados»; «terceira idade/quarta idade»; «idosos»; etc.

No entanto, há que ter atenção ao sentido que cada expressão assume numa determinada sociedade e contexto. Por exemplo, é de referir que todas estas expressões assumem conotações distintas, sendo que o termo «velho», numa sociedade como a nossa onde se valoriza o que é «novo», este termo aparece com uma conotação mais negativa. Já o termo «idoso» tem sido aquele que tem vindo a adquirir um maior predomínio sendo até este pelo qual os próprios sujeitos preferem ser designados (Osório e Pinto, 2007,p.15). Ainda nesta categoria Velho (dimensão social) e sub dimensão Positiva obtivemos com uma Observação um vasto leque de respostas dos alunos, sendo estas: Amor, Brincalhão, Carinhoso, Conversador, Divertido, Lendas, Religioso e Tempo.

Os alunos residentes em meio rural manifestam uma visão positiva face à pessoa idosa, estes resultados vão ao encontro da perspetiva defendida por Rowles (1984) ao defender que os meios rurais são contextos privilegiados do envelhecimento, afirma existir, nesses meios rurais, uma matriz relacional que dita uma estrutura de apoio, um

sentido de obrigação para os outros membros da comunidade (Rowles, 1984 cit in Sequeira e Silva, 2002, p.510). Também Hespanha (1993) defende que nos ambientes rurais existem verdadeiras redes de suporte social constituídas por vizinhos, familiares e amigos, reforçando a integração social. Estes laços sociais exercem uma função protetora difusa de importantes efeitos sobre a estabilidade emocional e o Bem-estar dos mais idosos (Hespanha, 1993 cit in Sequeira e Silva, 2002, p.510).

Contudo se considerarmos a Q03 da escala aplicada, “As Pessoas Idosas sofrem mais de solidão que os jovens”, a verdade é que obtivemos uma concordância de 52,8%, ou seja, 76,9% dos alunos (52,8% - concordam e 24,1% - concordam bastante) concordam que a solidão faz parte do quotidiano dos idosos. Apesar de os resultados globais da escala mostrarem que as Representações Positivas face ao Idoso são superiores às Representações Negativas face ao Idoso, ao analisarmos a questão (Q03) isoladamente, verificamos que vai de encontro a um dos mais enraizados estereótipos sobre as pessoas idosas, em que estes são pessoas que sofrem de solidão, e que o envelhecimento é sinónimo de isolamento social. Perante este cenário atual torna-se imprescindível o desenvolvimento de mecanismos dentro da comunidade, que conduzam a uma maior participação das pessoas idosas e a desenvolver todo um esforço direcionado à mudança de mentalidade face aos idosos.

No que concerne à verificação da Hipótese 4 (**H4**) “ Existe associação entre a presença de idosos no agregado familiar dos alunos e as suas representações face aos idosos”, constatámos que existe uma visão psicológica negativa (Quatro palavras associadas a “Velho”), para quem não vive com pessoas idosas; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas. Assim os alunos que vivem com pessoas idosas apresentam uma visão psicológica positiva face à pessoa idosa.

Na categoria Velho (dimensão Psicológica) obtivemos 16,2% das respostas para “Velho”, com 66 Observações para as duas subcategorias: Positiva (7,4%) com 30 Observações, e Negativa (8,8%) com 36 Observações. Já na dimensão psicológica para “Idoso” (categoria anterior), foram maioritariamente feitas observações positivas. O

que nos leva a concluir que ao contrário do que aconteceu para a palavra estímulo “Idoso”, aqui os alunos inquiridos associam a “Velho” uma visão negativa quanto à dimensão psicológica.

Na sub dimensão Positiva (dimensão psicológica) na categoria “Velho”, verificámos que os alunos inquiridos fazem referência a palavras como: Bondoso (5 observações), Sábio (4 observações), Cuidadoso e Responsável (3 observações cada).

Despertar nas crianças um “novo olhar” sobre as questões do envelhecimento, através da promoção de interações diferenciadas entre as crianças e os idosos, torna-se fundamental, essas interações *“têm o potencial de reverter os estereótipos e avaliações negativas que os mais novos têm das pessoas idosas”*. Essa interação valoriza ainda o saber e a experiência de vida dos mais velhos, resgatando e ressignificando o conhecimento do velho construído ao longo da vida incorporando-o à contemporaneidade (Revista Portal de Divulgação, 2012,p.85).

Para esta sub dimensão, obtivemos ainda, com 2 observações cada, palavras como: Alegre, Amável, Experiente e Simpático. Esta é, sem dúvida, uma sociedade que nos brinda com maior esperança de vida, tornando-a multigeracional, propondo-nos o convívio entre diferentes gerações, tornando-se fundamental ampliar essas relações à sociedade geral de forma a aumentar a solidariedade entre gerações. Ainda obtivemos com apenas uma observação, palavras como: Educado, Génio, Paciente.

Na sub dimensão Negativa para a categoria Velho (dimensão psicológica), constatamos através das respostas dadas, palavras como: Triste (6 Observações), Chato (5 Observações), Rabugento (3 Observações), Inocente e Inquieto/Impaciente (2 Observações cada). Estas respostas refletem mais uma vez uma visão estereotipada e negativa face á pessoa idosa. É algo que se faz naturalmente e que permite simplificar o mundo social complexo que nos rodeia. De acordo com Costa e Freitas (2010), “o envelhecimento passou a ser analisado simplesmente em seus aspetos deficitários e decadentes” (Costa e Freitas, 2010,p.22). “A questão coloca-se quando começamos a envelhecer. Na verdade, todos queremos viver durante muito tempo. No entanto, poderemos ter problemas em assumir o papel de “pessoas idosas”, até porque

acreditámos durante tanto tempo na sua inferioridade. Mas “se tudo correr bem, todos seremos um dia “pessoas idosas”.” (Marques, 2011, p.50).

Verificamos ainda outras palavras de carácter negativo face a esta sub dimensão, com apenas 1 observação cada, tais como: Convencido, Desabitado, Desanimado, Egoísta, Irritante, Maluco, Torto e Tristonho. Estas observações mostram-nos a forma como a sociedade se acostumou a ver o “velho” como uma categoria social em decadência, marcada pelos declínios inerentes ao processo de envelhecimento. Esta ideia alimenta atitudes, comportamentos e até uma imagem de que o “velho” já não consegue interagir, considerando-o incapaz de se adaptar a esta sociedade, que privilegia o “veloz” e a “vitalidade”.

Verifica-se a Hipótese 5 (**H5**) “ As representações dos alunos face aos idosos estão relacionadas com a frequência de contactos desses alunos com pessoas idosas” apenas para a Dimensão Física Negativa das Quatro palavras associadas a “Velho”, que é superior para mensalmente e inferior para nunca; não se verificando a hipótese para nenhuma das restantes dimensões do TALP, nem para os Fatores das Perceções acerca das pessoas idosas.

Isto leva-nos a inferir que os alunos que convivem com alguma regularidade com pessoas idosas, adquiram uma visão negativa quanto aos aspetos físicos do processo de envelhecimento, pois o contacto regular com idosos, permite-lhes identificar e conhecer melhor as alterações físicas inerentes ao processo de envelhecimento. Este facto vem corroborar a perspetiva de Polizzi e Steitz (1998), que referem que quanto maior o grau de conhecimento gerontológico, maior é a tendência para uma visão mais negativa e realista acerca da velhice (Polizzi e Steitz, 1998 cit in Neves, 2012,p.82).

Obtivemos na dimensão Física Negativa, um maior número de observações (133) que se referem às características físicas negativas inerentes ao próprio processo de envelhecimento. Obtivemos associado a Velho na sua dimensão física negativa palavras como: Bengala (47 observações), Doente (23 Observações), Rugas (12 observações), Coxo e Necessitado (9 observações cada), Lento e Visão reduzida (6 Observações cada), Dores (4 Observações), Fraco (3 Observações).

Consideramos que os alunos inquiridos atribuem à pessoa idosa, a imagem de alguém fisicamente “gasto pelo tempo”, dada a natureza das respostas dadas.

O processo de envelhecimento envolve, sem dúvida, uma série de desafios para o indivíduo, podendo eles ser subjetivos, ao ter que se readaptar a novas situações que a idade traz, ou os desafios físicos, uma vez que as mudanças fisiológicas se acentuam nessa nova fase da vida (Paratela e Correia, 2011, p.4).

A Observação com maior peso nesta dimensão, associada a “Velho” é a palavra “Bengala”. Verificamos que as representações sociais dos alunos face ao Velho na dimensão física atribuem à pessoa idosa uma imagem fortemente negativa. Verificamos ainda, embora com menor número de Observações, palavras como: Audição reduzida, Envelhecer, Feio, Morte, Pessoa Velha (com 2 Observações cada), Atenção, Baixo, Branco, Descuidado, Gordo e Muletas (1 Observação cada).

Podemos concluir que quer nesta categoria “Velho” quer na categoria “Idoso” a dimensão física é fortemente negativa. De fato, o nosso corpo modifica-se e o envelhecimento é visto com uma única característica universal, a ocorrência de mudanças orgânicas ao longo da vida. É claro que as crianças também percebem essas modificações, utilizando-as como marcadores identitários na hora de delimitar quem é ou não é idoso. Rugas, uso de bengala, óculos, são, para elas, marcas do que é ser velho. São observações fortemente relacionadas ao declínio físico que “rotulam” as pessoas idosas. Daí a preocupação da autora, que questiona se “num tempo em que a longevidade está posta e que cada vez mais buscamos o elixir da eterna juventude,” será “que estamos preparados para envelhecer”, o que condiciona “ o diálogo e as trocas entre gerações, visto que ainda somos interpelados por discursos que são pouco solidários e generosos com esse outro, o velho.” (Santos, 2009,p.256).

Retomando o início desta discussão, quanto à contradição aparente dos resultados obtidos pelos dois instrumentos aplicados e em alguns pontos destes, como já referimos, através do TALP obtivemos maioritariamente observações negativas, enquanto, que através da escala de percepções acerca das pessoas idosas obtivemos maioritariamente representações positivas face ao idoso.

Surge a necessidade de nos questionamos sobre esta aparente contradição, considerando que provavelmente a estrutura dos instrumentos possa ter influenciado/interferido nas respostas dadas pelos alunos. No que se refere à escala do tipo Likert, utilizada neste estudo, teve como objetivo saber quais as representações dos alunos, se positivas ou negativas, face à pessoa idosa. Daí termos optado por uma escala ordinal do tipo Likert com quatro alternativas de resposta (de “1” a “4”) entre “discordo bastante” até “concordo bastante”, eliminando a possibilidade de obter uma posição neutra sobre as representações destes alunos acerca das pessoas idosas. Pretendeu-se que os alunos respondessem de forma direta aos 34 itens da escala.

Quanto ao TALP, apresenta-se como uma técnica de tipo projetiva, à medida que atua diretamente sobre a estrutura psicológica dos indivíduos por meio de estímulos indutores (palavras estímulo), evidenciando as suas representações acerca do objeto indutor. Como técnica projetiva, o TALP tem a importância de que as *“perguntas e respostas não são diretas, ou seja, entram necessariamente no campo metafórico. A metáfora, ao invés de tudo dizer, revela o que esconde. O sujeito sabe o que diz, mas não do que diz”* (Nóbrega e Coutinho, 2003,p.67). É uma técnica que, por meio de induções, consegue captar informações, aparentemente ocultas ou não, e que, através de uma resposta associativa a uma palavra é possível revelar as opiniões, os pensamentos, as personalidades, o que torna esta técnica, segundo Erikson (1971) cit in Nóbrega e Coutinho (2003), um *“dos melhores guias para o significado de um ponto até então obscuro”* (Nóbrega e Coutinho, 2003,p.74).

Sendo o TALP, uma técnica projetiva, que tem como principal característica revelar os aspetos mais subjetivos do indivíduo e as suas representações acerca de determinado objeto, acreditamos que o TALP auxiliará nos processos que favorecem a revelação de representações sociais relacionadas com o objeto em estudo. Enquanto, que a escala terá como função, revelar a percepção que os alunos têm acerca da pessoa idosa, o TALP, como técnica projetiva revelará a visão destes alunos acerca das pessoas idosas, ou seja, visa obter dos alunos a compreensão que estes têm, de maneira bastante oculta e não aparente, acerca das pessoas idosas.

Consideramos ser esta a justificação para a contradição aparente nos nossos resultados. Os alunos se questionados através de perguntas diretas, sem a possibilidade de um posicionamento neutro, limitam-se a responder dentro das alternativas apresentadas e dentro daquilo que seria socialmente correto responder. No entanto, por meio de induções, perguntas não diretas, os alunos são levados para o campo metafórico, revelando o que se esconde.

Neste contexto, importa perceber as significações que as crianças têm acerca da pessoa idosa, e avaliar as representações (positivas e negativas) associadas à pessoa idosa, visando promover uma visão mais positiva e menos enviesada face aos idosos.

Por mais que as interpretações dos resultados deste estudo não sejam consensuais, é incontornável a presença de um fator relevante desta investigação, o fato da maioria dos alunos participantes no estudo terem contacto frequente com pessoas idosas. Do total da amostra (108 alunos), 101 convivem com pessoas idosas (41 – diariamente e 35 – semanalmente). Fator este que pode favorecer a criação de novos laços e sociabilidades entre gerações, contribuir ainda na influência positiva para a construção de representações sociais mais positivas das crianças face aos idosos.

No entanto, mais do que um demonstrativo da (in) consensualidade dos resultados dos instrumentos, emerge aqui algo bem mais pertinente: a intergeracionalidade existe e pratica-se, considerando o número elevado de crianças que convivem com pessoas idosas. Verificamos que em alguns aspetos as crianças não avaliam tão negativamente os idosos como se poderia pensar, e acreditamos que o convívio intergeracional pode estar subjacente a esses resultados.

PARTE III – Proposta de Projeto de Intervenção Comunitária

1. Proposta de Intervenção Comunitária

Perante os resultados obtidos foi delineada uma proposta de projeto de intervenção comunitária, subjacente ao trabalho de investigação que se está a desenvolver e que tem como fundamentação todo um trabalho exploratório, bem como os dados recolhidos após a aplicação dos instrumentos. Esta proposta de projeto de intervenção

comunitária tem como objetivo dar resposta às situações identificadas junto dos participantes do estudo.

A intervenção comunitária destina-se a trabalhar em colaboração e parceria com as comunidades para abordar as preocupações locais ou esperanças de melhoria (Trickett, 2009, cit in Carvalhosa et al, 2010,p.479).“*Este tipo de intervenção pode ser definida como sendo as influencias planificadas na vida de um pequeno grupo, organização ou comunidade, com o objetivo de prevenir/reduzir a desorganização social ou pessoal e promover o bem-estar da comunidade*”(Kelliy, Snowden e Munoz, 1977, cit in Carvalhosa et al., 2010,p.479).

Ao nível da elaboração de programas de intervenção comunitária, existem predominantemente duas abordagens, a “*top-down*” que se orienta por uma estrutura pré-definida apoiando-se na responsabilidade individual, a abordagem “*bottom-up*” apoia-se no empowerment com enfoque na capacitação e na melhoria de competências dos atores envolvidos (Laverack e Labonte, 2000, cit in Carvalhosa et al., 2010,p.480).

Nessa perspetiva, adotamos a abordagem “*bottom-up*” para apresentar a nossa proposta de intervenção comunitária, uma vez que se pretende apoiar a comunidade na identificação de questões relevantes, bem como envolver a própria comunidade no desenvolvimento de estratégias para a resolução dessas questões.

Neste tipo de intervenção os modelos lógicos são uma maneira concisa de mostrar como um programa é concebido e planeado, estes modelos fazem a articulação entre os resultados do programa (a curto, médio e longo prazo), com atividades, outputs e inputs (ou recursos). (Noaa, 2004, cit in Carvalhosa et al., 2010,p.480).

Os modelos lógicos têm inúmeros usos e benefícios. Assim, de acordo com Watson (2000) citado por Carvalhosa et al. (2010), um modelo lógico pode ser utilizado para: (1) Planeamento Estratégico e Desenvolvimento de um Programa – este processo fará com que se identifique a visão do programa, os princípios subjacentes ao programa, assim como o funcionamento do programa; (2) Comunicações eficazes – o modelo lógico permite que se forneça uma imagem rápida do programa e os resultados desejados aos atores envolvidos; (3) Planeamento da Avaliação – um modelo lógico

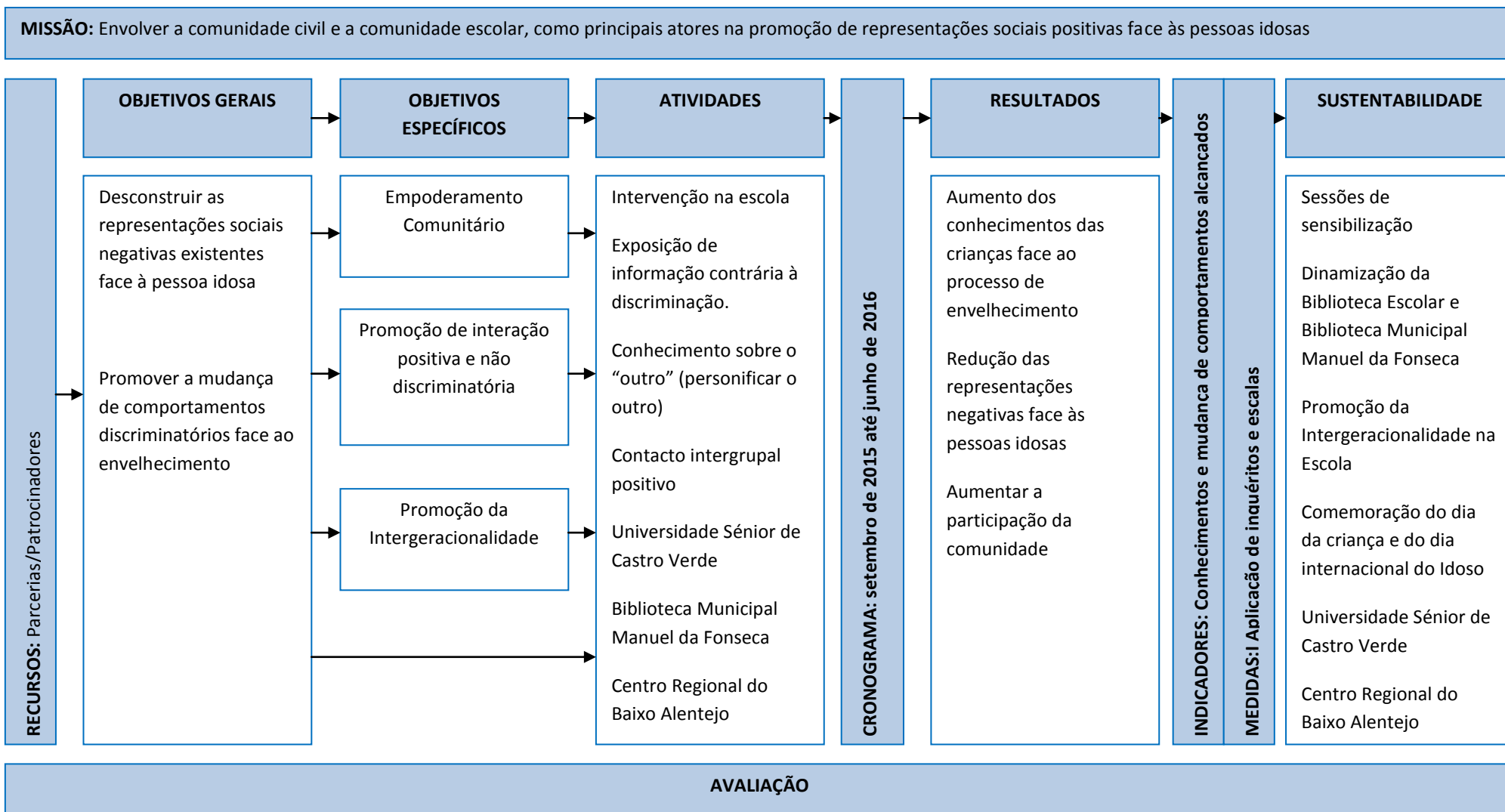
fornece uma estrutura de base para uma avaliação, ao identificar os resultados esperados baseados no design do programa e coloca esses resultados de um modo mensurável; (4) Aprendizagem e Melhoria Contínua – o modelo lógico fornece um ponto de referência, através do qual os progressos alcançados na obtenção dos resultados desejados podem ser medidos, de uma forma contínua (Carvalhosa et al., 2010,p.480).

Não existe um único tipo de Modelo Lógico, este pode apresentar formas diversas, consoante os objetivos que se pretendem atingir com a sua construção, a complexidade do objeto sobre o qual incide e o momento do ciclo da intervenção em que se desenvolve. ⁴

Na nossa perspetiva o Modelo Lógico do projeto “Envelhecer sob um novo olhar” foi desenvolvido com base em dez componentes, por considerarmos alguns componentes elementos críticos de um projeto de intervenção comunitária. Os componentes considerados foram: Missão, Recursos, Objetivos Gerais e Específicos, Atividades, Cronograma, Resultados, Indicadores, Medidas, Sustentabilidade e Avaliação, conforme se apresenta no seguinte quadro.

⁴ E+cadernos: Notas sobre avaliação: modelos lógicos. Acesso em 12 de abril de 2015, às 11:20h. file:///C:/Users/BEJ1035/Downloads/file587.pdf

Modelo Lógico do projeto “Envelhecer sob um novo olhar”



1.1. Missão

Após diagnosticada a situação, quanto às representações sociais construídas pelas crianças do Agrupamento de Escolas de Castro Verde, face às pessoas idosas, surge a necessidade de delinear o projeto “Envelhecer sob um novo olhar”. O projeto surge com a Missão de envolver a comunidade civil e escolar, como agentes promotores de representações positivas em relação às pessoas idosas, contribuindo para uma mudança de paradigma em relação ao envelhecimento. Pretendemos que o projeto seja integrado no funcionamento letivo das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC’S).

1.2. Recursos

A gestão do projeto ficaria a cargo de uma articulação entre a coordenadora dos Centros Escolares nº1 e nº 2 e um Assistente Social (Mestre em Psicogerontologia Comunitária). A população alvo serão os alunos do ensino básico do Agrupamento de Escolas de Castro Verde, com o envolvimento da comunidade civil em geral. Os profissionais afetos a este projeto serão os docentes titulares dos alunos, bem como os docentes das Atividades de Enriquecimento Curricular, os docentes da Universidade Sénior, os docentes do Centro Regional do Baixo Alentejo (CRBA), uma Enfermeira do Centro de Saúde de Castro Verde e o Psicólogo Educacional afeto ao Agrupamento de Escolas de Castro Verde.

Para que o projeto delineado tenha sucesso, deve assentar em níveis de participação individual, organizacional e comunitária. Assim além da participação da comunidade civil e escolar, é fundamental o envolvimento das organizações (públicas/privadas) das mais variadas áreas (educação, saúde, ação social, etc). Quanto a parceiros locais destacamos o Agrupamento de Escolas de Castro Verde; Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca; o Centro de Saúde de Castro Verde; o Lar Jacinto Faleiro; a Universidade Sénior de Castro Verde; Associação Sénior Castrense; Cortiçol e o Conservatório Regional do Baixo Alentejo (delegação de Castro Verde). Como patrocinadores surge num patamar de relevância a Câmara Municipal de Castro Verde; respetiva Junta de Freguesia e a empresa Somincor-Sociedade Mineira de Neves-Corvo, SA (entidade patrocinadora de vários eventos de âmbito escolar).

1.3. Objetivos gerais e específicos

Foram estabelecidos dois objetivos gerais: (1) Desconstruir as representações sociais negativas existentes face à pessoa idosa e (2) Promover a mudança de comportamentos discriminatórios face ao envelhecimento. Estes são os objetivos subjacentes ao projeto “Envelhecer sob um novo olhar, onde se pretende uma mudança de comportamentos e atitudes dos envolvidos, para construção de uma comunidade coesa e intergeracional. O projeto pretende cimentar os seus objetivos através do Empoderamento Comunitário; da Promoção de interação positiva e não discriminatória e da Promoção da Intergeracionalidade.

Segundo Brinkerhoff e Azfar (2006) citado por Roso e Romanini (2014), o significado original de Empoderamento Comunitário recai no “investir em poder de tomada de decisão e autoridade”, as definições de empoderamento expandiram-se para incluir: sentimento de um indivíduo ou de um grupo do sentido da eficácia e mobilização de outras pessoas com a mesma opinião para metas comuns. “Este elemento reflete uma perspetiva de empoderamento que engloba capacidades psicológicas, incluindo crenças nos direitos à cidadania, e aspirações a um futuro melhor” (Roso e Romanini, 2014, p.90). O empoderamento comunitário está relacionado à organização das comunidades para resolver problemas sociais, de acordo com Brinkerhoff e Azfar (2006), o empoderamento comunitário está, conceitualmente, diretamente relacionado à participação social (Roso e Romanini, 2014, p.90). Segundo a perspetiva apresentada por Ornelas (2008, p.47), *“o conceito de empowerment é difícil de definir, porque pode (...), assumir diferentes significados e interpretações em cada um dos diversos contextos. (...) Para a psicologia comunitária, o empowerment tem vindo a tornar-se numa área de intervenção crucial e um dos seus principais objetos de estudo, pois permite o entendimento da especificidade e qualidade das relações entre os indivíduos e a comunidade, entre as várias organizações nas comunidades e destas últimas com o sistema social e político.”* Neste projeto o empoderamento, envolve trabalhar com grupos (mais do que indivíduos) e o foco é na transformação cultural (mais do que na adaptação social). O Empoderamento Comunitário surge como ferramenta chave para o seu sucesso, com esta ferramenta pretendemos promover a interação positiva e não discriminatória, através da passagem de *“informação nova e*

positiva sobre o grupo discriminado, bem como a participação em conversas e atividades que promovam uma aproximação emocional, ajudam a alterar as ideias negativas e amplamente difundidas que as pessoas costumam ter sobre os membros de outros grupos".⁵Nesta lógica surgem os projetos educativos intergeracionais, como uma resposta à discriminação relativa ao processo de envelhecimento, apresentando-se como uma proposta socioeducativa que viabiliza uma sociedade para todas as idades, evitando a discriminação, exclusão e a formação de guetos geracionais, levando à construção de uma sociedade em que todas as gerações contribuam para uma cultura solidária. A solidariedade no grupo intergeracional é exercida no convívio com o outro e no reconhecimento da pluralidade, resultando em novos papéis, na transformação e na criação de novas imagens (Revista Portal de Divulgação, 2012,p.87). Nesse sentido, a dinamização de programas educativos que promovam as relações entre gerações devem ser entendidos como uma forma de pensar a sociedade e as políticas sociais, visando a interação de atores sociais de diferentes gerações, promovendo assim um outro olhar sobre o envelhecimento. Assim o Empoderamento constitui um dos princípios de intervenção comunitária com impacto positivo na prevenção de comportamentos e atitudes discriminatórias.

Considerando que as AEC'S consistem na oferta de um conjunto de aprendizagens enriquecedoras do currículo, ao mesmo tempo contribuem para o desenvolvimento global dos alunos, permitindo ainda o desenvolvimento de atividades pedagogicamente ricas e complementares das aprendizagens associadas à aquisição das competências básicas⁶, parece-nos o campo de atuação ideal para pôr o nosso projeto em prática.

1.4. Atividades

As atividades deste projeto são diversificadas, onde se pretende o envolvimento das várias faixas etárias, desde os jovens aos mais idosos. A intervenção na escola surge da obtenção dos resultados do estudo, onde se verificou existir uma visão pouco consistente face à pessoa idosa por parte das crianças. Assim este projeto pretende, através da sua integração nas AEC'S, contribuir para a promoção comportamentos não

⁵<http://www.leyaonline.com/pt/livros/ciencias-sociais-e-humanas/antropologia-e-sociologia/images-ebook/>, acedido em 04 de maio de 2015, às 10:50h.

⁶ Despacho nº 14460/2008, de 26 de maio, acedido em 04 de maio de 2015.

discriminatórios e desmitificar a forma como se “olha” a pessoa idosa, envolvendo os alunos, professores, família e a comunidade em geral. No âmbito destas atividades (AEC's) é possível desenvolver um vasto e diversificado leque de programas: tecnologias; atividades de leitura; ciências e ambientes; expressões artísticas e culturais; desportos individuais e coletivos; jogos de mesa; língua gestual, entre outras⁷.

Pretende-se a aplicação do projeto no ano letivo 2015/2016, se possível através de uma articulação entre o calendário escolar do Agrupamento de Escolas de Castro Verde e o calendário escolar da Universidade Sénior de Castro Verde. Pretende-se sempre que possível, que algumas das atividades desenvolvidas por cada uma das entidades, possam ser efetuadas em grupo (crianças e idosos). Por exemplo, a Universidade Sénior e a Associação Sénior de Castro Verde tem um grupo coral sénior, em contrapartida, também muitos dos alunos do ensino básico do agrupamento estão integrados no grupo coral do CRBA (Castro Verde), porque não desenvolver algumas sessões desta atividade (coro) em conjunto (crianças e idosos). Haveria aqui o propósito de estabelecer a interação intergrupala positiva e não discriminatória.

Quanto à exposição de informação contrária à discriminação, surge no sentido de desenvolver a realização de sessões de sensibilização sobre temáticas pertinentes para os alunos (principalmente), mas também às famílias e comunidade em geral, em torno do envelhecimento e a pessoas idosa, dinamizando espaços (sala de aula, biblioteca, sala polivalente, auditório, ginásio, refeitório e o recreio) e eventos dos centros escolares. Estas sessões seriam promovidas por profissionais afetos ao Agrupamento e por profissionais de outras entidades e áreas (Ex: Centro de Saúde, Lar Jacinto Faleiro). Desenvolver ainda em contexto escolar mas com abertura à comunidade, um conjunto de atividades (visitas, exposições, workshops) onde se promova a interação com pessoas idosas, para que as crianças sejam levadas a pensar numa forma de interação positiva e não discriminatória. A prática desta interação age diretamente sobre as

⁷ Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º Ciclo do Ensino Básico - Relatório Pedagógico 2010/2011 – Doc. Trabalho, acedido em 04 de maio de 2015.

atitudes das crianças, fomentando diferentes formas de comportamento e de comunicação com pessoas idosas⁸.

A comemoração do dia da Criança (1 de junho) e do dia internacional do Idoso (1 de outubro) procura promover relações de partilha e o contacto intergruppal, incentivando a participação da comunidade na realização desta comemoração. Estas comemorações podiam incidir na criação de um grupo de teatro onde se promova o conhecimento sobre o “outro”, onde as crianças possam assumir o papel de velhos e os idosos o papel de crianças, uma inversão de papéis para personificar o outro.

Dinamizar as bibliotecas da comunidade escolar e civil para publicações periódicas de notícias referentes à divulgação de atividades (a desenvolver ou já desenvolvidas), bem como a divulgação do projeto “Envelhecer sob um novo olhar”, contando com o apoio da Câmara Municipal e respetiva junta de freguesia.

1.5. Cronograma

O projeto terá início em Setembro de 2015, com duração de um ano letivo, pelo que terminará em junho de 2016. Pretende-se a integração do projeto no funcionamento letivo das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC’S). Muito embora se pretenda a sua continuidade em anos letivos seguintes, pretensão essa que só será alvo de análise depois da avaliação do impacto do projeto neste ano letivo (2015/2016).

1.6. Resultados

Os resultados desejados do projeto “Envelhecer sob um novo olhar” assentam nos objetivos traçados e nas estratégias desenvolvidas para os atingir. Pelo que se espera uma mudança de paradigma no que concerne à visão dos envolvidos face ao envelhecimento, mais concretamente, face à pessoa idosa. Que as crianças construam positivamente a imagem da pessoa idosa, que todos os envolvidos tenham um maior conhecimento sobre o processo de envelhecimento e que se estabeleçam vínculos relacionais e interrelacionais em toda a comunidade face à pessoa idosa.

⁸<http://www.leyaonline.com/pt/livros/ciencias-sociais-e-humanas/antropologia-e-sociologia/images-ebook/>, acedido em 04 de maio, às 10:50h.

1.7. Indicadores

Os indicadores serão construídos a partir dos participantes (crianças) no final de cada período letivo, relativamente às atividades realizadas, os conhecimentos adquiridos bem como a mudança de comportamentos e atitudes.

1.8. Medidas

Pretende-se uma medição quantitativa dos resultados. Para o efeito serão aplicados inquéritos e/ou escalas no final da cada período letivo. De acordo com o calendário escolar existem três interrupções para marcar o fim de cada período letivo, assim a recolher de toda a informação necessária, será efetuada em três momentos.

1.9. Sustentabilidade

A sustentabilidade do projeto vincular-se-á na manutenção de algumas estruturas formais mas sobretudo na atribuição do papel de líder a alguns participantes envolvidos em assumirem a dinamização de recursos para dar continuidade às atividades desenvolvidas no âmbito deste projeto.

1.10. Avaliação

Esta intervenção foi desenvolvida com o objetivo de reduzir os efeitos das representações sociais negativas junto das crianças. No nosso estudo, à semelhança do que está referenciado na literatura, as crianças têm uma visão pouco controversa sobre as pessoas idosas, *“percecionando-as como um grupo incompetente, ainda que afetuoso.”* Estas formas negativas de representação refletem uma forma subtil de preconceito face às pessoas idosas, e podem ter consequências significativas na forma como estas são tratadas (Marques, 2011 cit in Marques et al, 2015,p.57)⁹.

A avaliação do projeto será realizada desde o seu início, com a aplicação de inquéritos e escalas. Essa informação será recolhida em três momentos diferentes e será utilizada para facilitar a decisão do rumo da intervenção. Corroborando com Baptista (2000), *“a avaliação está presente dialeticamente em todo o processo de planeamento: quando se inicia a ação planejada, inicia-se concomitantemente sua avaliação, independentemente de sua formalização em documentos. Não é, portanto, o seu*

⁹<http://www.leyaonline.com/pt/livros/ciencias-sociais-e-humanas/antropologia-e-sociologia/images-ebook/>, acedido em 15 de maio, às 13:30h.

momento final, mas aquele em que o processo ascende a outro patamar, reconstruindo dinamicamente seu objeto, objetivos e procedimentos” (Baptista, 2000,p.113).

Os critérios de avaliação propostos pela autora, baseiam-se na eficiência, eficácia e efetividade da ação. “ (...) São critérios de eficiência, aqueles que estão relacionados com o rendimento técnico e administrativo da ação: a otimização dos recursos disponibilizados, os padrões de qualidade dos resultados (...). A eficácia é analisada a partir do estudo da adequação da ação para alcance dos objetivos e das metas previstos no planejamento e do grau em que os mesmos foram alcançados”. (...) A efetividade da ação verifica-se na medida em que existe “capacidade de dar respostas ao desafio posto pela realidade por inteiro (...) no limite do âmbito da intervenção da ação planejada” (Baptista, 2000,p.118).

O Projeto de Intervenção Comunitária “Envelhecer sob um novo olhar” será avaliado de acordo com esta perspectiva, em que os resultados serão utilizados para dar continuidade e orientar o rumo da ação interventiva. Tal como a sociedade, também a intervenção deve ser vista como um processo em constante mutação, que a qualquer momento pode ser repensada. Repensar a intervenção, representa o “*momento em que são delineadas (...) novas estratégias para a ação (...), com base nas evidências percebidas através do acompanhamento do progresso da intervenção, da análise e da avaliação dos resultados obtidos, aliados à compreensão e reformulação da capacidade real da organização para responder às demandas e para processar os apoios que recebe.*” (Baptista, 2000,p.121).

Conclusão

Este estudo de investigação assentou numa abordagem de investigação para a ação, de carácter qualitativo e quantitativo, que contou com a participação de 108 participantes, alunos estudantes do ensino básico do Agrupamento de Escolas de Castro Verde, inscritos no ano letivo 2014/2015.

Esta investigação permitiu-nos perceber como é vista a pessoa idosa à luz das crianças, permitiu-nos ainda verificar se as representações construídas são maioritariamente negativas ou positivas e se estas diferem na sua construção quanto a questões, como: o género, a idade, a proveniência de meio rural e/ou urbano, bem como se existe ou não convívio/vivência com pessoas idosas.

Os principais resultados revelam que as crianças deste estudo têm uma representação que não está claramente definida da pessoa idosa, existe aqui uma visão paradoxal acerca da pessoa idosa. Através dos resultados gerais do TALP obtivemos uma visão negativa face à pessoa idosa e através da escala de perceções da pessoa idosa obtivemos resultados que mostram uma visão positiva. Contudo se analisarmos o TALP por dimensões (física, psicológica e social), verificamos que na dimensão psicológica a pessoa idosa é “olhada” positivamente. Já quanto à escala se analisarmos algumas das questões isoladamente, verificámos que existe uma imagem negativa numa perspectiva física, em que a maioria dos alunos considera que envelhecer significa perder capacidades físicas, ou seja, o envelhecimento é um processo fortemente marcado pelo declínio físico.

Os resultados do TALP são corroborados pela literatura que aponta para a existência de uma visão pouco consistente sobre as pessoas idosas, *“percecionando-as como um grupo incompetente, ainda que afetuoso.”*¹⁰ Estas formas negativas de representação refletem uma forma subtil de preconceito face às pessoas idosas, e podem ter consequências significativas na forma como estas são tratadas (Marques, 2011 cit in Marques et al,2015). Já os resultados da escala, no geral, apresenta uma visão positiva,

¹⁰<http://www.leyaonline.com/pt/livros/ciencias-sociais-e-humanas/antropologia-e-sociologia/images-ebook/>, acedido em 14 de abril, às 17:00h.

contudo se algumas das questões forem observadas isoladamente, confirmam-se aspetos fortemente negativos (Marques et al,2015,p.57).

Constata-se que relativamente às representações face às pessoas idosas, não existe uma opinião consensual, e segundo Oliveira (2012) citando Mauritti (2004) e Neri (2006) existem dois grupos de representações sobre a velhice e o envelhecimento, a saber: abordagem da velhice negativa (como situações de pobreza, solidão, doença, dependência, idosos desprovidos de interesse) e a abordagem com vertente mais positiva (liberdade, maior estabilidade económica, mais disponibilidade e tempo para o lazer). De acrescentar, “a construção das imagens dominantes – positivas ou negativas – sobre a velhice, não têm uma relação direta com o processo físico de envelhecimento, mas sim, com o contexto histórico e económico. O mesmo corpo envelhecido pode ter representações totalmente diferentes. A velhice, muito mais que um conceito biológico, é uma construção social” (Bazo, 1996 e Fonte, 2002, cit in Oliveira,2012,p.20).

Acreditamos que é na procura de soluções que permitam atuar, fundamentalmente, ao nível da prevenção, que se deve investir para que, num futuro próximo, casos de idosos a viver situações de exclusão sejam apenas imagens do passado. Pelo que a intergeracionalidade foi o conceito de inspiração para a proposta de intervenção definida, com o qual se pretende alicerçar as representações positivas existentes e quebrar com os aspetos negativos construídos e em construção.

Apesar de serem múltiplos os direitos dos idosos, já consagrados na moldura legislativa, infelizmente alguns deles não são cumpridos nem respeitados no nosso país. Cabe, portanto, à sociedade assumir a defesa dos concidadãos idosos, com base numa solidariedade intergeracional consciente e sem reservas, deixando, assim, a terceira idade de ser objeto de olhares pejorativos e passar a ser respeitada, pois, ao fazermos-lo, estamos de certa forma a cuidar de nós próprios e de todos aqueles que um dia atingirão tal condição (Martins e Santos, 2008, p.8).

Cabe às próprias instituições, identificar profissionais capazes de desenvolver projetos no sentido de promover nos mais novos o entendimento sobre a importância dos mais velhos, pois serão eles os nossos “velhos” de amanhã. Na nossa perspectiva a escola é

um local privilegiado para o início de um “novo olhar” face à pessoa idosa, em que a importância dada aos idosos seja um marco fundamental.

Os estudos sobre as representações sociais sobre os idosos, não é uma temática ainda muito explorada junto das crianças, ficando aqui um ponto de partida para que sejam futuramente aplicados este tipo de estudo a outros contextos com outras crianças, focalizados nos aspetos relacionados com as representações sobre a pessoa idosa.

Como já foi referido no início deste trabalho, o envelhecimento da população é uma realidade, bem como o número crescente de pessoas idosas na sociedade, e sendo a criança de hoje o “velho” de amanhã, é fundamental que esta possa melhor compreender o processo de envelhecimento de forma a construir no futuro medidas promotoras de atitudes e comportamentos não discriminatórios face ao processo de envelhecimento, levando à construção de uma sociedade em que todas as gerações contribuam para uma cultura solidária.

Referências Bibliográficas

Anastasi, A., *Psychological testing*. New York: McMillan, 1990.

Andrade, A. N., *A criança na sociedade contemporânea: do 'ainda não' ao cidadão em exercício*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

Bardin, L., *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

Baptista, M.V., *Panejamento Social*, São Paulo: Veras, 2000.

Beauvoir, S., *A velhice*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Cabrillo, F. e Cachafeiro, M. L., *A revolução grisalha*. Lisboa: Planeta Editora, 1992.

Capucha, Luís, *Envelhecimento e políticas sociais: novos desafios aos sistemas de protecção*. Editora Coimbra, 2005.

Carvalhosa, S. F. et al., *Modelo lógico de um programa de intervenção comunitária – GerAções*. *Análise Psicológica*, 3 (XXVIII): 479-490, 2010.

Catita, P.A.L., *As Representações Sociais dos Enfermeiros do Serviço de Urgência face ao doente Idoso*. Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

Costa, A. B., *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1998.

Costa, P. L. O. N., *Estatística*. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

Costa S. M. e Freitas, S. A., *As representações Sociais Sobre a Velhice*. *Interfaces da Educ. Paranaíba*, v. 1, n. 2, p. 16-27, 2010.

Cronbach, L.J., *Coefficient alpha and the internal structure of tests*. *Psychometrika*.16,297-334, 1951.

Despacho n.º 14 460/2008, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 100, de 26 de Maio de 2008.

DeVellis, R.F., *Scale Development. Theory and applications*. London: Sage Publications, 1991.

E+cadernos: *Notas sobre avaliação: modelos lógicos*, 2009. (ONLINE) Disponível em URL: <file:///C:/Users/BEJ1035/Downloads/file587.pdf>. . Acesso em 12 de abril de 2015.

Fernandes, R. M., *Representações sociais dos idosos acerca dos maus-tratos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional De Braga, Faculdade De Ciências Sociais, 2011.

Ferreira et al., *Avaliação multidimensional em idosos*. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Mar da Palavra – Edições, Lda., Coimbra. ISBN 972-8910-15-0, 2006.

Ferreira, J., *Ferramentas/Instrumentos para Práticas Intergeracionais em diferentes contextos Sociais*. Revista Intervenção Social nº36, Instituto Superior de Serviço Social, Universidade Lusíada, Lisboa, 2010.

Fortin, M., *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures, Lusociência, 1999.

Fortin, M., *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures, Lusodidacta, 2009.

Freire, I., *Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação*. Educuer: Revista de educação, Vol.3(2), 2011.

Freitas, M.C. e Ferreira, M.A., *Velhice e Pessoa Idosa: Representações Sociais de Adolescentes Escolares*. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 21(3):(08 telas), maio-jun.2013.

Freitas, C. M. S. M., et al., *Identidade do Idoso: Representações no discurso do corpo que envelhece*. Estud. interdiscipl. envelhec., Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 19-35, 2012.

Freixas, A., Luque, B., e Reina, A., *Critical feminist gerontology: In the back room of research*. Journal of Women & Aging, 24, 44-58, 2012.

Giddens, A., *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian, 7ª Edição, 2010.

Guerra, I., *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção*. Cascais: Principia, 2000.

Guimarães, R. C. e Sarsfield Cabral, J. A., *Estatística*, 2ª Edição. Verlag Dashöfer, 2010.

Hérbert, L., et al., *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Artes Gráficas Lda., 1994.

Hill, M., e Hill, A., *Investigação por questionário* (2a ed.). Lisboa: Sílabo, 2002.

Instituto Nacional de Estatística (INE). I.P., *Revista de Estudos Demográficos nº 48*. Lisboa, 2011.

Instituto Nacional de Estatística (INE). I.P., *Revista de Estudos Demográficos nº 50*. Lisboa, 2013.

Instituto Nacional de Estatística (INE). I.P., *Revista de Estudos Demográficos nº 51-52*. Lisboa, ISSN 1645-5657, 2013.

Lopes, E.S.L. e Park, M.B., *Representação Social de crianças acerca do velho e do envelhecimento*. Estudos de Psicologia. 12(2). 141-148. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

Magalhães, C. P., *Estereótipos acerca das pessoas idosas em estudantes do ensino superior, no distrito de Bragança*. Campus Universitário Viriato. Zamora (Espanha) de 21 a 24 de Abril, 2010.

Magalhães, D. N., *Intergeracionalidade e cidadania*. In: PAZ, Serafim. Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS-ANG/RJ, 2000.

Marques, J., Mollá, D. e Salcedo, S., *A Sociedade Atual*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

Marques, S., *Discriminação da terceira idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.

Marques, S. et al., *Ebook: A Idade somos todos nós. Programa de intervenção de promoção de imagens positivas de envelhecimento em crianças e adolescentes*. Santa Cada da Misericórdia de Lisboa, 2015.

Maroco, J., *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. 5.ª Edição. Edições Report Number, 2011.

Martins, R. M. L. e Santos, A. C. A., *Ser Idoso Hoje*.inMillenium. - Viseu. - ISSN 0873-3015. - Ano 12, nº 35 (Novembro),2008.

Martins, C. F., *Velhos? Não. Somos todos contemporâneos*. Público, 14 julho, 2013.

Martinez, Y. L. H. N., *A visão do jovem Manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia, 2007.

Moscovici, S., *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Muñiz, J., Fidalgo, A.M., García-Cueto, E., Martinez, R.J. & Moreno, R., *Análisis de los ítems*. Madrid: La Muralla, 2005.

Muñiz, J., *Teoria clássica de los tests*. Madrid: Pirâmide, 2003.

Nazarett, J. M., *Crescer e Envelhecer: Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Editorial Presença, Lisboa, 2009.

Netto, M. P., *Gerontologia- A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo, Editora Atheneu, 2000.

Neves, C. F. O., *Estereótipos Sobre Idosos: Representação Social em Profissionais que trabalham com a terceira idade*. Tese de Mestrado em Gerontologia, Universidade da Beira Interior, 2012.

Nóbrega, S.M. e Coutinho, M.P.L., *O teste de associação livre de palavras*. Representações Sociais: abordagem interdisciplinar. Editora Universitária/UFPB, p.67-77, 2003.

Nunes, L. N. V., *Promoção do Bem-Estar Subjetivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Universidade de Coimbra – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2009.

Nunnally, J.C., *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill, 1978.

Oliveira, L. S. P., *Atitudes Sexuais e Idadismo na Terceira Idade*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2012.

Organização Mundial da Saúde, *Global report on falls prevention in older age*, 2002. http://www.who.int/ageing/publications/Falls_prevention7March.pdf. Acesso em novembro de 2014.

Ornelas, J. *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século, 2008.

Ornelas, J. e Moniz, V.M., *Contributos da Psicologia Comunitária para a Inovação em Políticas Públicas*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010.

Osório, A. R. e Pinto, F. C., *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa*. Instituto Piaget – Horizontes Pedagógicos, Lisboa, 2007.

Organização das Nações Unidas, *Direitos humanos e serviço social: manual para escolas e profissionais de serviço social*. Lisboa, 1999.

Paratela, M. F. e Correa, M. R., *Envelhecimento Humano: Desafios Biopsicossociais*. Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM, 2011.

Paúl, M. C., *Lá para o fim da vida: Idosos, família e meio ambiente*. 1ª Ed. Coimbra: Almedina, 1997.

Paúl, C., *Tendências atuais e desenvolvimento futuros da Gerontologia*. Manual de gerontologia, In C. Paúl e O. Ribeiro (Coord.), Lisboa: Lidel, 2012.

Pino, A., *A criança e seu meio: Contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação*. Psicologia USP, São Paulo, 2010, 21(4), 714-756.

Projecto SiforAGE, Centro de Investigação e Intervenção Social do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML),2015. Disponível em URL: <http://www.levaonline.com/pt/livros/ciencias-sociais-e-humanas/antropologia-e-sociologia/images-ebook/>. Acesso em 14 de abril de 2015.

Quivy, R. e Campenhoudt, L.V., *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva – 4ª edição, 2005.

Ramos, A. C., *O Corpo-bagulho: Ser velho na perspectiva das crianças*. Educação e Realidade, 2009.

Relatório Pedagógico 2010/2011 – Doc. Trabalho, *Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º Ciclo do Ensino Básico*, CAP – Comissão de Acompanhamento do Programa, 2011.

Revista Portal de Divulgação, nº28. Ano III, 2012.

Ribeiro, J., *Metodologia de Investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora, 2007.

Roso, A. e Romanini, M., *Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico*. Psicologia e Saber Social, 3(1), 83-95, 2014.

Santos, V.B., *Representações Sociais do Envelhecimento construídas por Adolescentes e Idosos*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2010.

Sêga, R. A., *O Conceito de Representação Social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici, Anos 90*. Porto Alegre, n.13, julho de 2000.

Sequeira, A. e Silva, M., *O bem-estar da pessoa idosa em meio rural*. Análise Psicológica, Jul., 2002.

Serafim, F. M. M. P., *Promoção do Bem-Estar Global na População Sénior - práticas de intervenção e desenvolvimento de atividades físicas*. Dissertação de Mestrado, Ciências da Educação, Universidade do Algarve, 2007.

Silva, A. H.e Fossá, M. I. T., *Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos*. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília, 2013.

Silva, A. P., *A percepção de qualidade de vida do idoso institucionalizado*. Universidade Fernando Pessoa – Faculdade de Ciências da Saúde. Porto, 2011.

Villas Bôas, L.P.S., *Uma Abordagem da Historicidade das Representações Sociais*. Cadernos de Pesquisa, v.40. n.140, p.379-405, maio/ago., 2010.

Whitaker, D.C.A., *O Idoso na Contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 179-188, mai.-ago. 2010.

Zimerman, G. I., *Velhice, Aspectos Biopsicossociais*. São Paulo, Brasil, Verbo, 2000.

Apêndices

Apêndice I

Pedido de colaboração na investigação à direção do Agrupamento de
Escolas de Castro Verde

Castro Verde, 09 de setembro de 2014

Assunto: Pedido de autorização para a realização de um trabalho de investigação.

Exmo. (s) Senhor (s):

Diretor do Agrupamento de escolas de Castro Verde

Prof. Augusto Candeias

Eu, Isabel Valente Pereira, aluna do Mestrado em Psicogerontologia Comunitária no Instituto Politécnico de Beja, na Escola Superior de Educação, venho por este meio solicitar a V. colaboração no desenvolvimento do estudo de dissertação do mestrado, intitulado "Envelhecer sob um novo olhar: A Representação Social da criança face à pessoa idosa".

Este estudo visa compreender que representação social da criança face à pessoa idosa. Pretende-se recolher informação junto dos alunos das turmas do 4º ano do ensino básico de Castro Verde.

Deste modo, o que solicito mais precisamente é a vossa autorização para que possa aplicar aos alunos um teste de associação livre de palavras e um questionário com questões relacionadas com pessoa idosa.

Os dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados

Sem outro assunto de momento, subscrevo-me com a mais elevada e estima consideração, agradecendo, desde já, a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

(Isabel Valente Pereira)

Email: isapereira35@gmail.com

Apêndice II

Consentimento Informado aos alunos e encarregados de educação

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Isabel Valente Pereira, aluna do Curso de Mestrado em Psicogerontologia Comunitária, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja, estou a desenvolver a tese de mestrado intitulada “Envelhecer sob um novo olhar – As Representações Sociais da Criança face à Pessoa Idosa” sob orientação do Professor Dr. José Pereirinha Ramalho.

O objetivo deste estudo é identificar quais as representações sociais construídas pelas crianças em relação aos idosos.

Neste âmbito estou a proceder à recolha de dados para a qual solicito a colaboração do seu educando para o preenchimento de um questionário. Todas as informações fornecidas permanecerão confidenciais e serão utilizadas apenas para o estudo em questão.

A participação neste estudo é completamente voluntária, e poderá a qualquer momento que entenda desistir da mesma, sem qualquer prejuízo.

Se autorizar a participação do seu educando, por favor assine no espaço abaixo. Obrigada pela sua colaboração e atenção.

Assinatura: _____

Eu, _____, na qualidade de encarregado de educação do aluno _____ turma: _____, fui esclarecido(a) sobre o estudo intitulado “Envelhecer sob um novo olhar – As Representações Sociais da Criança face à Pessoa Idosa” e autorizo a participação do meu educando no mesmo.

Assinatura: _____

_____, ____ de _____ de 2014.

Apêndice III

Teste de Associação livre de Palavras.

Inquérito por Questionário

Escala de Perceções face às pessoas idosas

Estimado aluno,

Estou a realizar um trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Psicogerontologia Comunitária, sobre “As Representações Sociais da criança face à pessoa idosa”. Para tal, gostaria de contar com a tua colaboração, respondendo a este questionário.

Solicito o favor de o preencheres, lendo atentamente e respondendo a todas as questões.

Não existem respostas certas ou erradas pelo que te peço que respondas o mais honestamente possível a cada questão. Se não tiveres a certeza da resposta a alguma questão dá a que te pareça mais conveniente, mas não deixes nenhuma questão por responder.

As tuas opiniões e experiências são muito importantes para a realização deste trabalho.

As respostas são confidenciais e para uso exclusivo desta investigação, pelo que não tens que colocar o teu nome em nenhuma página deste questionário.

Agradeço desde já a tua colaboração!

Isabel Pereira

PARTE I - Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)

Escreve as primeiras quatro palavras que te vêm à cabeça quando ouves a palavra:

“Idoso”: _____

Agora assiná-la 2 palavras com um (X) que consideras mais importantes.

Escreve as primeiras quatro palavras que te vêm à cabeça quando ouves a palavra:

“Velho”: _____

Agora assiná-la 2 palavras com um (X) que consideras mais importantes.

PARTE II - Questionário

1 – Dados pessoais

Coloca uma cruz (X) na opção que melhor se adequa á situação e escreve a tua resposta nos espaços em branco.

1.1. Sexo

- a) Masculino
- b) Feminino

1.2. Idade _____ anos

1.3. Localidade onde moras: _____

1.4. Vives com pessoas idosas (pessoas com idade igual ou superior a 65 anos) na tua habitação?

- a) Sim
- b) Não

Se respondes-te que sim, indica o número de idosos _____ e parentesco _____ .

Se respondes-te que não, responde á seguinte questão.

1.5. Convives ou contactas com pessoas idosas?

- a) Sim
- b) Não

Se respondes-te que sim, indica com que frequência?

- Todos os dias
- Semanalmente
- Mensalmente
- Anualmente (nas férias)

2 – Perceções acerca das pessoas idosas.

Assinala com uma cruz (X) a resposta que corresponde à tua opinião, tendo em consideração os quatro graus de opinião:

Graus de Opinião	1	2	3	4
	Discordo	Discordo	Concordo	Concordo
Questões				
Q01 - Para ti ser idoso significa ser doente.				
Q02 - As pessoas idosas não são capazes de mudar e adaptar-se a novas situações.				
Q03 - As pessoas idosas sofrem mais de solidão que os jovens.				
Q04 - As pessoas idosas são poços de sabedoria.				
Q05 - As pessoas idosas geralmente são pessoas tristes.				
Q06 - As pessoas idosas já não produzem nada.				
Q07 - As pessoas idosas já não são capazes de aprender coisas novas.				
Q08 - Pensar na velhice significa pensar na morte.				
Q09 - Envelhecer significa perder capacidades físicas.				
Q10 - As pessoas idosas não são capazes de pensar com clareza.				
Q11 - As pessoas idosas podem ser muito úteis à sociedade.				
Q12 - Os idosos são pessoas deprimidas.				
Q13 - As pessoas idosas temem as novas tecnologias.				
Q14 - A maioria dos idosos tem demência (doenças mentais)				
Q15 - Quando vês rugas da pele lembra-te pessoas idosas.				
Q16 - As pessoas idosas tendem a assemelhar-se em comportamentos.				
Q17 - Ser idoso significa ter menos capacidades psicológicas.				
Q18 - Entrar na velhice significa voltar à infância.				
Q19 - Pensar em velhice significa pensar em abandono.				
Q20 - Ser idoso significa não ter nada para fazer.				
Q21 - Ser idoso é sinónimo de exclusão social.				
Q22 - Ser idoso significa necessidade de maior atenção.				
Q23 - Ser idoso significa necessidade de maior preocupação.				
Q24 - Ser idoso significa perder a capacidade de memória.				
Q25 - Os idosos podem ser bons cuidadores de crianças.				
Q26 - Ser idoso significa ter maior experiência de vida.				
Q27 - Quando pensas numa pessoa idosa recorda-te alguém com óculos e/ou bengala.				
Q28 - Os idosos não devem desempenhar tarefas que exigem maior habilidade manual.				
Q29 - Os idosos devem evitar manipular máquinas.				
Q30 - Envelhecer significa tornar-se menos inteligente.				
Q31 - Ser idoso significa ter cabelos brancos.				
Q32 - Regra geral as pessoas idosas são feias.				
Q33 - A maioria dos idosos não aceita a opinião dos outros.				
Q34 - A maioria das pessoas idosas não sabe ler nem escrever.				
Muito obrigado pela tua colaboração!				

Apêndice IV

Tabela - Associação entre as Palavras e cada Dimensão do Teste Associação Livre de Palavras (TALP)

Associação entre as Palavras e cada Dimensão do TALP

Idoso		Físico		Psicológico		Social		Positivo		Negativo	
0	Sem inform.	0	Sem inform.	0	Sem inform.	0	Sem inform.	0	Sem inform.	0	Sem inform.
1	Ajuda					1	Ajuda	1	Ajuda	1	Ajuda
2	Amigo					2	Amigo	2	Amigo		
3	Antigo					3	Antigo			3	Antigo
4	Avó/Avô					4	Avó/Avô	4	Avó/Avô		
5	Bengala	5	Bengala							5	Bengala
6	Bonito	6	Bonito					6	Bonito		
7	Brincalhão					7	Brincalhão	7	Brincalhão		
8	Calmo			8	Calmo			8	Calmo		
9	Carinhoso					9	Carinhoso	9	Carinhoso		
10	Contador					10	Contador	10	Contador		
11	Conversador					11	Conversador	11	Conversador		
12	Doente	12	Doente							12	Doente
13	Dores	13	Dores							13	Dores
14	Engraçado			14	Engraçado			14	Engraçado		
15	Familia					15	Familia	15	Familia		
16	Fraco	16	Fraco							16	Fraco
17	Giro	17	Giro					17	Giro		
18	Grande	18	Grande					18	Grande		
19	Idade					19	Idade			19	Idade
20	Importante					20	Importante	20	Importante		
21	Lar					21	Lar			21	Lar
22	Lento	22	Lento							22	Lento
23	Maravilhoso			23	Maravilhoso			23	Maravilhoso		
24	Necessitado	24	Necessitado							24	Necessitado
25	Numeroso					25	Numeroso			25	Numeroso
26	Perguntador			26	Perguntador					26	Perguntador
27	Pessoa velha	27	Pessoa velha							27	Pessoa velha
28	Pobre					28	Pobre			28	Pobre
29	Protetor					29	Protetor	29	Protetor		
30	Querido					30	Querido	30	Querido		
31	Reforma					31	Reforma			31	Reforma
32	Resmungão			32	Resmungão					32	Resmungão
33	Respeito					33	Respeito	33	Respeito		
34	Sábio			34	Sábio			34	Sábio		
35	Senhor	35	Senhor			35	Senhor	35	Senhor		
36	Simpático			36	Simpático			36	Simpático		
37	Torto			37	Torto					37	Torto
38	Trabalhador					38	Trabalhador	38	Trabalhador		
39	Tradição					39	Tradição	39	Tradição		
40	Tristonho			40	Tristonho					40	Tristonho
41	Vaidoso	41	Vaidoso					41	Vaidoso		
42	Velhinho					42	Velhinho			42	Velhinho
43	Velho					43	Velho			43	Velho
44	Velhote					44	Velhote			44	Velhote
45	Abandono					45	Abandono			45	Abandono
46	Alegre			46	Alegre			46	Alegre		
47	Amável			47	Amável			47	Amável		
48	Atenção	48	Atenção							48	Atenção
49	Campo					49	Campo			49	Campo
50	Cemitério					50	Cemitério			50	Cemitério
51	Chato			51	Chato					51	Chato
52	Cuidadoso			52	Cuidadoso			52	Cuidadoso		
53	Desabitado			53	Desabitado					53	Desabitado
54	Desanimado			54	Desanimado					54	Desanimado
55	Descanso					55	Descanso	55	Descanso		
56	Dorminhoco					56	Dorminhoco			56	Dorminhoco
57	Egoísta			57	Egoísta					57	Egoísta
58	Envelhecer	58	Envelhecer							58	Envelhecer
59	Feio	59	Feio							59	Feio
60	Idoso					60	Idoso	60	Idoso		
61	Inocente			61	Inocente					61	Inocente
62	Lindo	62	Lindo					62	Lindo		
63	Malcriado					63	Malcriado			63	Malcriado
64	Maluco			64	Maluco					64	Maluco
65	Muletas	65	Muletas							65	Muletas
66	Morte	66	Morte							66	Morte
67	Pessoa					67	Pessoa	67	Pessoa		
68	Pobre					68	Pobre			68	Pobre
69	Rabugento			69	Rabugento					69	Rabugento
70	Raro					70	Raro			70	Raro
71	Rugas	71	Rugas							71	Rugas
72	Sem graça					72	Sem graça			72	Sem graça
73	Tempo					73	Tempo	73	Tempo		
74	Triste			74	Triste					74	Triste
75	Velhaco			75	Velhaco					75	Velhaco
76	Velhice					76	Velhice			76	Velhice
77	Vida					77	Vida	77	Vida		
78	Esperto			78	Esperto			78	Esperto		
79	Gênio			79	Gênio			79	Gênio		
80	Experiente			80	Experiente			80	Experiente		
81	Responsável			81	Responsável			81	Responsável		

Idoso		Físico		Psicológico		Social		Positivo		Negativo	
82	Paciente			82	Paciente			82	Paciente	83	Carenciado
83	Carenciado					83	Carenciado				
84	Conhecimento			84	Conhecimento			84	Conhecimento		
85	Bondoso			85	Bondoso			85	Bondoso		
86	Curioso			86	Curioso					86	Curioso
87	Memória reduzida	87	Memória Reduzida							87	Memória reduzida
88	Baixo	88	Baixo							88	Baixo
89	Branco	89	Branco							89	Branco
90	Incrível					90	Incrível	90	Incrível		
91	Divertido					91	Divertido	91	Divertido		
92	Gordo	92	Gordo							92	Gordo
93	Inquieto/Impaciente			93	Inquieto/Impaciente					93	Inquieto/Impaciente
94	Saúde	94	Saude					94	Saude		
95	Honesto			95	Honesto			95	Honesto		
96	Preguiçoso					96	Preguiçoso			96	Preguiçoso
97	Problemas/Dificuldades					97	Problemas/Dificuldades			97	Problemas/Dificuldades
98	Sozinho					98	Sozinho			98	Sozinho
99	Amor					99	Amor	99	Amor		
100	Leal			100	Leal			100	Leal		
101	Lendas					101	Lendas	101	Lendas		
102	Caixão					102	Caixão			102	Caixão
103	Religioso					103	Religioso	103	Religioso		
104	Pedinte					104	Pedinte			104	Pedinte
105	Corcunda	105	Corcunda							105	Corcunda
106	Audição reduzida	106	Audição reduzida							106	Audição reduzida
107	Visão reduzida	107	Visão reduzida							107	Visão reduzida
108	Irritante			108	Irritante					108	Irritante
109	Coxo	109	Cocho							109	Cocho
110	Educado			110	Educado			110	Educado		
111	Acamado	111	Acamado							111	Acamado
112	Descuidado	112	Descuidado							112	Descuidado
113	Convencido			113	Convencido					113	Convencido
114	Asseado	114	Asseado					114	Asseado		

Anexos

Anexo I

Escala de Perceções (Original)

Anexo II

Parecer do Agrupamento de Escolas de Castro Verde

PARECER

Na sequência do pedido de autorização para desenvolver o estudo de dissertação de mestrado, intitulado "Envelhecer sob um novo olhar: A Representação Social da criança face à pessoa idosa", enviado por Isabel Valente Pereira, aluna do Mestrado em Psicogerontologia Comunitária no Instituto Politécnico de Beja, na Escola Superior de Educação, o meu parecer é favorável à realização do mesmo junto dos alunos do 4º ano deste Agrupamento.

Castro Verde, 4 de março de 2015

O Diretor

(António Augusto Rita Candeias)

